



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ELISMAR VICENTE DOS REIS

**PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS E O  
COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO:  
ESTUDO DA GERAÇÃO Z**

---

Londrina  
2015

ELISMAR VICENTE DOS REIS

**PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS E O  
COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO:  
ESTUDO DA GERAÇÃO Z**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Inês Tomaél.

Londrina  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Reis, Elismar Vicente dos.

Plataformas infocomunicacionais e o compartilhamento da informação: estudo da Geração Z / Elismar Vicente dos Reis. - Londrina, 2015.  
156 f. : il.

Orientador: Maria Inês Tomaél.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Compartilhamento da informação - Teses. 2. Plataformas infocomunicacionais - Teses. 3. Análise de redes sociais - Teses. 4. Ação coletiva - Teses. I. Tomaél, Maria Inês. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

ELISMAR VICENTE DOS REIS

**PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS E O  
COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO:  
ESTUDO DA GERAÇÃO Z**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

**BANCA EXAMINADORA**



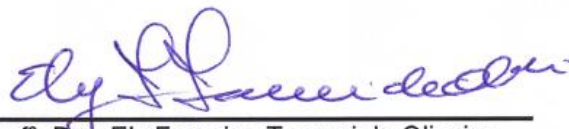
---

Profª. Dra. Maria Inês Tomaél  
Universidade Estadual de Londrina - UEL



---

Profª. Dra. Adriana Rosecler Alcará Engelmann  
Universidade Estadual de Londrina - UEL



---

Profª. Dra. Ely Francina Tannuri de Oliveira  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho – UNESP/Marília-SP

Londrina, 08 de Dezembro de 2015.

Dedico este trabalho a Aparecido Vicente dos Reis, meu pai, *in memoriam*. Palavras não podem expressar sentimentos, mas entendo que não faria sentido dedicar a outra pessoa. No momento em que perdemos você, imaginei que não conseguiria mais carregar o fardo, parecia não ter propósito seguir em frente com os estudos. Algum tempo depois, ainda com o coração dilacerado, triste e desconfiado das providências Divinas tentei me reerguer e encontrei forças nas lembranças dos momentos felizes que passei ao seu lado. Busquei também nas escrituras motivos para continuar lutando e espero ter conseguido, espero ter honrado seu nome. É para você meu pai, um homem que mesmo sem frequentar os bancos acadêmicos, deixou-me muitos ensinamentos que carrego e carregarei sempre em minha vida, mas seu principal legado se chama honestidade. Que Deus o tenha.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à minha orientadora, Maria Inês Tomaél pela paciência, por não me deixar desistir quando o mundo parecia ter desabado e por todo ensinamento que me passou durante o projeto. Obrigado pela serenidade, pelas correções intermináveis e por sempre me transmitir calma quando tudo parecia errado.

À minha eterna namorada, Aline Luqui Afonso, que se fez esposa no andamento deste trabalho e passou a dividir comigo os problemas e as urgências da vida acadêmica. Sempre me esperou com carinho e compreendeu o significado de compartilhar o tempo. Minha companheira, minha amada, meu porto seguro, quem me instiga às lutas diárias.

À minha mãe que sempre acreditou em mim. Meus irmãos, parceiros das brincadeiras, risadas e conversas. Meus sobrinhos e sobrinhas, fontes inspiradoras de ternura e felicidade.

Agradeço a todos os amigos que conheci nessa turma, com quem tive o prazer de conviver durante algum tempo. Em especial aos que dividiram as caronas, as risadas e angústias da caminhada: Welk, Tomita, Eurides e Eliane, vocês sempre serão lembrados.

*"Se as pessoas forem esclarecidas, atuantes e se comunicarem em todo o mundo; se as empresas assumirem sua responsabilidade social; se os meios de comunicação se tornarem mensageiros, e não apenas mensagem; se os atores políticos reagirem contra a descrença e restaurarem a fé na democracia; se a cultura for reconstruída a partir de experiências; se a humanidade sentir a solidariedade da espécie em todo o globo; se consolidarmos a solidariedade inter-regional, vivendo em harmonia com a natureza; se partirmos para exploração de nosso ser interior, tendo feito as pazes com nós mesmos. Se tudo isso for possibilitado por nossa decisão bem informada, consciente, compartilhada, enquanto ainda há tempo, então talvez, finalmente possamos ser capazes de viver, amar e ser amados".*

**Manuel Castells.**

REIS, Elismar Vicente dos. **Plataformas infocomunicacionais e o compartilhamento da informação**: estudo da Geração Z. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina. 2015.

## RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar a participação da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais e as ações decorrentes do compartilhamento da informação. O estudo foi realizado com alunos dos 3º e 4º anos do Instituto Federal do Paraná (IFPR), escola de ensino médio da cidade de Jacarezinho, no norte do Estado. Para averiguar os objetivos de modo mais consistente, o trabalho se valeu de abordagens quantitativas e qualitativas. Num primeiro momento, utilizamos o método de pesquisa de Análise de Redes Sociais (ARS). Tal análise permite diagnosticar o nível de interação e compartilhamento de informação nas plataformas infocomunicacionais, presentes de forma habitual na vida dos integrantes da Geração Z. Em seguida, empregamos a técnica de Grupo Focal (GF) e a análise da segunda etapa foi feita por temas e categorias, fundamentada na análise de conteúdo. Os resultados demonstram que as redes sociais em plataformas infocomunicacionais potencializam as mobilizações coletivas, mas não têm o poder de direcionar atitudes da Geração Z, pois esses indivíduos prezam o contato pessoal como forma de aproximação dos laços virtuais. A presença nos ambientes digitais é uma conduta usual que lhes proporciona acesso, compartilhamento de informação e interações comunitárias constantes, procedimentos que apontam para as frequentes trocas de dispositivos e plataformas, considerados apenas como facilitadores desse processo. A classificação dos atores como pertencentes à Geração Z apresenta peculiaridades inerentes às cidades interioranas de pequeno porte. Os integrantes dessa geração compartilham os mais variados tipos de informação nas redes sociais, entretanto, categorizam em “informações importantes” aquelas que julgam ler e dispensar maior atenção e “informações pouco interessantes” aquelas que são apenas visualizadas. A Geração Z considera valioso o compartilhamento da informação e apresenta propensão a atuar coletivamente, entretanto, as coletividades estão pautadas no envolvimento e participação ativa nas mobilizações, destacando o papel do ser humano ante o avanço tecnológico. O medo da “desconexão” é de se tornarem sujeitos mal informados e distantes de pessoas que consideram importantes. No âmbito do IFPR, é possível levantar os atores mais influentes nas redes sociais segmentadas, com vistas a formar um novo grupo, que pode compartilhar os conteúdos considerados relevantes em cada rede de origem. Com a utilização da ARS propomos um modelo de aproveitamento desse tipo de organização social em rede para eventual planejamento das ações infocomunicacionais em diversas instituições.

**Palavras-chave:** Compartilhamento de informação. Plataformas infocomunicacionais. Análise de Redes Sociais. Ações coletivas. Geração Z.

REIS, Elismar Vicente dos. **Infocommunicative platforms and sharing of information: study of Generation Z**. Dissertation (Masters in Information Science) - University of Londrina. 2015.

## ABSTRACT

This research aimed at analyzing the participation of Generation Z in infocommunicative platforms and the actions arising from the sharing of information. The study was conducted with high school students from the 3th and 4th years at the Federal Institute of Paraná (IFPR), a school located in the city of Jacarezinho, in the North of Paraná state. In order to execute the objectives in a more consistent way the work dealt with both quantitative and qualitative approaches. At first we used the method of Social Network Analysis (SNA). Such analysis allows the measurement of the level of interaction and information sharing in infocommunicative platforms as present on a regular basis in the lives of Generation Z individuals. Then we used the focus group technique (GF) working with topics and categories as based on content analysis. Results show that social networks infocommunicative platforms enhance the collective mobilizations but do not have the power to direct attitudes of Generation Z. In time: those individuals appreciate personal contact in order to strengthen the virtual ties. The involvement of these individuals in digital environments is a common behavior that provides them with access to information, sharing of this information and constant group interaction. These procedures are related to the frequent switches between different devices and platforms that work as facilitators of this process. The classification of the individuals studied as pertaining to generation Z is related to specificities of small towns, as the one where the study was performed. The members of this Generation share all kinds of information on social networks, however, categorize the "important information" which they deem to read and give greater attention and "little interesting information", which are only displaying. The Generation Z considers valuable the sharing of information and tends to act collectively. Nevertheless, collectivities are based on the involvement and active participation on the mobilizations, highlighting the role of the human being on the technological advance. The fear of "disconnection" is the fear of being unaware individuals and distant from people considered as important. Within the ambit of the IFPR it is possible to survey the most influent actors in selected social networks in an attempt to form a new group who can share the contents considered as relevant in each original network. By using ARS we proposed a model to benefit from this kind of social organization network for possible planning of the infocommunicative actions in various institutions.

**Keywords:** Sharing information. Infocommunicative platforms. Social Network Analysis. Collective action. Generation Z.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 – Diagrama da rede do 3º ano .....                      | 92  |
| Figura 2 – Diagrama da rede do 4º ano .....                      | 93  |
| Figura 3 – Meios de comunicação – 3º ano .....                   | 95  |
| Figura 4 – Meios de comunicação – 4º ano .....                   | 97  |
| Figura 5 – Comparativo de cliques entre as redes .....           | 108 |
| Figura 6 – Diagrama dos <i>clusters</i> na turma do 3º ano ..... | 110 |
| Figura 7 – Diagrama dos <i>clusters</i> na turma do 4º ano ..... | 113 |
| Figura 8 – Modelo de ações infocomunicacionais .....             | 146 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |     |
|---|-----|
| Gráfico 1 – Tipo de informação compartilhada na rede do 3º ano..... | 99  |
| Gráfico 2 – Tipo de informação compartilhada na rede do 4º ano..... | 100 |
| Gráfico 3 – Ações conjuntas na rede do 3º ano.....                  | 101 |
| Gráfico 4 – Ações conjuntas na rede do 4º ano.....                  | 102 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 – Centro e Periferia do 3º ano .....           | 104 |
| Quadro 2 – Centro e Periferia do 4º ano .....           | 105 |
| Quadro 3 – Cliques das redes.....                       | 106 |
| Quadro 4 – <i>Clusters</i> na turma do 3º ano .....     | 109 |
| Quadro 5 – <i>Clusters</i> na turma do 4º ano .....     | 112 |
| Quadro 7 – Centralidade de grau das redes .....         | 114 |
| Quadro 7 – Centralidade de proximidade das redes .....  | 117 |
| Quadro 8 – Centralidade de intermediação das redes..... | 119 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|         |  |
|---------|--|
| ARS     | Análise de Redes Sociais                                   |
| CCITT   | Comitê Consultivo Internacional de Telefone e Telégrafo    |
| CI      | Ciência da Informação                                      |
| GF      | Grupo Focal  |
| IFPR    | Instituto Federal do Paraná                                |
| ITU     | União Internacional de Telecomunicações                    |
| ONU     | Organização das Nações Unidas                              |
| Partic. | Participante   |
| PPGCI   | Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação         |
| TCP/IP  | Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo de Internet |
| TECLE   | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                 |
| UEL     | Universidade Estadual de Londrina                          |
| UENP    | Universidade Estadual do Norte do Paraná                   |

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b> |
| <b>2</b> | <b>OS MÚLTIPLOS CONTEXTOS DA INFORMAÇÃO .....</b>                  | <b>23</b> |
| <b>3</b> | <b>A DIVERSIDADE DOS COMPARTILHAMENTOS DE<br/>INFORMAÇÃO .....</b> | <b>26</b> |
| <b>4</b> | <b>TECNOLOGIA, COMUNICAÇÕES E REDES SOCIAIS.....</b>               | <b>31</b> |
| <b>5</b> | <b>CRONOLOGIA DAS GERAÇÕES .....</b>                               | <b>37</b> |
| <b>6</b> | <b>DISPOSITIVOS OU PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS.....</b>        | <b>42</b> |
| 6.1      | O INÍCIO .....   | 42        |
| 6.2      | PROCESSO DE COMUNICAÇÃO .....                                      | 43        |
| 6.3      | INFORMAÇÃO, INFORMÁTICA, COMUNICAÇÃO: INFOCOMUNICAÇÃO.....         | 45        |
| 6.4      | DISPOSITIVOS OU PLATAFORMAS SÃO INERENTES À SOCIEDADE .....        | 49        |
| <b>7</b> | <b>O INDIVÍDUO, A SOCIEDADE E O COLETIVO .....</b>                 | <b>56</b> |
| <b>8</b> | <b>REDES SOCIAIS E ARS.....</b>                                    | <b>61</b> |
| 8.1      | INTERAÇÕES SOCIAIS E ATORES EM REDE .....                          | 61        |
| 8.2      | O ESTUDO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS.....                               | 63        |
| 8.3      | MÉTRICAS DA ARS .....  | 67        |
| 8.3.1    | Níveis de análise .....  | 67        |
| 8.3.2    | Unidades de análise: relacionamentos .....                         | 69        |
| 8.3.3    | Unidades de análise: propriedade e divisão da rede .....           | 72        |
| 8.3.4    | Unidades de análise: posicionamento .....                          | 75        |
| <b>9</b> | <b>ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                         | <b>79</b> |
| 9.1      | MÉTODO E ABORDAGEM .....   | 79        |
| 9.1.1    | Análise de redes sociais: o método .....                           | 80        |
| 9.1.2    | Grupo focal .....  | 83        |

|           |  |            |
|-----------|--|------------|
| 9.2       | CAMPO DE ABRANGÊNCIA .....                                 | 85         |
| 9.3       | TÉCNICA DE COLETA DE DADOS .....                           | 86         |
| 9.4       | ANÁLISE DE CONTEÚDO.....                                   | 88         |
| <b>10</b> | <b>PERSPECTIVAS SOB A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS .....</b>   | <b>91</b>  |
| 10.1      | UNIDADES DE ANÁLISE EM ARS .....                           | 103        |
| <b>11</b> | <b>ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM AMBIENTES VIRTUAIS: GERAÇÃO</b>   |            |
|           | <b>Z .....</b>   | <b>122</b> |
| 11.1      | A GERAÇÃO Z E A TECNOLOGIA.....                            | 122        |
| 11.2      | A PARTICIPAÇÃO NAS PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS .....   | 127        |
| 11.3      | O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM REDES SOCIAIS .....    | 131        |
| 11.4      | INTERAÇÕES SOCIAIS EM REDES .....                          | 134        |
| 11.5      | AÇÕES COLETIVAS COADUNADAS.....                            | 137        |
| <b>12</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                          | <b>141</b> |
|           | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                    | <b>149</b> |
|           | <b>APÊNDICES .....</b>                                     | <b>156</b> |
|           | APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO..... | 157        |
|           | APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS.....            | 158        |

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa advém de observações das constantes metamorfoses dos dispositivos de comunicação e troca de informação, além da percepção empírica de que os indivíduos acompanham essas mudanças e migram entre as diversas plataformas infocomunicacionais. Historicamente, o ser humano molda seu comportamento conforme circunstâncias impostas pelo tempo, pelas vivências, pelo círculo de aproximação com outras pessoas, ou por alguns fatores culturais ou tecnológicos. Nos últimos anos temos assistido ao crescimento exorbitante das interações nos ambientes virtuais e o surgimento de aparatos tecnológicos cada vez mais acessíveis, uma junção que tem mudado a forma como as pessoas se comunicam e compartilham informação.

Em meio a essas inovações e hibridização dos dispositivos de comunicação, nascem sujeitos já inseridos nos caminhos e velocidade da internet, aos jogos compartilhados *online*, conhecida como geração da era do conhecimento e denominados nativos digitais. Os nativos digitais compreendem pessoas que nasceram nas últimas décadas do século vinte (PRENSKY, 2001) e agregam as gerações Y<sup>1</sup> e Z.

Os autores normalmente diferenciam as gerações com a separação de 20 ou 25 anos (CERBASI; BARBOSA, 2009; CRISTIANI, 2010; MOURA, 2009; RODRÍGUEZ SEGURA; PELÁEZ GARCIA, 2010; SANTOS *et al.*, 2011; TAPSCOTT, 2010; TOLBIZE, 2008). E, embora classificadas pelo ano de nascimento, não há um consenso para o intervalo dessas datas. Cerbasi e Barbosa (2009), por exemplo, definem que a Geração Z agrupa sujeitos nascidos após o ano 2000; para Fernandez Del Castro (2010) o intervalo vai de 1994 a 2005; Tapscott (2010) acredita que a Geração Z agrega indivíduos nascidos depois do ano 1998 e Tolbize (2008) define que estes sujeitos nasceram após o ano de 1990.

Por isso, neste estudo, convencionou-se chamar de Geração Z indivíduos que nasceram após o ano de 1994, até os dias atuais, por abranger o intervalo classificado conforme alguns autores. Esta geração aparentemente agrupa os jovens que se desenvolveram conhecendo as possibilidades do mundo digital, em contato com computadores, dispositivos móveis, com a velocidade dos meios de comunicação e informação e outros recursos eletrônicos.

---

<sup>1</sup> O estudo das diferentes gerações será aprofundado na seção 5. Segundo alguns autores, existem quatro principais gerações vivas: os Baby Boomers, a Geração X, a Geração Y e a Geração Z.

Dentro de um ambiente infocomunicacional já estabelecido, em que parece não haver limitações geográficas e o número de relacionamentos torna-se cada vez maior, as redes sociais em ambientes virtuais se perpetuam, diferentemente de outrora. Agora a informação não é estanque, pois além de compartilhada, a velocidade de propagação é exorbitante, alterando e criando novos cenários, constantemente. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) criam estruturas computacionais de rede capazes de compartilhar, armazenar e disponibilizar informações em quantidade e velocidades excepcionais.

Entretanto, a razão de existir dos dispositivos é inerente ao ser humano. Independente do caráter econômico, social ou tecnológico, a sociedade sempre é alvo das inovações, dessa maneira os instrumentos técnicos servem como elo entre pessoas, o que proporciona sentido às ferramentas de comunicação. Essa harmonia entre os instrumentos disponíveis e os seres humanos, os quais se adaptam conforme a diversidade das circunstâncias, criam comportamentos culturais embasados no agir e no pensar individual, mas que ao se espalharem, podem se tornar hábitos coletivos.

Devido à facilidade de participação em grupos variados e possibilidades de muitas interações, o sujeito é inserido em diferentes contextos, identificando-se a partir de suas ligações e não apenas de sua percepção intrínseca. Dessa forma, a vida social é gerada pelos processos interacionais de cada indivíduo. Talvez as interações tenham o poder de transformar o sujeito individual em sujeito coletivo, por meio de suas alianças, associações e grupos. As ações coletivas sistematizadas ganham força nas comunidades em rede, as quais podem compartilhar suas experiências em diversas plataformas. Essas ações, com a revolução tecnológica, têm um alcance de compartilhamento colossal e podem ser fontes inspiradoras para outras coletividades com pensamentos idênticos, mas que atuam ou pertencem a contextos distintos e em locais diferentes.

Essa é uma potencialidade inerente aos processos das reflexões coletivas intencionadas que surgem de práticas sociais e são disponibilizadas em ambientes virtuais. Parece, portanto, inegável as facilidades de partilha de informação com o uso de dispositivos infocomunicacionais. Encontramos, nesse meio, um forte aliado quando o assunto é relacionamento entre pessoas. Desse modo, ações coletivas podem submergir desse mundo digital. Assim, o papel da tecnologia visto apenas como evolução da computação, dos *smartphones* e dos meios de comunicação

talvez não exponha o seu real potencial em termos sociais, pois se os indivíduos compreendessem o avanço tecnológico sob o prisma do “ganho coletivo”, as plataformas poderiam então oferecer maior “sentido” ao seu uso.

A formação de redes é algo comum ao ser humano, como o grupo do trabalho, o grupo de amigos, o grupo do futebol ou o grupo de estudos. A formação das redes sociais é alterada em decorrência do percurso do indivíduo na rede e do próprio dinamismo dessas formações. Diante disso, Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93) afirmam que “[...] redes sociais constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento de informação, [...] mediante as relações entre atores que as integram”.

Dentro das relações de grupos, compartilhar informação é uma conduta usual, inerente ao fenômeno coletivo das redes e o ato de compartilhar corrobora o crescimento das interações, propiciando ao indivíduo sair de uma condição singular e tornar-se um sujeito coletivo, participante das ações de partilha de informação do grupo, tanto como promotor, quanto como beneficiário da informação.

Marteleteo (2010) define redes sociais sob a visão de uma sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os atores, os quais, em conjunto, reforçam suas habilidades de atuação, associação, aprendizagem, obtenção de recursos e coletividade, considerando a noção de partilha de valores e interesses como forma de promover mudança na rede, conforme o contexto. Em consonância, encontramos a afirmação de que “[...] entre as estratégias a que as redes sociais podem recorrer para se fortalecerem, está o compartilhamento da informação” (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 99).

A informação assimilada pelos atores pode ser incorporada às práticas pessoais de forma individual quando em ações separadas, mas ao retornar ao convívio grupal, pode trazer consigo novos valores agregados com ganhos significativos para o encaminhamento das ações. Assim, o compartilhamento de informação dentro das redes sociais pode fortalecer as ações coletivas, dada a importância da informação como insumo social nos grupos.

Abordar o conceito de informação não é algo simples devido à ampliação de seu uso e significado na sociedade atual. Na mídia, as notícias são chamadas de informação; na ciência existe a informação especializada; na área de informática são desenvolvidos sistemas de informação ou *softwares*; nas empresas a informação é

tratada como uma vantagem competitiva e, assim, muitos campos utilizam-na com a particularidade que melhor lhe convém (JEANNERET; VECCHI, 2005).

Acreditamos ser aceitável que o seu uso esteja diversificado e latente, já que podemos encontrar apoio na literatura sobre a questão. No entendimento de Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93):

A informação e o conhecimento estão em todas as esferas e áreas, são considerados essenciais tanto do ponto de vista acadêmico quanto profissional e, quando transformados pelas ações dos indivíduos, tornam-se competências valorizadas, gerando benefícios sociais e econômicos que estimulam o desenvolvimento e são, ainda, recursos fundamentais para formação e manutenção das redes sociais.

Nesse sentido, quando as referidas autoras falam sobre a transformação pelas ações dos indivíduos, a informação passa a ter um caráter de prática social, incluindo os dispositivos técnicos que proporcionam a mediação que, em conjunto com as ideias e práticas, complementam as plataformas infocomunicacionais. Percebemos, aqui, a importância dos atores nas ações de comunicação, os quais passam a dar sentido aos dispositivos que possibilitam a partilha de informação.

Decorrente do entrelaçamento dos agentes e dispositivos, as indústrias de tecnologia evoluem por encontrar na comunicação um forte aliado, pois o relacionamento dessas áreas está diretamente ligado às interações humanas e suas coletividades. A evolução digital, por meio dos ambientes virtuais, possibilita um modo de comunicação peculiar, com a informação disponível em dispositivos pautados no contexto tecnológico e na abundância informacional. Pode-se dizer, então, que são dispositivos múltiplos, não só de acesso à informação, nem somente de comunicação, são plataformas infocomunicacionais.

Isso nos leva a pensar que a comunicação por si só não basta, tal qual a informação. Não há sentido em dispositivos tecnológicos sem requisitos como informação e usuário. Independente da ferramenta utilizada, todos podemos ser produtores e consumidores da informação, ou seja, dispositivos ou plataformas infocomunicacionais não são apenas a estrutura física de comunicação, mas compreendem a imensidão de informações que as plataformas armazenam, bem como os seres humanos participantes desse encadeamento, podendo as plataformas até serem encaradas como extensão do ser humano (JEANNERET, 2005).

A sociedade recebeu e continua a receber interferência dos novos dispositivos de comunicação informacional, porém, as influências fazem parte das mudanças vividas pela sociedade. Ao longo da história, a humanidade se deparou com diversas transformações sejam elas econômicas, culturais, políticas ou tecnológicas. Tais transformações afetam o modo como as pessoas se comportam e, em decorrência de diferentes fatores, as preocupações e anseios do ser humano também se alteram. Watts (2009, p. 27) argumenta que “[...] os homens fazem sua própria história, mas não a fazem em circunstâncias escolhidas por si mesmo”.

Uma das evoluções aparentes que se pode mencionar nesse âmbito foram os ambientes virtuais. Essa inovação mudou drasticamente o modo como as pessoas se comunicam, encurtou distâncias, alterou a quantidade de relacionamentos, criou novos meios de armazenamento e distribuição da informação e fez emergir novos cenários para interações e ações humanas. Os ambientes virtuais se apresentam de forma cada vez mais crescente e parecem se afirmar por alicerçar plataformas de relacionamento interpessoal e possibilitar o surgimento de redes sociais *online*.

Embora alguns imaginem que o conceito de redes sociais tenha surgido apenas a partir da internet, seu advento não é novo. Marteleto (2001, p. 72) discorre que “[...] o trabalho individual em redes de conexões é tão antigo quanto a história da humanidade”, todavia, percebida apenas nas últimas décadas. A autora complementa afirmando que “[...] a linha do individualismo metodológico desconstrói essa concepção, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido, e as relações sociais na formação do seu agir. As redes surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais”.

Desse modo, deve-se pensar nas relações entre informação, a rapidez com que ela se propaga em termos tecnológicos e as possibilidades de formação de redes sociais com o auxílio dessas plataformas, todavia, as ações coletivas oriundas do compartilhamento da informação em redes nas plataformas infocomunicacionais podem aflorar com maior intensidade em determinadas Gerações. “O nível de confiança (e expectativa) entre os indivíduos da rede está relacionado com o capital social cognitivo e influencia a ação coletiva do grupo” (MARTELETO; SILVA, 2004, p. 43).

Os temas iniciais parecem apresentar ligações por combinarem possibilidades de vínculos informacionais e sociais. A Ciência da Informação (CI), por se preocupar com o binômio compartilhamento e informação; as redes sociais, por tratar dos

relacionamentos entre seus atores; as transformações históricas na humanidade, abordando as interações em relação às circunstâncias vividas pela humanidade; as plataformas infocomunicacionais, se apresentando como um meio de comunicação concretizado, permitindo o acesso a um oceano de informações, além de interligar e facilitar o relacionamento coletivo pode viabilizar a participação dos indivíduos em ações conjuntas.

Os pressupostos até aqui apresentados nos remetem a alguns questionamentos que delinearão o encaminhamento da dissertação. Já que a sociedade é pautada por relações transitivas, com o advento da internet os meios infocomunicacionais ganharam novas concepções, ajustando o comportamento humano diante das novas possibilidades. Cabem-nos as indagações de como acontece a interação entre as pessoas em uma estrutura social baseada em ambientes virtuais e quais plataformas elas utilizam.

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito geral de analisar a participação da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais e as ações decorrentes do compartilhamento da informação. Para alcançarmos o que se propõe o estudo, definimos como objetivos específicos as seguintes assertivas: averiguar a participação da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais; verificar o compartilhamento da informação no âmbito das plataformas infocomunicacionais; mapear as interações da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais e analisar as ações coletivas decorrentes do compartilhamento da informação.

Sob essas perspectivas, o trabalho se justifica ante a percepção de que as diferentes gerações presentes na atualidade se caracterizam pelas vivências históricas compartilhadas, pelos princípios e valores em relação à vida, trabalho e formas de interação entre seus pares. Em conformidade, a revolução tecnológica, iniciada com o computador pessoal e armazenamento local ganhou nova conotação com o estabelecimento da internet e o surgimento de dispositivos, que funcionando, em conjunto, possibilitam novos contextos para comunicação, compartilhamento da informação e formação de redes. A Geração Z, que cresceu com as possibilidades da tecnologia digital, dos dispositivos móveis e recursos eletrônicos de comunicação, parece se adaptar facilmente ao surgimento de plataformas que lhe oportuniza condutas de grupo.

Como docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR), mesmo percebendo as facilidades aparentes do cenário tecnológico em relação ao acesso e partilha de

informação, observamos que um dos grandes problemas discutidos nas reuniões pedagógicas entre professores, diretoria, coordenação de ensino e núcleo pedagógico são as falhas nas comunicações com os alunos e a falta de efetividade das ações coletivas. Geralmente as propostas de ações se iniciam, mas em pouco tempo deixam de ser trabalhadas porque novamente é preciso fazer uma reunião com todos os alunos para repassar informações, o que acaba gerando transtornos, perda de tempo, retrabalho e possibilidade de todo o esforço, novamente, ser em vão.

Embora os canais de informação do IFPR, campus Jacarezinho, disponibilizem informações relevantes, algumas dizem respeito apenas aos discentes. Além disso, há todo um mecanismo por trás dessa plataforma que envolve o contato com o administrador do site, a confecção do informe, a disponibilização e a procura do aluno por determinada informação. Talvez os acadêmicos estejam utilizando outras plataformas infocomunicacionais que lhes deem maior autonomia e agilidade no compartilhamento da informação.

O contato com alunos da Geração Z, em sala de aula, proporcionou a observação de que esses nativos digitais migram de dispositivos, com certa constância, e o surgimento de um novo tipo de plataforma de comunicação faz com que eles abandonem a que estão utilizando e passem a trabalhar com outra, decretando, algumas vezes, até o “desaparecimento” do antigo dispositivo.

O trabalho tem importância porque pode servir para que os docentes e o núcleo pedagógico do IFPR entendam como o seu público age e compreende as plataformas de interação, de modo a ajudar no planejamento das atitudes informacionais para o crescimento e continuidade dos trabalhos conjuntos no *campus*. O IFPR está dividido em dezesseis campi e os resultados da pesquisa podem ser compartilhados e utilizados pelos núcleos pedagógicos, que podem adotar um planejamento comum para as ações infocomunicacionais do setor.

As plataformas de interação nos remetem ao conceito de redes sociais, já que o que muda é o meio de comunicação e não as relações humanas e suas dependências. Nesse sentido, Kadushin (2011) argumenta que vivemos em comunidade, cercados pelos atores das redes às quais pertencemos, mas geralmente, não enxergamos mais do que um passo além das pessoas que estão diretamente ligadas a nós.

É como estar preso em um engarrafamento cercado por carros e caminhões. Um helicóptero em voo, por exemplo, poderia ver além de nossas imediações e sugerir rotas alternativas. Analisar uma rede social é como esse helicóptero. Ele permite ver além do círculo imediato dos agentes. Nesse sentido, o trabalho se justifica por possibilitar também conhecer melhor a Geração Z por meio de suas redes sociais.

E como entender toda essa gama de agentes no processo do compartilhamento de informação e ação coletiva: indivíduos, dispositivos, cultura e sociedade em rede. Para que seja possível explorar essa série de agentes isolados, mas que de forma interdependente possuem papéis relacionais que se completam, utilizaremos a Análise de Redes Sociais (ARS) que permite a verificação das estruturas infocomunicacionais de um sistema baseado nas ligações dos atores sociais. Não é apenas uma abordagem sob o ângulo da comunicação em si, mas como se dão as interações entre os atores em benefício coletivo.

Por isso a ARS é relevante no estudo, por proporcionar a observação de detalhes nos relacionamentos entre os atores e também o fluxo de informações dentro de uma rede qualquer, além de permitir diagnosticar a participação e o nível de interação entre os pares nas diversas plataformas infocomunicacionais. Além disso, de forma qualitativa e com uso da técnica de Grupo Focal (GF), será possível averiguar as percepções ou entendimentos dos alunos da Geração Z em relação às informações compartilhadas e ações coletivas oriundas nas redes sociais.

Pretende-se ainda contribuir com a literatura científica sobre o tema, além de colaborar com a linha de pesquisa Compartilhamento da Informação e do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e com o grupo de pesquisa Redes de Conhecimento.

Esta pesquisa está dividida em onze capítulos que podem ser agrupados em cinco partes, assim dispostas: Parte I é composta apenas pelo capítulo 1; a Parte II apresenta o referencial teórico em que a pesquisa se baseou e é constituída desde o capítulo 2, até o capítulo 8. Na Parte III está a metodologia de desenvolvimento desta pesquisa, composta pelo capítulo 9. Os capítulos 10 e 11 formam a Parte IV, na qual são apresentados os resultados obtidos neste estudo, e a Parte V traz as considerações finais do trabalho.

O capítulo 1 apresenta esta introdução que pondera sobre os anseios de desenvolvimento do projeto, as indagações e inquietudes em relação às organizações sociais referentes ao compartilhamento da informação e participação nas plataformas infocomunicacionais pela Geração Z. Em seguida, no capítulo 2 são discutidas diversas visões sobre o conceito e as possíveis interpretações nos diferentes setores da sociedade sobre o termo informação. O capítulo 3 traz, em seu conteúdo, os cenários em que o compartilhamento da informação se faz presente, mostrando as possibilidades de contatos e interações que essa prática pode promover.

A estreita relação entre tecnologia, comunicação e redes sociais é discutida no capítulo 4, trazendo um apanhado da evolução tecnológica e das transformações que ela causou na sociedade, alterando o sentido de comunicação e o entendimento de informação na perspectiva das formações em redes. Como o trabalho trata de uma geração específica, é mister que se faça um apanhado das Gerações presentes na atualidade. Esse paralelo é apresentado no capítulo 5 que mostra a classificação sociológica dos indivíduos contemporâneos.

No capítulo 6 são discutidos os aportes sobre os dispositivos e as plataformas de comunicação, que em conjunto com informação, tecnologia e processos comunicacionais, podem delinear o percurso do advento de um termo ainda incipiente e controverso: infocomunicação. Em seguida, o sétimo capítulo trata das coletividades presentes na sociedade contemporânea, debatendo o sujeito individual, seu conhecimento empírico e como a sistematização pode ajudar na estruturação dos constructos sociais coletivos. As conceituações de redes sociais e ARS são abordadas no capítulo 8. Esse último capítulo teórico conceitual discute as interações dos atores nas diversas estruturas das formações em grupo e ainda apresenta as métricas e níveis de análise da ARS.

O percurso da pesquisa é tratado no capítulo 9. Essa seção apresenta a metodologia utilizada neste trabalho, discorrendo no decurso de seus subtítulos o método e a abordagem em relação aos procedimentos de desenvolvimento deste estudo. Explana, também, o método da ARS de forma mais aprofundada, bem como a técnica de GF. Apresenta, ainda, o campo de abrangência, como se deram os procedimentos de coleta de dados, tanto na primeira quanto na segunda fase, e como foi feita a análise da segunda etapa da pesquisa.

A quarta parte deste trabalho, constituída pelos capítulos 10 e 11, mostra os resultados do estudo. O décimo capítulo trata dos resultados da primeira etapa da pesquisa, obtidos com a ARS, metodologia que apresenta unidades de análises peculiares em que são apresentados os cenários das redes estudadas, sob a perspectiva dos indicadores dessa metodologia. Os mapeamentos das redes sociais pesquisadas, neste trabalho, identificam a atuação dos atores principais em cada rede e serviram de base para a execução da segunda fase que foi o GF. Os resultados e discussões da segunda etapa são demonstrados no capítulo 11 e relatam as organizações sociais da Geração Z frente às tecnologias, suas participações, compartilhamento e interações nas plataformas de comunicação, bem como as ações coletivas advindas das condutas nas redes sociais.

No último capítulo são apresentadas as considerações finais. Nessa parte se apresenta uma síntese das conclusões da pesquisa, balizada nas análises das duas etapas constantes no projeto, expondo nosso entendimento e posicionamento a respeito dos objetivos propostos. Apresentam-se, também, recomendações para o desenvolvimento de estudos futuros sobre a efetividade das ações coletivas e, ainda, a temática de investigação das gerações sociológicas brasileiras numa perspectiva tecnológica e de formação de redes sociais para compartilhamento de informação.

## 2 OS MÚLTIPLOS CONTEXTOS DA INFORMAÇÃO

Quando se trata de informação, muitas definições vêm à mente de todos, contudo, cabe a indagação de sobre qual informação se está falando:

O conceito de informação como usado no inglês cotidiano, no sentido de conhecimento comunicado, desempenha um papel central na sociedade contemporânea. O desenvolvimento e a disseminação do uso de redes de computadores desde a Segunda grande Guerra mundial e a emergência da ciência da informação como uma disciplina nos anos 50, são evidências disso. Embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação. É lugar comum considerar-se a informação como condição básica para o desenvolvimento econômico juntamente com o capital, o trabalho e a matéria-prima, mas o que torna a informação especialmente significativa na atualidade é sua natureza digital. O impacto da tecnologia da informação sobre as ciências naturais e sociais em particular, tornou esta noção corriqueira um conceito altamente controverso (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 149).

Segundo os autores, informação é definida como comunicação do conhecimento, um conceito um pouco diferente do cotidiano, mas que precisa ser averiguado, ao menos para tentar apresentar o termo pela ótica da CI e sua relação com o compartilhamento da informação, pois termos são definidos conforme o pensamento de cada um. Nesse sentido, cabe salientar que o estudo aqui proposto traz informação relacionada a CI, assim, se torna importante o entendimento e a definição adequada do termo.

Marcondes (2010, p. 12-13) apresenta informação como um processo de interpretação de fenômenos quando inseridos em uma relação sógnica com um intérprete, conforme assevera, “[...] informação, no contexto que possa interessar à CI, não é uma coisa, é um processo, o processo de interpretar fenômenos potencialmente informativos por um usuário”.

Tomaél (2005, p. 27) assim se coloca sobre o assunto:

Informação é um processo de formação de sentidos dos fatos – resultante do saber, dos acontecimentos, das especulações, das ações e dos projetos –, cujo conteúdo permutamos com o ambiente em que estamos inseridos. A informação pode confirmar fatos e tendências, gera a acumulação do conhecimento, construindo memória. Propaga-se no tempo e no espaço. E, para se tornar pública, utiliza os meios de comunicação.

Nesse caso, informação é associada ao processo de formação do sentido dos fatos, em que o conteúdo encontra-se diretamente relacionado ao ambiente onde o

observador está inserido. Para Robredo (2007, p. 60), existe um processo de transformação do conhecimento em informação, mediante algum tipo de codificação, como a fala ou a escrita:

[...] a 'informação' pode ser: registrada, duplicada, transmitida, armazenada, organizada, processada, recuperada. Sim, mas somente quando extraída da mente e codificada, pela linguagem natural (falada ou escrita), seguindo normas e padrões (gramática, sintaxe) próprios de cada língua, ou de outras linguagens criadas pelo homem (linguagens de programação, que também têm suas gramáticas e sintaxes). Há, de fato, um processo de transformação do conhecimento (dentro da mente) em 'informação' fora da mente. Então, 'informação' seria o conhecimento 'externalizado', mediante algum tipo de codificação.

O que podemos perceber nas palavras do autor é que o conceito de informação, em algum momento já foi compreendido como conhecimento e esse conhecimento, agora, está registrado em um documento. Sendo assim, informação não se toca, não se ouve, não se vê, isso é definido como o documento, o qual contém o registro do conhecimento representado por códigos e que pode ser entendido e decodificado. Diante disso, ainda que de uma maneira simplificada, parece-nos que fica mais fácil distinguir documento e informação.

Nunes (2007, p. 110) complementa nosso raciocínio, pois, para ela, “[...] o documento é a materialização de um relato, de um fato, de um acontecimento e possui diversos suportes para representar o conhecimento e registrá-lo”. A informação não é simplesmente “informação”, ela deriva de vários fatores, inclusive do usuário que dela faz uso, de suas necessidades e do meio que o cerca. Choo (2003) explica que a informação quase sempre tem uma manifestação física, um documento ou registro em algum lugar, porém o contexto e o significado da informação é diferente cada vez que o usuário a procura.

Os indivíduos “consomem” e “produzem” informação de acordo com suas experiências ou conforme a situação momentânea de uso dessa informação, desde seus pensamentos, sentimentos, atitudes e os ambientes em que eles se encontram. Um processo dinâmico que envolve além de todo percurso, a utilidade da informação buscada. Não por acaso, o tema usuários é bastante presente entre os pesquisadores próximos da área de CI. São muitos os trabalhos acerca do comportamento humano, seus hábitos e interesses, motivação para busca e uso ou dispensa da informação.

As nuances que cercam a informação devem ser pensadas também sob esse ângulo, o do usuário, um ser cognoscente e perceptivo que apresenta comportamentos distintos no ato de buscar informação. Dessa forma, dimensões cognitivas, emocionais e situacionais do uso da informação também são elementos de construção do conhecimento. Entretanto, antes da ação humana sobre o “consumo da informação” se faz necessário sua representação:

[...] pesquisas em ciência cognitiva nos dizem que sempre vemos o conhecimento através de algum tipo de lente. Superar preconceitos é tarefa que exige um nível de atenção mais alto do que os raros casos em que o receptor é um tábula rasa, mas isso é um fato da vida no mundo em que vivemos, em que somos constantemente bombardeados por estímulos sensoriais. Quando nos empenhamos na filtragem de informações, quase sempre obtemos êxito (DAVENPORT, 1998, p. 119).

Observa-se que a informação depende de uma série de fatores. Desde sua estruturação, armazenamento, disponibilização, comunicação até a ação humana em perceber a necessidade, construir significados a partir do recebimento da informação, dela fazer uso eficiente com o propósito de mudar de um estado inicial de busca para um estado posterior, em que o conhecimento, ante a matéria-prima adquirida, seja um produto – se assim podemos dizer – desse processo. A informação está presente nos diversos setores da sociedade e sua representatividade também se apresenta em diversos suportes e plataformas. O contexto do termo informação e a ação humana sobre ela é o que pode tornar a informação pertinente.

### 3 A DIVERSIDADE DOS COMPARTILHAMENTOS DE INFORMAÇÃO

A informação entendida como “matéria-prima”, essencial nas mobilizações da sociedade, encontra na tecnologia novas formas de comunicação, notadamente nas plataformas infocomunicacionais, agora ultrapassando os muros, sendo compartilhada dinamicamente com velocidade e alcance, até então, não atingidos. Nesse contexto de poder tecnológico e comunicacional, a informação faz sentido quando um elemento essencial dessa cadeia, o ser humano, apropria-se dela em prol do bem coletivo:

A configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim, relações de interesses que se desenvolvem e se modificam conforme a sua trajetória. Assim, o indivíduo vai delineando e expandindo sua rede conforme sua inserção na realidade social (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 93).

O compartilhamento de informação e as interações humanas em rede contribuem para a perpetuação e fortalecimento dessa configuração presente na sociedade e instituições atuais. A informação, a evolução tecnológica e os valores sociais em dado momento podem influenciar os hábitos da sociedade ou dos indivíduos, transformando a cultura e conduta em relação a diversos fatores (TOMAÉL, 2005). Desse modo, a assimilação da informação depende da visão de quem a recebe e do interesse em condicioná-la ao seu mundo, conforme suas interações sociais.

Quanto mais informações são compartilhadas, mais se conhece dos vários contextos possíveis. Ao explanarmos de uma maneira genérica em cenários distintos, podemos argumentar que o que acontece com determinado sujeito pode não ser igual com outro, porém, ao conseguir informações sobre várias situações, no momento em que uma circunstância parecida ocorrer novamente, tal sujeito poderá agir conforme informações já compartilhadas dentro do grupo. Essa troca de experiências passa a funcionar como um “banco de dados” das situações vividas, ao passo que, se cada um mantivesse a informação somente para si, as novas situações só seriam conhecidas quando o fato ocorresse com ele, o que lhe impediria de agir rapidamente (TOMAÉL, 2005).

O compartilhamento de informação pode ser utilizado em diversos cenários, não somente em relação a atitudes a serem tomadas em detrimento a uma situação, mas o simples fato de um *feedback* em relação a determinado assunto já pode trazer ganhos significativos por possibilitar o alcance de novas informações.

Referente aos múltiplos cenários possíveis, o trabalho de Rockenbach e Sadrieh (2012), por exemplo, trata do compartilhamento da informação no setor econômico. Em sua produção, os autores fazem uma experimentação a respeito dos comentários dos clientes sobre a qualidade e a satisfação com um produto ou serviço. Esses resultados eram publicados em dispositivos de acesso livre para os demais consumidores. Segundo os autores, os comentários encontram relações positivas entre as avaliações e as vendas, dessa forma, avaliações positivas são consideradas mais que um prestígio para as empresas, essas informações agregam “valor” para as instituições.

Embora não tenha sido feito nenhuma análise das ligações entre os pares, de uma forma ou de outra eles interagiram. Aqueles que postaram informações sobre um produto qualquer, formam a rede de pessoas que possuem aquele bem e que comentaram sobre o produto. Outro fator interessante é que os comentários foram postados em plataformas de interação social onde todos podiam compartilhar suas experiências e ter acesso a outras.

Já a proposição de Kleinberg e Ligett (2013) apresenta um estudo modelo sobre o compartilhamento de informações pessoais nas redes sociais e os riscos que informações deturpadas propagadas a pares que não são diretamente ligados podem trazer ao indivíduo. Os pesquisadores usam o termo “fofoca” para exemplificar o fato. O material em questão trata de comportamento humano para desenvolvimento de um algoritmo baseado na formação de redes e a teoria dos grafos. Encontramos novamente a ligação entre plataformas infocomunicacionais, compartilhamento de informação e formação de comunidades em rede.

O livro “Para Entender as Mídias Sociais” (BRAMBILLA, 2011), distribuído no formato e-book, tem como princípio o entendimento de que uma editora tradicional não conseguiria disponibilizar de forma ágil o conteúdo do livro, tal qual o dinamismo das plataformas de comunicação e informação atuais. Além disso, os autores dão total liberdade para o compartilhamento do livro, da forma como o leitor preferir. A proposta do livro decorre de prerrogativas quase que corriqueiras em tempos modernos, como a facilidade de comunicação entre os envolvidos, o alcance da

informação para agregar pessoas e, principalmente, pessoas que se juntam em torno de um assunto em comum para popularizá-lo como forma de partilha de informação.

Tanto os artigos quanto o livro apresentam pontos em comum, pois utilizam o conceito de formação de comunidades em rede com a utilização de alguma plataforma para o compartilhamento da informação. Nesse sentido, Tomaél (2005, p. 32) argumenta que o desejo de compartilhar e o “[...] compartilhamento de informação, de fato, entre os atores de uma rede, asseguram ganhos, isto porque cada participante melhora, valendo-se das informações a que passa a ter acesso, as quais poderão reduzir as incertezas e promover o crescimento mútuo”.

O compartilhamento da informação em redes sociais encontra força na tecnologia justamente por possibilitar formas variadas de interação, desde a partilha de opiniões sobre um produto ou serviço qualquer, a disponibilização de informações pessoais até a possibilidade do compartilhamento de um livro completo. O dinamismo proposto pela tecnologia parece alavancar o ato de partilha informacional e interações humanas.

Destacamos um pensamento que complementa nosso olhar a respeito dos cenários produzidos pela tecnologia para a partilha de informação. O padrão inicial da tecnologia da informação não se desenvolve apenas como um sistema fechado, mas evolui “[...] rumo à abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos” (CASTELLS, 2005, p. 113).

Ao compartilhar os relatos de suas experiências ou opiniões, o sujeito propicia a interação entre pessoas que detêm objetivos e ideias em comum. Essas ações de partilha de informação entre indivíduos caracteriza a formação da rede social. Nessa perspectiva, Castells (2005, p. 68) ilustra que o que evidencia a revolução tecnológica na atualidade não é o conhecimento e informação centrais, apenas para alguns, mas sua partilha, “[...] a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”.

Nas redes sociais, o compartilhamento de informação é constante e acontece em decorrência das interações, mas se molda em relação ao dinamismo da própria

rede, influenciado pela conduta desses indivíduos em momentos distintos. São os valores em relação ao trabalho, ao lazer, ao meio em que vivem que realmente permeiam o comportamento da sociedade nas diversas gerações. A formação dos grupos em rede é inerente ao ser humano. Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93) argumentam que as redes sociais “[...] constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento de informação e do conhecimento, mediante as relações entre atores que as integram”.

O compartilhamento de informação provém das comunicações entre os agentes participantes da rede. Quando uma nova informação é compartilhada, suscita novas interpretações, as quais também podem ser repassadas, transformando o ambiente das relações humanas num ambiente de saberes plurais, uma estrutura na qual quanto mais interações existirem, mais vantagens podem proporcionar. Capra (2008, p. 23-24) argumenta que

[...] não são redes de reações químicas, mas redes de comunicações. Assim como redes biológicas, elas são autogerativas, mas o que geram é imaterial. Cada comunicação cria pensamentos e significados, os quais dão origem a outras comunicações, e assim toda a rede se regenera. [...] Enquanto as comunicações continuam nas redes sociais, elas formam ciclos múltiplos de retroalimentação que finalmente produzem um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores – um contexto comum de sentido, também conhecido como cultura, que é continuamente apoiada em comunicações seguintes. Por meio dessa cultura, os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social e, nesse sentido, a rede gera seu próprio limite. Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações.

O argumento seguinte contribui com a interpretação sobre o conceito de compartilhamento de informação dentro de associações informais de interação humana. A informação, nesse caso, é vista como fator essencial para “[...] o fortalecimento de arranjos produtivos pelo compartilhamento de saberes importantes para as ações relativas aos negócios locais, à cultura compartilhada, ao melhoramento da educação e à construção de uma autonomia informacional” (CAVALCANTE, 2012, p. 126).

Nesse sentido, imagina-se que o ganho mútuo está atrelado aos atores que conseguem perceber o seu papel individual dentro da coletividade e que também absorvem os saberes compartilhados a seu favor. As comunicações mediante o grupo criam experiências que vão se formando de modo participativo e dinâmico, no

qual os agentes, além de produzir informação, podem também se apoderar dos constructos sociais de sua rede:

O estudo das redes coloca assim em evidência um dado da realidade social contemporânea que ainda está sendo pouco explorado, ou seja, de que os indivíduos, dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes. Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora de seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas. Decisões micro influenciadas pelo macro, tendo a rede como intermediária (MARTELETO, 2001, p. 72).

O enfoque do compartilhamento de informação faz sentido se encarado sob o prisma de estudo das redes sociais, quando sujeitos em conjunto se unem para a partilha de interesses e valores comuns. Na análise do compartilhamento de informação em redes sociais, as interações informais são valorizadas, sem imposições hierárquicas, o que constitui uma forma de organização humana presente, tanto em corporações modernas, quanto na sociedade.

#### 4 TECNOLOGIA, COMUNICAÇÕES E REDES SOCIAIS

Na tentativa de exemplificar as inovações que mudaram os meios de comunicação e relacionamento, criando de certa forma a rápida obsolescência do conhecimento adquirido, apresentamos pensamentos de autores que conseguem entrever conexões entre as inovações tecnológicas e o relacionamento social em redes. É perceptível em qualquer ambiente o uso da tecnologia, dessa forma, os “locais” onde as pessoas se relacionam podem ser virtuais. Segundo Tanenbaum (2003, p. 1), ainda que a indústria de informática pareça jovem, se comparada a outros setores industriais, o seu crescimento foi algo impressionante em um curto período de tempo. Empresas que possuem vários escritórios em diferentes pontos geográficos verificam o *status* atual de suas filiais com um simples apertar de botão, pessoas se comunicam por redes sociais onde quer que estejam.

Nesse sentido, o crescimento da informática, do processamento e distribuição da informação, além de preconizar uma demanda por formas de tecnologias mais sofisticadas, obriga o ser humano a estar em conformidade com o uso de tais tecnologias, sob pena de se tornarem seres obsoletos. Assim, aparatos tecnológicos que antes pareciam distantes, disponíveis apenas em centros de computação ou nas camadas mais elevadas da população, tornaram-se bens de consumo acessíveis, obrigando a atualização de conhecimentos para seu uso.

Castells (2003, p. 7) também apresenta um parecer sobre a tecnologia e inicia uma de suas obras argumentando sobre o que a internet representa para a sociedade. Para o autor, a internet é o tecido de nossas vidas.

Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era Industrial em nossa época, a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica, quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.

O autor complementa, argumentando que a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da era da informação: a rede. Conforme sua definição, uma rede nada mais é do que um conjunto de nós interconectados, sendo que a formação de redes é uma prática antiga dos seres humanos, porém, nesse “tempo de tecnologias”, as redes conseguiram vida nova, transformando-se em redes de informação energizadas pela internet.

As tecnologias baseadas em computadores fizeram com que o acesso à informação se tornasse algo simples e rápido, porém, Gasque (2012) explana que

essa facilidade de acesso não significa encontrar o conteúdo desejado. Como nesse meio há muita informação, encontrar a informação correta é a grande dificuldade. Continua afirmando que a internet vem sendo usada mais para diversão, redes sociais e jogos, do que como recurso de informação. “Além disso, no âmbito acadêmico, em muitos casos o acesso às informações, não necessariamente de qualidade, torna o plágio bastante comum entre muitos aprendizes, que se limitam a copiar e colar” (GASQUE, 2012, p. 27-28).

A preocupação, nesse caso, é a de que a informação não seja vista apenas como um aparato presente nas mídias sociais, sem fim algum. É preciso encarar essa “informação” como pertinente, embora o conceito de informação não seja algo simples:

A informação só tem sentido quando está integrada a alguma contextualização. Ela não tem valor isoladamente. O indivíduo raramente busca informação por ela mesma. A busca está sempre relacionada a uma demanda de solução de determinado problema ou à tomada de decisões, à pesquisa por diversos objetivos (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 63).

Se nas últimas décadas a tecnologia transformou o modo de armazenamento, alcance e velocidade de propagação da informação, também alterou a maneira com a qual as pessoas buscam e utilizam tais informações. O advento dos computadores trouxe rapidez, economia e versatilidade na produção de textos e imagens e a internet modificou a relação de disseminação e compartilhamento de experiências.

Estamos presenciando um fato inédito na história da humanidade, pois nunca se produziu tanta informação em tão pouco tempo, acarretando uma verdadeira revolução informacional. Para Gasque (2012, p. 25),

[...] as novas tecnologias da informação e da comunicação transformaram o mundo em uma verdadeira ‘aldeia global’. A informação circula com mais facilidade, em curto espaço de tempo. Já não são necessários grandes esforços para encontrá-la. Cada vez mais, eventos, fenômenos e fatos que ocorrem em vários lugares do mundo são divulgados de forma quase simultânea. Não é preciso mais esperar dias e dias para as notícias chegarem à população em geral, pelo menos em grande parte dos países.

No entanto, a sociedade parece nunca ter dependido tanto da informação como nos dias atuais, e o tempo é percebido como um recurso muito precioso. A tecnologia propiciou o acesso às ferramentas que auxiliam na busca e utilização de informações com equalização de tempo jamais visto. Quanto à aprendizagem,

podemos perceber uma grande evolução, não só a tecnológica como também de valores e comportamentos.

A tecnologia é parte da sociedade, não há transformação pura e simples por aparatos e sim por comportamentos inexoravelmente humanos. Nesse sentido, observamos que a atividade humana está ligada a seres pensantes, aos materiais e às representações e ideias, ou seja, a tecnologia é indissociável do ser humano e das ideias que as conceberam. A tecnologia não é independente, “[...] em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p. 22), portanto, quando nos referimos à transformação, estamos falando do conjunto sociedade, cultura e aparatos tecnológicos.

“Especialistas da área de informação afirmam que a revolução nas comunicações está só no começo e é impossível prever, exatamente, como será o futuro, dependendo, muitas vezes, mais dos próprios usuários, que vão desenvolvendo modalidades diferentes e criativas de uso e acesso às redes” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 63). Quando falamos em “rede”, uma série de concepções podem surgir em nossa mente, porém na conceituação de Watts (2009, p. 11), nada pode ser mais simples do que uma rede. De forma resumida, uma rede é um conjunto de objetos conectados entre si.

Assim, essa generalidade dificulta a definição precisa do termo rede, pois pode-se referir a pessoas em uma rede de amigos ou em uma grande empresa ou até de roteadores na internet. Podemos perceber que todos esses sistemas são redes, mas todos são distintos, entretanto, tal definição é pertinente, já que faremos referência mais vezes ao termo “redes”.

Compartilhar informação na atualidade se mostra uma prática comum. Não se pode confundir com o compartilhamento somente em bases tecnológicas como mero lazer. A informação aqui tratada deve ser pensada sob o cunho da intenção, de um propósito em prol de algo maior, do coletivo, por exemplo. Falamos de uma forma de organização sistêmica, pautada na troca de experiências, na informação como forma de ajuda, informações que interessem e possam, de uma forma ou de outra, beneficiar uma rede:

Talvez o comportamento mais simples seja o ato de compartilhar. Supostamente, aprendemos a dividir bens tangíveis, como doces e brinquedos, na infância. Apesar disso, ao longo de nossa vida adulta ainda lutamos com a questão de quanto devemos dividir nosso

dinheiro, nossa prioridade, nosso tempo – provavelmente porque compartilhar seja algo mais fácil de dizer do que de fazer. (DAVENPORT, 1998, p. 114)

O que pretendemos elucidar é que as concepções de redes e compartilhamento existem desde há muito tempo, porém, o modo como as pessoas usam determinadas plataformas tecnológicas para se relacionar mudou, a forma de relacionamento e compartilhamento de informação também mudou, diminuindo distâncias e aumentando vertiginosamente a quantidade dos seus relacionamentos. Duarte, Quandt e Souza (2008, p. 14-15) abordam o assunto, explicitando:

É cada vez mais fácil conectar pessoas em diferentes continentes por meio eletrônico ou digital, fenômeno praticamente impensável há apenas algumas décadas [...] o surgimento das redes de computadores foi uma conquista tão importante para a humanidade como o controle sobre o fogo [...]. É possível comparar o movimento em direção a uma superinteligência humana com o cérebro humano, capaz de fazer infinitas conexões que se intensificam à medida que envelhecemos. Graças ao computador, é possível agora integrar essa 'constelação de neurônios' com a de milhões de outras pessoas. Através da internet e outros meios de comunicação atualmente em desenvolvimento, será possível dar início a uma grande revolução humana.

Borges *et al.* (2012, p. 16) apresentam um parecer interessante sobre comunicação. Para eles comunicação é o ato de estabelecer uma relação com outra pessoa, pautada no ato de interagir, de compartilhar, de poder argumentar e assim conseguir trabalhar de forma conjunta, já que atualmente os conceitos de sociedade e comunidades em redes são algo relativamente em evidência. Portanto, “[...] a competência em comunicação em ambientes digitais, [...] está presente em atividades cada vez mais corriqueiras, como a partilha de informação, o trabalho em rede, a participação em discussões *online*, o uso de redes sociais e a criação de *blogs*”.

Para exemplificar a questão sobre tecnologia, comunicação e informação, Recuero (2009) faz um recorte sobre acontecimentos do ano de 2008 que se valeram dessas três condições para que pudessem alcançar o maior número de pessoas. Um fenômeno interessante, ocorrido nos Estados Unidos, trata do uso de vídeos, blogs e sites de redes sociais para difundir a campanha rumo à presidência daquele país, notadamente entre Barack Obama e John McCain, o que possibilitou a interação entre os usuários através do Twitter, por exemplo, permitindo verificar o

que eles comentavam sobre a campanha, haja vista o sucesso emplacado pelo vídeo “Yes we can”<sup>2</sup>.

Sobre o mesmo aspecto, em novembro de 2008, o estado de Santa Catarina foi assolado por uma de suas maiores catástrofes. A sequência de chuvas torrenciais fez com que os rios transbordassem, inundando e isolando muitas cidades. Deslizamentos tornaram pessoas, casas e estradas inacessíveis e incomunicáveis. Nesse período, vários blogs, mensageiros instantâneos e outras formas de comunicação e informação existentes na internet foram usados para mostrar ao país inteiro os fatos ocorridos. Tais ferramentas fizeram com que pessoas fossem mobilizadas, informações fossem concentradas, campanhas de ajuda nascessem e esses movimentos puderam ajudar o estado, naquele momento.

E o que esses fenômenos nos explicam? Eles mostram que o advento da comunicação com o uso do computador está alterando a maneira como as organizações se formam e o modo como a conversação e mobilização social acontece. Esse novo modelo de comunicação não só permitiu a interlocução entre os membros, mas também aumentou a capacidade de conexão entre os elos, fazendo com que as redes fossem criadas e expressas nesses espaços e fossem responsáveis pela propagação da informação, tanto da campanha do presidente, quanto da catástrofe em nosso país. O que podemos coletar de importante nisso é que os computadores conectados são apenas um mecanismo, pois a principal conexão está no fato de acontecer o relacionamento entre as pessoas, em se formar a rede (RECUERO, 2009).

Desse modo, novas estruturas sociais se formam em momentos distintos, mesmo que determinadas por um padrão, os sujeitos fazem parte da rede e também sofrem influência dos grupos que participam. Nessa perspectiva, as redes estabelecem um novo paradigma de relacionamento, baseado em estruturas sociais coletivas. Os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, e agora não são vistos somente por seus atributos individuais (classe, sexo, idade, etc.), mas pelo conjunto de relações que os sujeitos estabelecem por meio das suas interações entre os pares. Nessa perspectiva, Tomaél *et al.* (2007, p. 112) explanam:

---

<sup>2</sup> Videoclipe inspirado pelo presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, para a popularização do slogan "yes, we can" durante a campanha presidencial dos Estados Unidos de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S86szPyCCF8>.

[...] redes sociais são estruturas subjacentes à social, as redes desenvolvem-se a cada contato que mantemos, provocam a construção social do indivíduo e, quando vista por suas relações, podem-se identificar coesões e similaridades, em ações coadunadas de indivíduos que agem como um único corpo social. [...] refere-se a um grupo de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por um conjunto de relacionamentos sociais e motivadas pela amizade, relações de trabalho ou troca de informação.

O ambiente das redes sociais é dinâmico, pois o fluxo de informações é contínuo e se altera, dependendo do tipo de relação e em que instante essas mudanças de relações ocorrem. O fluxo de informação sofre alteração em decorrência de entrada ou saída de componentes da rede, afirmando o dinamismo constante nesses agrupamentos sociais. “São essas características que dinamizam e movimentam as redes, possibilitando a constante troca e o compartilhamento de diferentes tipos de informação” (TOMAÉL *et al.*, 2007, p. 113).

As redes sociais se formam em decorrência das interações que se moldam em relação aos momentos vividos pela humanidade. São os valores em relação ao trabalho, ao lazer e à vida que realmente permeiam a conduta da sociedade nas diversas gerações. Na Geração Baby Boomer, por exemplo, a grande preocupação é a produção laboral e, dada as particularidades da época, as redes sociais se restringiam aos contatos mais próximos. Já a Geração Y se preocupa bastante com o lazer, porém o acesso às facilidades dos ambientes digitais possibilita que eles consigam fazer mais de uma tarefa ao mesmo tempo, além de propiciar o contato com muitas pessoas, mesmo distantes geograficamente. Assim, as redes sociais se formam em decorrência das possibilidades inerentes e do comportamento em relação aos valores que as gerações prezam em determinado momento.

## 5 CRONOLOGIA DAS GERAÇÕES

Quando nos referimos a “geração” estamos nos reportando ao que os autores tradicionalmente consideram como a separação de 20 ou 25 anos para diferenciar uma da outra. Não somente a data de nascimento define o pertencimento de um indivíduo a uma geração, mas o fato de compartilhar as experiências históricas, culturais, crenças, atitudes e valores em relação à vida distinguem os sujeitos e as gerações. Cada geração passa por um conjunto único de episódios que demarca seu lugar na história e molda suas perspectivas. Nesse sentido, classificaremos as gerações pela data de nascimento e também pelo conjunto das vivências históricas, princípios de vida, valores comuns, modos de relacionamento e como encaram a vida e o trabalho.

Tal cronologia se faz necessária, pois as gerações serão apresentadas para se compreender como cada uma se relacionava e se comportava, já que temos a intenção de ressaltar a classificação sociológica existente em relação às mudanças da humanidade durante os tempos. Vamos tratar o assunto sob o ponto de vista das relações, do modo como “as redes” nas diferentes gerações se formavam ou se portavam.

Existem quatro principais gerações vivas: os Baby Boomers, a Geração X, a Geração Y e Geração Z (CERBASI; BARBOSA, 2009; TAPSCOTT, 2010). Os Baby Boomers são sujeitos nascidos entre 46 e 64 (CERBASI; BARBOSA, 2009; TAPSCOTT, 2010; TOLBIZE, 2008); 41 e 65 (CRISTIANI, 2010); entre 51 e 64 (RODRÍGUEZ SEGURA; PELÁEZ GARCIA, 2010).

Percebe-se que não há um consenso sobre as datas, entretanto, os Baby Boomers chegaram quando as taxas de desemprego eram enormes, pois a época das indústrias de armas para guerra havia acabado, justamente com o fim das mesmas, mas era uma época de esperança e otimismo com a chegada da paz. Assim, as famílias estavam confiantes na recuperação econômica e por isso passaram a ter muitos filhos. Era uma geração preocupada com o seu emprego, com sua forma de trabalho e produção (CERBASI; BARBOSA, 2009; TAPSCOTT, 2010).

Quanto mais se produzisse, mais reconhecimento se teria e, conseqüentemente, mais dinheiro se ganharia. Segundo Cerbasi e Barbosa (2009, p. 22) “[...] equilíbrio era uma questão secundária, tempo era unicamente dinheiro e

a mulher não tinha uma posição no mercado profissional, sendo seu tempo focado na casa e nos filhos”.

O nome Baby Boomers foi dado em virtude do grande número de nascimento de bebês depois da Segunda Guerra Mundial. As famílias esperaram para ter crianças após a guerra, já que milhares de soldados serviam em outro continente, sem a possibilidade de ter filhos. Muitos imigrantes chegavam aos Estados Unidos, colaborando para o vertiginoso crescimento populacional e, à medida que amadureciam, seus muitos filhos se tornavam uma poderosa força cultural, social e política. Eram pessoas que queriam participar de mudanças para melhorar o mundo (CRISTIANI, 2010; SANTOS *et al.*, 2011; TAPSCOTT, 2010).

Tapscott (2010) apresenta essa geração também como Geração TV. O impacto da revolução nas comunicações, liderada pela escalada da televisão, ajudou a transformar a geração. Assim como as tecnologias atuais, a televisão era a novidade do século, a sociedade achava empolgante pensar que era possível não apenas ouvir as pessoas que estavam longe, mas também vê-las. Era um mundo alternativo em tempo real e a TV se tornava, rapidamente, a mais poderosa tecnologia de comunicação disponível à época. Era comum a reunião familiar em torno do aparelho para acompanhar os programas televisivos. Tais apontamentos demonstram que nessa geração encontram-se pessoas que produzem, trabalham muito, porém com poucos relacionamentos externos, fora do ambiente ou das redes mais próximas como família e trabalho.

Em seguida, encontramos a Geração X ou Baby Bust, geração que agrupa os indivíduos que nasceram entre 1965 e 1980 (CERBASÍ; BARBOSA, 2009); 1965 a 1983 (RODRÍGUEZ SEGURA; PELÁEZ GARCIA, 2010); entre 1964 e 1977 (SANTOS, *et al.*, 2011); 1965 a 1976 (TAPSCOTT, 2010); 1964 e 1982 (TOLBIZE, 2008). Novamente não há consenso em relação às datas de nascimento dessa geração, todavia, é importante ressaltar que essa geração veio contestar as gerações anteriores e seus padrões, passaram por transformações históricas e culturais, como a queda do Muro de Berlim, uso do microcomputador e expansão tecnológica; mudanças que fizeram com que essa geração não tivesse semelhança com as gerações passadas.

É a geração preponderante nas empresas, atualmente, e embora em alguns aspectos ainda seja conservadora prefere fugir dos padrões rígidos de conduta, é confiante e busca o crescimento profissional (CERBASÍ; BARBOSA, 2009; SANTOS

*et al.*, 2011). A Geração X encara a vida de maneira diferente, principalmente porque não pensa somente no trabalho. Para os integrantes dessa geração, pensar na vida pessoal se tornou tão importante quanto pensar na vida profissional. Nessa geração encontram-se pessoas que tentam juntar o “útil ao agradável”, equilibrando trabalho e lazer.

Tapscott (2010, p. 25-26) apresenta a Geração X como indivíduos

[...] comunicadores agressivos e extremamente centrados na mídia. São o segmento mais velho da população cujos hábitos de uso de computadores e da internet se parecem com os da Geração Internet. Por isso, fornecem a experiência adulta mais próxima a partir da qual podemos começar a prever como a Geração Internet dominará o universo digital. Assim como a Geração Internet, a Geração X considera o rádio, a tevê, o cinema e a internet como mídias não especializadas, disponíveis para que todos acumulem informações e apresentem seu ponto de vista.

A Geração Internet, Geração do Milênio (TAPSCOTT, 2010), é também conhecida como Geração Y (CERBASI; BARBOSA, 2009; TAPSCOTT, 2010). O limite inferior para a Geração Y pode ser tão baixo quanto 1977, enquanto o limite superior pode ser tão elevado quanto 2002, dependendo da fonte que se procura. Cerbasi e Barbosa (2009), por exemplo, inferem que esta geração agrega sujeitos que nasceram entre os anos 1979 e 2000. Santos *et al.* (2011) define que os integrantes da Geração Y nasceram entre 1978 e 1994 e são pessoas que estão entrando no mercado de trabalho, provenientes de um período econômico de crescimento favorável. Na visão de Tapscott (2010), os pertencentes a essa geração nasceram entre 1977 e 1997. Já Tolbize (2009) classifica como da Geração Y aqueles indivíduos nascidos entre os anos de 1984 a 1990:

Muitos são filhos dos ‘Xs’ que não tinham muito tempo para si próprio ou viveram com pais separados. A Geração Y está transformando a forma como as empresas funcionam. O pessoal da área de Tecnologia da Informação tem muito trabalho para lidar com essa geração que quer se comunicar no Twitter, instalar blogs e criar comunidades no Facebook ou no Myspace para a empresa (CERBASI; BARBOSA, 2009, p. 24).

Essa geração se preocupa bastante com o lazer. Equilíbrio é realmente uma palavra de ordem, com importância acima do salário ou cargo. Consegue fazer diversas coisas bem feitas ao mesmo tempo, gerencia algumas tarefas com o uso da internet, utiliza *software* de produtividade, reuniões virtuais, *e-mail* e tudo o que a tecnologia pode oferecer.

A geração posterior à X recebe denominações como Geração Polegar (MOURA, 2009), Geração Z (CERBASI; BARBOSA, 2009), nascidos depois do ano 2000 até os dias atuais; ou Geração Next (TAPSCOTT, 2010) que agrupa pessoas que nasceram de 1998 até a data presente. Moura (2009) explana que nos anos 1960 a televisão era considerada a tecnologia mais poderosa da história. Atualmente os computadores, consoles de videogames e smartphones ultrapassaram a hegemonia televisiva. Se as crianças de gerações anteriores tinham o hábito de brincar na rua, as crianças da geração atual preferem as brincadeiras dentro de casa com seus dispositivos de interação. Para esta geração, a tecnologia é como o ar que se respira, tendo crescido com o “digital”.

Para Cerbasi e Barbosa (2009) é a geração da internet banda larga, Google, *smartphone*, jogos *online*, entre outros. Geração da era do conhecimento, na qual a rapidez não é nada mais que o seu ritmo normal, geração que tem acesso muito rápido à informação. Jogos *online*, computadores e dispositivos móveis são coisas comuns e corriqueiras. Anormal para eles seria não se expressar com essas ferramentas.

Enquanto a Geração Y está conectada com os 10 dedos, os nativos digitais têm facilidade com os dedos polegares. Daí a denominação de Geração Polegar, pois muitas crianças utilizam dispositivos móveis desde muito cedo e por isso conseguem manusear as teclas ou telas com muita habilidade, apenas com esses dedos (MOURA, 2009).

Para Fernandez Del Castro (2010), nascidos entre os anos de 1994 e 2005, a Geração Z é a primeira composta por nativos digitais em sentido estrito, pois chegaram ao mundo em pleno ápice do consumismo. Usam a comunicação instantânea para interações (comunidades *online*), porém seu individualismo radical também é expresso nos ambientes virtuais em detrimento à comunicação verbal. Apostam na inteligência e tecnologia para a educação e trabalho e geralmente são impacientes por terem hábitos de ação e satisfação imediata. Participam de grandes comunidades virtuais, sem se envolver pessoalmente.

São filhos de pais separados que formaram novas famílias, as “famílias recompostas”, e suas atividades cotidianas no mundo digital são muito bem estruturadas, capaz de conscientizá-los ética e socialmente. Rejeitam a educação formal, incluindo a carreira universitária, o que, junto com seus problemas de comunicação pessoal, provoca uma lacuna difícil de preencher entre as gerações

anteriores e futuras, potencializando uma escassez vindoura de profissionais qualificados (FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010).

Dada as divergências das datas de início e fim de cada geração, a ilustração da classificação sociológica é importante por apresentar o comportamento da sociedade em diferentes momentos, influenciada por condições econômicas, avanços tecnológicos e conduta em relação ao trabalho ou lazer. Os apontamentos se complementam uma vez que as mudanças ocorridas no comportamento social, no modo como as pessoas se comunicam e interagem, em como se têm acesso à informação e como esta é compartilhada, estão intimamente ligados.

Quando se refere à comunicação e informação, faz-se isso em decorrência de “pessoas”<sup>3</sup>. Quando se argumenta sobre a diferença de comportamentos ao longo dos tempos, em virtude das implicações momentâneas, das mudanças de cenário global ou da inserção da tecnologia e alteração nas formas e meios de comunicação, reporta-se às interações entre “pessoas”. Tudo isso remete a apontamentos de rede, de informação e relacionamentos oriundos das “pessoas”.

---

<sup>3</sup> Neste caso “pessoas” faz referência a grupo de indivíduos, organizações ou outras entidades sociais.

## 6 DISPOSITIVOS OU PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS

### 6.1 O INÍCIO

O termo recuperação da informação é uma expressão técnica da CI que está atrelada a um sistema de informação, entretanto, no presente trabalho, não será objeto de discussão. Desse modo, é feita apenas uma breve abordagem do assunto, sob a circunstância de se acreditar que o atual estágio tecnológico das plataformas infocomunicacionais apresenta relação com o assunto, já que no caso de recuperação de informação, em meio a tantas particularidades, há o que conhecemos como “suporte” ou “sistemas”, que têm a função de propiciar a recuperação da informação.

Nos anos 1950, o termo recuperação da informação passou a ser trabalhado por uma série de cientistas, engenheiros e empreendedores com vistas a encontrar as melhores soluções em termos técnicos e conceituais para sua definição. Diante da explosão informacional, já naquela época, e da definição de que recuperar informação perpassa por aspectos intelectuais de caracterização da informação e das particularidades para a sua busca, além do uso de métodos ou máquinas para se conseguir êxito, percebemos que existe uma ligação entre a informação produzida, armazenada e os meios para consegui-la (SARACEVIC, 1996).

A solução ao termo mencionado suscita também problemas os quais se apresentam em: Como descrever intelectualmente a informação? Como especificar intelectualmente a busca? Que sistemas, técnicas ou máquinas devem ser empregados? Tais questões, até hoje, são fundamentais para o estudo da informação.

Essas questões fizeram emergir vários conceitos e teorias empíricas, bem como um grande número de práticas. Historicamente, pode-se exemplificar a evolução de sistemas, técnicas ou máquinas utilizados para recuperar informação, desde os cartões perfurados nos primórdios da informática, passando pelos CD-ROMs e, agora, o acesso *online*; dos sistemas iniciais estáticos aos de interações múltiplas, dispositivos com interfaces inteligentes fazendo com que a recuperação da informação seja transformada em um processo de interação mútua; dos documentos para o conhecimento; das páginas de internet e textos apenas escritos às multimídias e sistemas inteligentes de relacionamentos.

Para Saracevic (1996, p. 44-45),

[...] o trabalho determinado pela necessidade de recuperar informações suscitou questões e promoveu pesquisas exploratórias de fenômenos, processos e variáveis, bem como das causas, efeitos, comportamentos e manifestações relacionados. Historicamente, este fato conduziu a estudos teóricos e experimentais sobre a natureza da informação, a estrutura do conhecimento e seus registros (incluindo bibliometria), o uso e os usuários, levando a estudos do comportamento humano frente à informação; a interação homem-computador, com ênfase no lado humano da equação; relevância, utilidade, obsolescência e outros atributos do uso da informação juntamente com medidas e métodos de avaliação dos sistemas de recuperação da informação; economia, impacto e valor da informação, dentre outros. Bastante significativa, também, foi a emergência do pragmatismo na aplicação empresarial da recuperação da informação: a indústria informacional ou, para ser mais preciso, o setor que lida com a criação e distribuição de bases de dados e de serviços *online* decorrentes, bem como o acesso à informação e sua disseminação. Essa indústria da informação tem suas raízes diretamente relacionadas com os trabalhos de recuperação da informação dos anos 50 e 60, que culminaram com a emergência de serviços *online* nos anos 70 e com a viabilização internacional da indústria da informação nos anos 80.

Podemos perceber nas palavras de Saracevic alguns fatores que gradativamente podem ter auxiliado o processo de digitalização da informação, desde o estudo do comportamento humano, a interação homem-dispositivo, até os serviços *online* de partilha de informação. Talvez encontremos aqui a célula embrionária de diversas aplicações presentes na atualidade, uma gama de produtos, sistemas, redes de comunicação, serviços e ambientes digitais agora voltados ao compartilhamento de informação.

## 6.2 PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

A CI, como campo de estudo multidisciplinar, pode ultrapassar a questão apenas de recuperação da informação e passar a olhar também para a comunicação, saindo do pragmatismo das bases de informação de armazenamentos locais, alcançando a informação “produzida e compartilhada”, independente do espaço. A informação agora encontra na comunicação uma forte aliada para seu compartilhamento, o que contribui, sobremaneira, para a evolução da indústria informacional.

Saracevic (1996, p. 52) argumenta que “[...] se existe alguma palavra que tenha mais conotações, maior uso em muitos e diferenciados contextos e maiores motivos para confusão do que informação, essa palavra é comunicação”. Primeiro porque ainda não há consenso entre o processo de comunicação visto como objeto

de investigação e comunicação como campo de estudo “[...] isto é, a comunicação (campo) estuda a comunicação (processo)”.

O processo de comunicação não é apenas o simples ato de envio de mensagem, o conteúdo: comunicar constitui fundamentalmente um ato social. Todo ato de comunicação é parte da interação social, que por sua vez ocorre em um sistema mais amplo das relações sociais (PERAYA, 1999). Interessante perceber que a comunicação, como processo, ultrapassa o sentido apenas de emissor, mensagem, receptor.

Expressa-se dessa forma, um novo sentido para o ato de se comunicar. Assim como a tecnologia evoluiu da simples busca de conteúdo, nos primórdios, para a atual *web* colaborativa, em que os indivíduos também criam os conteúdos, a interação social parece apresentar-se como decisiva na comunicação. Para Tomaél (2005, p. 40) “[...] as escolhas de comunicação incidem, sobretudo, entre as interações programadas e as não-programadas. [...] O uso da mídia para a comunicação é determinado tanto socialmente quanto tecnologicamente e normativamente”.

Entende-se, deste modo, que comunicação pode ser considerada um tipo de relação humana que implica na participação inicial do emissor, mas que espera reciprocidade para que a comunicação como processo se complete. O fenômeno comunicacional de compartilhamento de informação pode então definir uma comunidade por meio de suas interações sociais. Essa participação recíproca instiga comportamentos coletivos peculiares nas “redes”.

O processo de comunicação implica o conhecimento prévio de algo, de uma teoria, uma experiência, um evento específico. Seja qual for o termo designado, fica subentendido que há uma realidade externa ao ser humano que é a origem do que chamamos de “informação” e que existe um “indivíduo” que se comunica, compartilha essa informação para múltiplas formas de conhecimento (MCGARRY, 1999).

A relação entre os conceitos de informação e comunicação parece-nos importante por ambos atuarem entrelaçados, pois o campo comunicação converge com a CI por tratarem dos processos comunicacionais e de informação. Os estudos acadêmicos ligados à comunicação dão prioridade aos vínculos da comunicação humana, de forma a verificar como é feita a interação entre indivíduos, coletividade e

sociedade no ato de compartilhar e usar a informação, tanto com o ambiente, quanto entre si:

Pesquisadores que trabalharam tanto em CI como em comunicação entendem que o foco unilateral em informação ou em comunicação, por si mesmo é muito estreito, enfraquecendo a pesquisa em ambos. [...] o desenvolvimento da relação entre CI e comunicação apresenta várias dimensões: um interesse compartilhado na comunicação humana, juntamente com a crescente compreensão de que a informação como fenômeno e a comunicação como processo devem ser estudadas em conjunto; uma confluência de certas correntes de pesquisa; algumas permutas entre professores; e o potencial de cooperação na área da prática profissional e dos interesses comerciais/empíricos (SARACEVIC, 1996, p. 53-54).

Nesse sentido, percebemos uma linha muito tênue entre os campos de estudo da informação e comunicação. A tecnologia, por meio dos ambientes virtuais, possibilita um modo de comunicação peculiar, o qual a informação está disponível em plataforma distintas como Facebook, WhatsApp ou qualquer outro meio digital de partilha de informação. Essas plataformas, pautadas no contexto tecnológico atual e na abundância informacional, parece proporcionar um novo olhar sobre as interações humanas. Pode-se dizer que são plataformas múltiplas, não só de acesso à informação, nem somente de comunicação, são plataformas infocomunicacionais. Estamos nos referindo à comunicação como processo, de forma que se entenda comunicação como o ato de se comunicar, interagir, trocar informação por meio de algum dispositivo que permita o compartilhamento de informação.

Os processos de comunicação foram potencializados pela computação, que com aparatos específicos da área, conseguiram promover métodos comunicacionais ao mesmo tempo em que conseguem prover a partilha de informação. As plataformas infocomunicacionais surgem, então, em meio à tecnologia digital por proporcionar a convergência da computação, dispositivos móveis, comunicação e informação em ambientes digitais.

### 6.3 INFORMAÇÃO, INFORMÁTICA, COMUNICAÇÃO: INFOCOMUNICAÇÃO

Ao referenciar a comunicação como processo, deve-se tecer um olhar também sobre a telecomunicação. A convergência dos serviços de telecomunicação, como dados, texto, voz, áudio e vídeo faz emergir o que conhecemos como serviço multimídia. A confluência dos serviços da área de informática como as redes locais para as “e-redes” também desencadeia o uso da expressão “redes de banda larga”. Os terminais, antes isolados, passaram a se comunicar independentemente das

distâncias. O que inicialmente era apenas de acesso por periféricos de entrada de dados passaram a ser terminais multimídia inteligentes, onde a introdução dos dados se dá apenas com um toque na tela.

Há alguns anos as diversas áreas eram vistas de forma separada, inclusive com os próprios órgãos reguladores bem definidos e regulamentados isoladamente. Por exemplo, dados e voz eram geridos pela área de telefonia, programas de áudio e vídeo eram coordenados pelo setor de radiodifusão e televisão, ou seja, cada um possuía a tecnologia específica para sua área (SALLAI, 2012). Com o advento da tecnologia digital, todos os setores estão se padronizando como forma de convergir para que possam se utilizar de um meio comum de comunicação.

Com a junção dos serviços da comunicação eletrônica, qualquer tipo de conteúdo pode ser digitalizado, qualquer informação pode ser transmitida pelas linhas digitais e pelas novas redes de telecomunicação. As redes, hoje baseadas no Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo de Internet (TCP/IP), são capazes de transmitir voz, dados, textos, áudio, vídeo etc. Há portanto, uma nova possibilidade de serviços integrados. Para Voribiyenko e Nikityuk (2012), a evolução de um termo pode ser gradativa tanto quanto a evolução de um campo de estudo, não ocorrem de uma hora para outra, mas novos olhares vão sendo lançados até que se alcance consenso.

O termo infocomunicação surgiu no início dos anos 1980 em conferências científicas e, posteriormente, de forma gradativa, foi adotado na década de 1990 pelos executivos das indústrias de telecomunicações. Nesse tempo, a União Internacional de Telecomunicações (ITU)<sup>4</sup> começa a utilizar o termo de forma usual fazendo com que tanto fabricantes quanto provedores de serviços passassem também a utilizar o termo para expressar, claramente, a sua participação no processo de convergência dos setores de comunicação e informação para o meio digital. A comunicação eletrônica constitui a infraestrutura digital que possibilita os serviços de conteúdos e aplicações digitais, assim, esse processo de junção foi

---

<sup>4</sup> Órgão internacional destinado a padronizar e regular os serviços de rádio e telecomunicações internacionais. A agência é composta por todos os 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) e por mais de 700 entidades do setor privado e acadêmico. É responsável pela elaboração, a partir do diálogo com o setor industrial, de padrões e normas consensuais sobre tecnologia que garantam o funcionamento, a interoperabilidade e a integração dos sistemas de comunicação em todo mundo com a finalidade de facilitar o acesso das indústrias aos diferentes mercados de cada país. Antes de 1992 era conhecida como Comitê Consultivo Internacional de Telefone e Telégrafo ou CCITT (francês "Comité Consultatif International Téléphonique et Télégraphique").

sendo naturalmente ampliado para todos os tipos de mídia tecnológica (SALLAI, 2012).

A confluência de campos como o da comunicação, da tecnologia da informação e da ciência da informação é que suscita o pensamento de simplesmente chamar esse conjunto de “infocomunicação”, porém, de forma inicial e não se deve esquecer de considerar expressões derivadas como infocomunicação em rede, tecnologias infocomunicacionais e serviços infocomunicacionais.

Conforme Voribiyenko e Nikityuk (2012), as tecnologias infocomunicacionais inicialmente são vistas como objetos físicos, os mecanismos que proporcionam a transformação, armazenamento e representação da informação, bem como os meios de transferência que fornecem níveis de qualidade e garantia de serviço. Os autores ainda definem as redes infocomunicacionais como os recursos informacionais geograficamente distribuídos, os recursos computacionais, os *data centers* com seus servidores, os dispositivos dos usuários para a interação, e ainda, o que é disponibilizado pelos serviços de telecomunicação e as plataformas de serviços múltiplos atuais.

A crescente utilização dos computadores nos setores operacionais na área de telecomunicações resulta numa síntese entre o setor de telecomunicações e o setor de tecnologia da informação. Baseadas na tecnologia TCP/IP, as soluções em ambas as indústrias, de informática e de telecomunicações, geraram uma estrutura integrada para o processamento, armazenamento, acesso e distribuição da informação. Para Sallai (2012) os meios de comunicação, de produção de conteúdo e gerenciamento eletrônico também foram envolvidos no processo de convergência das mídias, utilizando as oportunidades trazidas pelo setor de telecomunicações que passou a utilizar a tecnologia TCP/IP e comunicação entre computadores, o que é demonstrado pela imensa expansão da internet.

Serviços de conteúdo eletrônico e aplicações baseadas em tecnologias *web* foram viabilizados pelo enlace das redes e serviços de comunicações eletrônicas. Surgiram, por exemplo, termos como *e-business*, *e-commerce*, *e-saúde*, *e-learning*, *e-government*, casas inteligentes, entre outros. De forma geral, eles podem ser chamados de e-conteúdos ou aplicações infocomunicacionais. Os termos serviços da sociedade de informação, serviços de conteúdo, além de e-serviços, também são usados.

*Infocommunications (Infocom)* é a expansão natural das telecomunicações com o processamento de informações e funções de manipulação de conteúdo, incluindo todos os tipos de comunicações eletrônicas (telefonia fixa, móvel, transmissão de dados, transmissão de mídia, radiodifusão etc.) sobre uma base de tecnologia digital, principalmente através da internet (SALLAI, 2012).

Talvez Borko, quando na década de 1960 apresentou sua definição sobre a disciplina de CI, não imaginasse que o seu pensamento estaria tão atual em 2015. Ao se expressar sobre o estudo das propriedades e do comportamento informacional, além dos meios pelos quais a informação trafega para o seu uso, o estudioso nem imaginaria a evolução tecnológica vivida recentemente. Entretanto, o autor parecia já prever a investigação sobre a origem, organização, armazenamento, transformação e transmissão, tanto em meios naturais quanto nos artificiais, com o uso do computador (BORKO, 1968).

Assim, o termo infocomunicação tem apoio na CI por não se distanciar do que parecia pregar Borko. A infocomunicação vista como um conjunto de instalações para a transformação, acumulação, armazenamento e compartilhamento de informações, implementada em toda a estrutura das redes de telecomunicações possibilitando o acesso aos recursos e a troca de informações, apresenta-se como uma definição contemporânea, inerente ao momento de utilização dos diversos dispositivos de comunicação pela sociedade.

A expansão do setor de telecomunicações ajuda a sinalizar a conceituação do termo infocomunicação, pois os serviços de comunicação a distância, em conjunto com o processamento de informação e o gerenciamento da tecnologia digital indicam para o que se pretende abordar como infocomunicação. A estreita relação entre os setores parece balizar o termo, que vai muito além das mídias sociais, é a união dos dispositivos e a ação humana sobre eles como o celular, o *e-mail*, o WhatsApp, a web em geral, ou seja, tudo que permita a comunicação nos ambientes digitais.

Emprega-se o termo infocomunicação como forma de apresentar dispositivos que sirvam como complemento para a comunicação e troca de informação entre pessoas, ou seja, quando o texto fizer referência à infocomunicação, a alusão é a todo sistema, independente do tipo de plataforma ou dispositivo usado, quer seja ela baseada em computador quer seja baseada em dispositivos móveis, desde que seja em ambiente virtual, será considerada uma plataforma infocomunicacional.

#### 6.4 DISPOSITIVOS OU PLATAFORMAS SÃO INERENTES À SOCIEDADE

Não é intenção argumentar sobre o tema mediação neste trabalho, mas, para adentrar o assunto sobre dispositivos infocomunicacionais, cabem algumas ressalvas em paralelo com o intuito de contribuir para o entendimento sobre dispositivos ou plataformas. As inovações tecnológicas pautadas pela crescente evolução eletrônica e avanços digitais mudaram e moldaram processos culturais em diversas áreas. Não só a esfera científica, mas os elementos humanos desse processo sofreram e continuam sofrendo interferências nos seus ambientes sociais a todo momento, por novos dispositivos e modos de mediação informacional.

Nas pesquisas sobre comunicação e informação, Marteleto e Couzinet (2013) têm a percepção de que mediação evoluiu do conceito inicial de transmissão de único sentido, advindo de teorias clássicas consolidadas na representação do mediador ou de uma mídia, para um processo que agora sofre interferência de diferentes agentes técnicos, sociais e culturais. Nesse sentido, a mediação passa a ser não apenas uma via de mão única, mas começa a ser vista como um sistema que envolve a participação e comportamento humano, que pode atuar em diferentes papéis que o sujeito exerce na sociedade.

Outra questão importante a ser apresentada foi a ampliação do estudo da informação, que passou apenas de “informação científica” e os procedimentos de transmissão, para a “informação social”, na qual as pesquisas incorporam práticas em que os saberes e trocas de informação nas redes sociais também são considerados, percebendo a importância criativa dos mediadores como agentes participantes das mudanças e desenvolvimento cultural ao seu redor.

Para Jeanneret (2005), o termo “dispositivo” foi utilizado como substantivo ou adjetivo em diversas áreas como o Direito ou Medicina e, no século XIX, tornou-se um termo comum no campo técnico para designar um conjunto de aparelhos que realizava uma determinada função. No campo da informação, comunicação e mídia faz alusão aos componentes estruturais que possibilitam a comunicação. São referências aos dispositivos de mídias, dispositivos televisivos, dispositivos editoriais, dispositivos móveis. Entendemos que cada dispositivo tem sua particularidade, pois a comunicação necessita de uma organização estrutural para cada caso.

Pode-se perceber que o termo dispositivo denota várias definições, em diferentes cenários, entretanto, para nosso trabalho, uma definição pertinente é a de

que “[...] um dispositivo é essencialmente um agenciamento de elementos o qual apresenta, também, a particularidade de estar fundamentado em uma intenção de articular meios em função de uma finalidade” (MARTELETO; COUZINET, 2013, p. 3).

O termo dispositivo, inicialmente, é utilizado para servir como algo com “função específica”, na maioria das vezes, como forma de resolver problemas imediatos. Num segundo momento, o dispositivo é definido por sua intencionalidade, conforme sua invenção e operacionalidade, assim, não basta interpretá-lo como ferramenta, mas como instrumento que possibilita ações mutáveis, conforme o contexto empregado, explicam Marteleto e Couzinet (2013). Dessa forma, a concepção do termo pode ser analisada no sentido de compreender as estruturas que proporcionam comunicação e fatura de informação, além de verificar o seu papel diante da diversidade de meios de partilha informacional.

Peraya (1999, p. 153) define dispositivo como

[...] uma instância, um lugar social para a interação e cooperação com as suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, os próprios modos de relacionamento. Dispositivos são determinados pelas intenções, baseiam-se na estrutura de organização dos recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, modelado a partir de características próprias, comportamentos e condutas sociais (afetivas e relacionais), cognitivas e comunicacionais dos sujeitos.

Essa noção de dispositivo, “[...] como agenciamento de elementos funcionando conjuntamente, exprime a sensibilidade ao elo e a necessidade de um projeto cujo resultado, perenidade e força só podem existir no coletivo” (MARTELETO; COUZINET, 2013, p. 8). Entretanto, o entendimento deve ser conduzido isolando cada agente como forma de compreender o seu real papel em relação ao todo. Mesmo interdependentes, cada um executa uma função específica dentro do processo, mas juntos propiciam sentido ao dispositivo em seu contexto.

Para as autoras, os dispositivos não são apenas ferramentas, máquinas ou objetos materiais, são um conjunto de ações, o “saber fazer” dos seres humanos em sintonia com os dispositivos. Não se dissocia os dispositivos técnicos do homem, pois a concepção e evolução das máquinas acontecem juntamente com a sociedade que vai mudando e se moldando de forma diferente, conforme a pluralidade das situações. A satisfação do resultado obtido com o manuseio de determinado

dispositivo direciona para a prática constante que propicia o aprendizado e aperfeiçoamento das técnicas de uso.

Jeanneret (2005) corrobora esse pensamento ao esclarecer que nos debates sobre “sociedade da informação” a concepção de dispositivo apresenta a noção de que a comunicação não é um instrumento neutro, pois dispositivos não são vistos apenas como suporte ou canal, concepções novas surgem afetadas pelas mudanças impostas pelas novas mídias. Essa abordagem dinamiza o sentido de dispositivo e amplia o significado de comunicação, visto não apenas em relação ao conteúdo ou ao recurso técnico como “ferramenta”, mas pelas possibilidades de interações entre os atores, agora participantes ativos dessa mistura agente/comunicação/informação. Os dispositivos passam a ser a extensão do ser humano, produtor e consumidor da informação.

As competências em operação das plataformas são subjacentes às competências em informação e comunicação em ambientes eletrônicos. Para Borges *et al.* (2012, p. 10), “[...] por mais competente que um indivíduo seja com a informação e com a comunicação, terá dificuldade em aplicá-las se não possuir as competências operacionais elementares”. A apropriação dos usuários sobre a tecnologia a redefinem a todo momento, amplificando o seu poder, mas depende do fator humano para que o seu papel tenha sentido. Castells (2005, p. 69) contribui com esse ponto de vista ao explicar:

As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. [...] Há, por conseguinte, uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo.

O uso de plataformas infocomunicacionais em ambientes digitais é encarado como um processo natural da sociedade atual, a qual o ser humano e instituições são constantemente pressionados a encontrar meios que permitam a utilização, produção e organização dos diferentes tipos de informação, serviços e produtos, bem como a interação social e comunicação com a utilização destes dispositivos eletrônicos. Indivíduos que não se adaptam à cultura digital podem até ser excluídos dos grupos sociais. As tecnologias de informação e comunicação propiciam novas possibilidades por estarem presentes em vários segmentos da sociedade e quando

utilizadas de forma correta proporcionam acesso e convívio social (BORGES *et al.*, 2012).

Dessa forma, a percepção de dispositivo aqui apresentado tem um viés mais cultural, indissociável da ação humana, em que a variedade de cenários que se apresentam e as possibilidades de fusão das ferramentas disponíveis proporcionam a observação dos dispositivos sob a perspectiva da comunicação e de sua função como meio informacional. Assim, parece salutar a afirmação de que “[...] se um dispositivo tem a intenção de fazer saber, como uma mídia, por exemplo, essa intenção é indissociável do conteúdo. Esse último, em cujo âmbito a informação encontra-se latente, constitui também uma razão de ser do dispositivo” (MARTELETO; COUZINET, 2013, p. 8).

O estudo feito na área da comunicação sobre dispositivos infocomunicacionais mostra uma evolução técnica e crescente industrialização do setor, com condições de intervenções dos atores para mediação material e social como, por exemplo, o testemunho do cotidiano num programa de auditório, a realidade mostrada num jornal na televisão a partir de uma página pessoal ou por uma mensagem enviada pelo telespectador.

Os dispositivos recentes possibilitam uma interação dinâmica entre os pares e proporcionam uma nova forma de financiamento baseada na publicidade nessas mídias, assinala Jeanneret (2005). A própria história da evolução dos livros, desde o manuscrito até a impressão, são estudos de dispositivos, além disso, mesmo que seja recorrente a tentação em qualquer época de profetizar uma mutação total dos sistemas, o que se pode perceber é que há uma mistura, uma hibridação entre diversos meios de comunicação.

Em relação a essa questão, a maioria dos debates sobre a chamada "sociedade da informação" faz referência ao peso dos dispositivos de comunicação e de como eles podem, de um lado apresentar-se como restritivos, pelas desigualdades econômicas e exclusão social e, por outro lado, um valioso recurso político e cultural para os indivíduos. O assunto deve ser visto sob o prisma de que os dispositivos de comunicação emergentes (computadores, redes, telecomunicação) não são simplesmente canais de informação como têm sido comparados ao livro, TV ou telefone, na tentativa de entender apenas o seu funcionamento. Esses dispositivos, quando combinados com outros dispositivos

mais antigos, exibem padrões e formatos que podem influenciar as formas de comunicação:

Pela perspectiva dos processos sociais, há uma mudança cultural em curso, porque está se migrando de uma posição de espectadores – pessoas que recebem um conteúdo pronto, uniforme e padronizado de informação via TV e rádio, por exemplo – para participantes – pessoas que podem procurar, avaliar e decidir como e quando aproveitar a informação disponível na internet. Assim, se por um lado há um processo de ‘libertação de intermediários’ no acesso à informação, fica para o cidadão a responsabilidade por localizar, avaliar e discernir conteúdo relevante (BORGES *et al.*, 2012, p. 6).

A questão não é muito simples, porque o conceito de dispositivo é claramente heurístico, uma vez que leva a olhar de perto como realizar as mudanças em termos de contextos, procedimentos, materiais, ordens, pois pode ser entendido com vários significados. Em engenharia, o dispositivo, muitas vezes se apresenta como o componente de um sistema, estritamente associado a uma função, enquanto que na análise social de práticas de comunicação, essa dimensão técnica tem um sentido maior, um conjunto em ordem de sinais, relações e de poder.

Dispositivo como um conjunto de condições para perpetuar a comunicação que, longe de ser estritamente convincente, assume o seu significado pelas interpretações e apropriações dos atores sociais: se bem que por trás do termo comum – dispositivo – pode se esconder diferentes concepções, até mesmo as que se opõem ao seu papel de informação e comunicação na sociedade (JEANNERET, 2005).

Nesse sentido, conforme Peraya (1999), é possível traçar uma linha divisória entre as percepções de dispositivo tecnológico neutro, visto como um simples apoio para distribuição, como um veículo capaz de difundir qualquer forma de mensagem e o entendimento de que o dispositivo ou artefato tecnológico contribui para a configuração da mensagem, seu significado e importância.

Utilizando um termo diferente, mas análogo ao que se apresenta sobre plataformas, Lévy (1999) definiu o meio de comunicação oriundo da interconexão de computadores em escala global como ciberespaço ou, simplesmente, rede. Para ele, o termo definido não se apresenta apenas como a ligação dos cabos, o acesso aos *backbones* das grandes empresas ou os enlaces das pequenas redes, o que permite um emaranhado de conexões facilitadas pelos roteadores espalhados pelo mundo, ou seja, não é apenas a estrutura física de comunicação. O termo ciberespaço é

encarado como o mundo de informações que essa estrutura pode abrigar, bem como os usuários que interagem, nutrindo-se e provendo o sistema com informação.

A definição do autor francês sobre ciberespaço, já no ano de 1999, parecia um prelúdio sobre a evolução das plataformas e espaços de comunicação vindouros, baseados na tecnologia TCP/IP e dispositivos móveis. Dessa nova configuração de “local”, de interação informacional, pode aflorar uma cultura específica desse ambiente que se apresenta com os métodos, as práticas, modos de pensar, de agir, atitudes e valores que foram evoluindo ao longo do tempo, concomitante ao desenvolvimento da tecnologia (LÉVY, 1999). Tais mudanças permitem direcionar o olhar para as constantes mutações das plataformas infocomunicacionais e consequente migração dos grupos entre as ferramentas.

Complementando o exposto sobre tecnologia, plataformas e comunicação, de forma comedida, porém não menos interessante, o teórico brasileiro Sodré (2002) expressa que o termo comunicação tem sido modificado pela crescente independência e importância com que têm sido apontadas as tecnologias de informação e comunicação sob a égide da rapidez das transmissões, pelas possibilidades de conexões independentes dos espaços, além de permitir o compartilhamento da informação a um grande número de pessoas. Para o autor, são novos processos comunicativos que surgem em consonância com o avanço tecnológico.

O autor faz ressalvas significativas sobre a questão pura e simples da comunicação com uso de plataformas tecnológicas, como se não houvesse o produtor e receptor para o ato de se comunicar. Corroborando essa mesma visão quando argumenta que a tecnologia, por si só, não é protagonista dos processos de comunicação. A exclusão aparente do ser humano dessa relação mudaria o sentido da principal aplicação dos dispositivos que seria o de servir como um instrumento facilitador de ligação entre os elos que desejam se comunicar.

Esse fenômeno o autor intitula como “mídiatização”. Para ele, tal acontecimento “[...] é uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium” (SODRÉ, 2002, p. 20).

Entende-se que a comunicação, por si só, não basta, tal qual a informação. Não há sentido em dispositivos tecnológicos sem requisitos básicos como

informação e usuário. As plataformas infocomunicacionais apresentam função significativa se comunicação e compartilhamento de informação permitirem a interação entre os seres humanos. O que mudou é que agora todos podem ser comunicadores e também consumidores da informação, ao mesmo tempo.

Não é que o desenvolvimento tecnológico seja visto como mais importante do que o ser humano, mas é mister observar que a tecnologia está incorporada à sociedade. Como numa espiral, as competências humanas em informação e comunicação se integram; não se percebe uma delimitação bem definida entre elas. “Por exemplo, uma pesquisa na internet envolve o uso de mecanismos de busca e a capacidade de explorar as ligações, que vai exigir senso de orientações e seletividade do utilizador enquanto navega num ambiente não-linear” (BORGES, *et al.*, 2012, p. 10). Tecnologia e ser humano se integram como se fossem uma única peça neste processo de busca.

A convergência e ligação das expressões aqui postas suscitam o pensamento de que, ao invés de falarmos dos termos distintos que apresentam suas significações peculiares, poderíamos expressá-los já entrelaçados (SODRÉ, 2002). Nesse sentido, ao se fazer referência ao termo plataformas ou dispositivos infocomunicacionais (JEANNERET, 2005; MARTELETO; COUZINET, 2013), não se reporta a uma ferramenta, simplesmente, faz-se alusão ao conjunto dos pontos de vista apresentados neste capítulo, desde o comportamento humano, passando pelos processos de comunicação, (SARACEVIC, 1996), a telecomunicação e sua estrutura física baseadas nos protocolos TCP/IP, (SALLAI, 2012; VORIBIYENKO; NIKITYUK, 2012).

O agrupamento de elementos, aliado ao ato de compartilhar informação e as interações coletivas formam as plataformas ou dispositivos infocomunicacionais, sem dissociar a ação humana das ferramentas técnicas. Apresentam-se como plataformas múltiplas, híbridas, com função comunicacional e informacional, mas que têm sentido quando os atores aperfeiçoam o uso e se satisfazem com as interações sociais em circunstâncias variadas. Mais que uma visão sobre comunicação, ser humano e tecnologia, o conglomerado aparente se apresenta como um instrumento cultural que aflora face às mutações históricas vividas na sociedade, acelerada pelo exacerbado desenvolvimento dos dispositivos digitais amparados, principalmente, pelo valor atual da informação.

## 7 O INDIVÍDUO, A SOCIEDADE E O COLETIVO

Não temos aqui a intenção de definir o que seja “indivíduo” e “sociedade”, apenas fazemos apontamentos para a corrente de pensamento na qual tais elementos não se dissociam, pois é difícil imaginar o sujeito sem a sociedade e a sociedade sem o sujeito. Elias (1994. p. 67) já defendia essa tese quando se referia às várias tentativas e abordagens de explicar o conceito do “eu” e o “ser social” e nossa visão vem ao encontro do que o autor pensa:

Para onde quer que nos voltemos, deparamos com as mesmas antinomias: temos uma certa idéia tradicional do que somos como indivíduos. E temos uma noção mais ou menos distinta do que queremos dizer ao pronunciar o termo ‘sociedade’. Mas essas duas idéias – a consciência que temos de nós como sociedade de um lado, e como indivíduos, de outro – nunca chegam, a coalescer inteiramente. Sem dúvida temos consciência, ao mesmo tempo, de que esse abismo entre os indivíduos e a sociedade não existe na realidade.

O chamado “mundo moderno”, moldado pelo capitalismo, pode ser considerado uma transformação aparente que pode constituir a sociedade atual. O sujeito aparece inserido em diferentes contextos sociais, identificando-se a partir de suas relações e não apenas como ser individual. Dessa forma, a vida social é gerada pelos processos interacionais do indivíduo e a construção da identidade do “eu” nasce a partir dessas relações sociais.

Outro evento transformador é a internet que alterou o modo, a rapidez e meios de interação e troca de informação entre as pessoas. Ainda assim, como explanado por Marteleto (2001), as formações em rede não são novas ou produtos dessa tecnologia. A rede está ligada às relações sociais do indivíduo e o que ela pode fazer com ele, transformando-o em um ser social por participar de uma rede e fazer *networking*.

A coletividade só existe a partir do sujeito, pois o indivíduo interage em decorrência de suas afinidades e relações (semelhança) tanto quanto aquele que não se identifica com determinado grupo (diferenciação). Entretanto, mesmo que a internet tenha encurtado distâncias, mesmo que possibilite grande quantidade de relacionamentos, não podemos nos iludir com a efetividade de tais relacionamentos.

Há que se pensar em relações que transformem “eu” em “nós”, não somente em pertencer a um grupo ou ter alguém como contato em qualquer plataforma ou mídia social. É a transição do sujeito individual para o sujeito sociológico que pode

formar a coletividade. O social é que liga esses sujeitos, tornando-os companheiros, aliados, associados, são essas identificações sociais que produzem a força coletiva, não havendo separação entre o sujeito individual e o sujeito coletivo. Sua singularidade advém das ideias e sentimentos do “eu”, produzidos pelas vivências e representações de suas relações uns com os outros. É isso o que defende Kadushin (2011) quando diferenciou rede de *networking*.

Na vida, todas as experiências podem trazer novos conhecimentos, como o “conhecimento popular”, adquirido nas vivências sobre o local e realidade que cerca o indivíduo, e das intervenções coletivas produzidas por esse sujeito. As ações, após as repetições, desencadeiam comportamentos e costumes oriundos dessa prática. Os novos saberes, nascidos das práticas, são produzidos a partir da percepção da necessidade de cada sujeito em seu cotidiano, tanto individual quanto coletivo.

Há estudos sobre metodologias para se elencar tais vivências que partem da reflexão sobre as experiências cotidianas que registram as práticas e memórias com o intuito de possibilitar a volta em algo que já se viveu. A organização de forma sistematizada das ações recorrentes contribui para que quando cenários parecidos acontecerem, as informações compartilhadas possam ajudar na resolução adequada da situação. Não apenas de forma linear, organizar ou resumir as experiências, mas proporcionar uma descrição, uma interpretação, uma indagação da vivência, para que em momento oportuno seja possível uma releitura do ato, com novos aprendizados:

A sistematização é um instrumento que permite olhar analítica e criticamente para o vivido e experimentado. Ao examinar de perto os resultados e os impactos alcançados pela experiência, torna-se um exercício constante de monitoramento e avaliação das atividades, necessário para o contínuo aprimoramento da ação. Os resultados, quando compartilhados, são fontes inspiradoras para outros grupos ou instituições atuantes, com projetos similares mas em contextos diferentes. Ademais, as sistematizações são extremamente úteis na qualificação de intercâmbios e nas interações em redes locais e regionais que visam o aprendizado mútuo por meio dos ensinamentos extraídos das experiências de todos os envolvidos (CHAVEZ-TAFUR, 2007, p. 7-8).

A ação de educação popular e prática diferencia-se da teoria, porém, a sistematização traz a valorização do conhecimento local e apresenta aos outros o conhecimento prático, deixando de privilegiar apenas o conhecimento acadêmico, tecendo algo maior, criando uma rede de experiências locais. Nesse âmbito, para Barros (2009), o conhecimento tácito pode complementar novos saberes sobre as

práticas, formando uma rede maior de conhecimento, potencialidade inerente aos processos das reflexões coletivas intencionadas que surgem de práticas sociais concretas.

O saber empírico tem muito a ensinar quando se parte do pressuposto que o sujeito é parte integrante do processo. As informações iniciais e as análises são construídas pelos autores da experiência, que são geradores do conhecimento compartilhado, reconhecidos como autores desse conhecimento. Não se trata mais de aplicar o conhecimento científico como verdade absoluta existente e, sim, criar saberes pertinentes ao local que poderão colaborar para desenvolver ainda mais o pensamento científico (BARROS, 2009).

Os indivíduos, agora participantes da construção coletiva, reconhecidos pela importância de suas práticas, passam a direcionar-se para discussões e criações do “novo” a partir das realizações particulares de cada um, mas contemplados em um cenário mais amplo, seres singulares que juntos formam contextos sociais contemporâneos, totalmente alicerçados pela concretude dos projetos integralmente humanos. Essa é a transformação que a sistematização pode potencializar.

Nesse cenário, não é que a teoria ou a produção científica pareça menos importante, mas ela não se restringe às universidades, passa a percorrer também as práticas sociais, conhecimentos produzidos sob novas perspectivas, interagindo, formando conhecimento e saberes múltiplos; na verdade uma pluralidade de saberes. É a sociedade integrada e participante do conhecimento científico, um novo olhar sobre a realidade que permite à ciência traçar um paralelo entre o seu campo e o campo prático, oportunizando-lhe ponderar sobre conceitos já conhecidos e permitindo a criação de novas opiniões (BARROS, 2009).

Pode-se utilizar das observações de Capra (1996), quando discorre sobre o pensamento sistêmico, pois não há um todo resultante apenas da junção dos indivíduos. Desse modo, o todo é mais importante que as partes, a junção do conhecimento científico e popular formam um sistema, percebido na totalidade do seu contexto. O que importa são os princípios de organização e não os blocos de construção, não há conhecimento isolado e sim conhecimento produzido no contexto de vivência, algo mais amplo, mais abrangente:

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é

dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes (CAPRA, 1996, p. 30).

Ao remeter o pensamento para pessoas, argumenta-se sobre diferenças de pensamento, diferenças de comportamento, o que não é muito fácil de se lidar. Transformar pessoas em coletividade requer labuta. Tratá-los e fazê-los enxergar o seu papel de “ser social” como parte da construção do saber e não somente um objeto, parece uma iniciativa interessante. Quando há o comprometimento do indivíduo e ele percebe que faz parte da engrenagem e que compartilhar informação e conhecimento fortalece as relações, o sujeito passa então a ser um colaborador da rede, podendo angariar novos atores.

Em tempos de coletividade e da percepção do indivíduo como parte integrante da construção do saber e das ações de grupo, os meios de comunicação digital contribuem para que a disseminação da informação ocorra de forma mais rápida, mas não devem ser encarados como único método. Cada comunidade tem suas particularidades e pode ou não estabelecer uma relação de confiança, dependendo da abordagem, por isso, cada situação deve ser encarada de forma específica. Entretanto, não se pode negar as facilidades de partilha de informação com o uso da internet. Embora disseminação e comunicação não sejam exatamente a mesma coisa, esse meio parece um forte aliado quanto o assunto é relacionamento entre pessoas:

Cada vez mais as tecnologias digitais permeiam as atividades humanas, mas isso também demanda que os indivíduos desenvolvam consistentes habilidades técnicas, cognitivas e sociais. Aqueles que detêm essas habilidades colocam-se em vantagem em termos não só de educação e emprego – os itens mais evidenciados nas políticas públicas – mas em todos os aspectos da vida que exigem comunicação e informação. Há também no domínio dessas técnicas um aspecto de emancipação e igualdade social, na medida em que a facilidade de comunicação propicia a milhões de indivíduos expandir – no sentido espacial, conceitual e temático e no sentido de intensidade e aprofundamento suas relações com o mundo (BORGES *et al.*, 2012, p. 2).

Cabe a reflexão do papel da tecnologia no chamado “mundo moderno” sob o enfoque se a tecnologia deve ser vista apenas sob o prisma dos computadores, dos celulares, dos meios de comunicação, sem perpassar um olhar mínimo ao ser humano. Também é possível lançar um olhar ante os avanços tecnológicos com vistas aos interesses econômicos ou sobre a percepção dos usuários em relação ao

uso da tecnologia para a partilha de informações em prol do coletivo. Sobre este aspecto, Cavalcante (2012, p. 119-120) argumenta que

[...] no Brasil, por exemplo, mesmo com a 'euforia brasileira' acerca do crescimento econômico vivenciado nas últimas décadas, ainda se convive com antigos e novos problemas relacionados principalmente às desigualdades sociais. Nem mesmo as mais avançadas tecnologias desenvolvidas no século XXI têm sido suficientes para mudar situações de exclusão existentes na cartografia sócio econômica brasileira.

Entende-se que se tem um aliado, porém os suportes de informação baseados nessas plataformas não produzem conhecimento de forma automática, o conhecimento é algo estritamente humano, nascido das percepções, nuances, experiências e entendimentos de cada indivíduo, advindos, principalmente, de suas relações com o mundo e com outros indivíduos. As ações de mudanças e a integração do sujeito a determinadas estruturas é que dão a ele percepções diferentes sobre a vivência. As estruturas se dinamizam em determinado momento ou se estabelecem justamente por conta dessas relações, pois o fluxo tanto da informação, quanto do conhecimento, é dinâmico.

## 8 REDES SOCIAIS E ARS

### 8.1 INTERAÇÕES SOCIAIS E ATORES EM REDE

Inicialmente o conceito de redes deve ser entendido para que a analogia sobre redes sociais fique clara. Para Acioli (2007, p. 2):

Falar em redes significa trabalhar com concepções variadas nas quais parecem misturar-se idéias baseadas no senso comum, na experiência cotidiana do mundo globalizado ou ainda em determinado referencial teórico-conceitual. Existe, portanto uma diversidade de definições, que, no entanto parecem conter um núcleo semelhante relacionado à imagem de fios, malhas, teias que formam um tecido comum.

Não raro se tem usado essa metáfora de rede para se referir a um conjunto complexo de inter-relações dentro dos arranjos sociais. Ao longo da história, as redes vistas como relações sociais, em determinados grupos, têm sido assunto de muitos estudos nas áreas sociológica e antropológica. Entretanto, essa utilização apresenta-se simplesmente como uma metáfora e é muito diferente do conceito de rede como uma série de ligações entre um grupo definido de atores sociais. As características dos vínculos como um todo é que podem proporcionar interpretações de conduta social dos atores pertencentes à rede (REQUENA SANTOS, 1989).

Ao reportar sobre redes sociais, imagina-se que seja muito mais do que apenas um emaranhado de fios e ligações. Redes sociais são vínculos relacionais, portanto, não são apenas conexões entre participantes, pois as interações entre os membros é que lhe conferem o caráter social, interações estas que podem ser definidas como “*networking*”.

Em redes, cujo determinismo vai muito além de simples ligações, existem particularidades inerentes ao conjunto de elementos que a constitui. Para Recuero (2009), o termo “ator” é o primeiro elemento de uma rede social, também chamado de “nós” ou “nodos”. São os membros envolvidos na rede sob análise, vistos como integrantes do sistema, os quais, pela constituição de laços (*networking*) entre eles podem interagir, construindo e dando forma às estruturas sociais.

Termos como *networking*, “sociedade em rede”, “era da informação e do conhecimento” ou “comunidades virtuais” estão presentes em nosso cotidiano e muitas vezes nos deparamos com tais vocábulos. Porém, como define Kadushin (2011), rede não é o mesmo que *networking*. *Networking* pode ser entendido como as relações pessoais, o compartilhamento da informação por um grupo interligado

com interesses comuns, assim, podemos notar que o ser humano faz *networking* por meio de suas redes sociais, sejam elas primárias ou secundárias.

Novamente nos deparamos com termos específicos quando se trata de redes sociais. Segundo Marteleto (2010), redes primárias são caracterizadas pelas interações habituais do indivíduo com a família, amigos ou vizinhos. É o processo de socialização que ocorre de modo espontâneo e informal, cotidianamente. Já redes secundárias, para a autora, são aquelas formadas pelas ações coletivas de grupos ou instituições que compartilham informações e práticas com propósitos e interesses comuns, como o grupo de estudo, por exemplo.

Dessa forma, para Kadushin (2011) o conceito de rede social não se restringe apenas a pessoas e pode ser designado pelo conjunto de relações entre atores como indivíduos, organizações, nações, itens encontrados em uma busca no Google, as células do cérebro ou transformadores elétricos. Itens de busca do Google podem formar uma rede, mas não fazem *networking*. Já em redes sociais o *networking* pode ser constante sob vários aspectos, inclusive no âmbito do compartilhamento de informações. No entanto, algumas pessoas podem estar interligadas em rede e não interagirem diretamente.

Percebe-se que “rede” possui um conceito e, *networking*, outro. Fontes (2012, p. 78) defende que em Ciências Sociais a expressão rede social é utilizada “[...] enquanto instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos”. Marteleto (2010, p. 28) assim se posiciona sobre o assunto:

Redes sociais é um conceito onipresente nos dias de hoje e ocupa espaço crescente no discurso acadêmico, nas mídias, nas organizações ou no senso comum. Seja ele um operador conceitual ou uma metáfora, parece, em princípio, servir a dois fins. Primeiro, configurar o espaço comunicacional tal qual representado e/ou experienciado no mundo globalizado e interconectado no qual se produzem formas diferenciadas de ações coletivas, de expressão de identidades, conhecimentos, informações e culturas. Segundo, indicar mudanças e permanências nos modos de comunicação e transferência de informações, nas formas de sociabilidade, aprendizagem, autorias, escritas e acesso aos patrimônios culturais e de saberes das sociedades mundializadas.

A definição de Requena Santos (1989) corrobora os argumentos apresentados (ACIOLI, 2007; FONTES, 2012; KADUSHIN, 2011, MARTELETO, 2010) ao explicar que, de forma analítica, procura-se descrever o termo “rede” como sendo pessoas ou grupos apresentados como “nós” desta rede e que os

vínculos (relação) entre eles podem apontar uma série de propriedades que refletem nos diferentes aspectos de relações sociais entre os atores da rede. Tais aspectos podem ser pensados em termos de força da relação, posição do ator na rede, disponibilidade de um ator em relação aos outros, etc.

## 8.2 O ESTUDO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS

Com base nas explicações acerca de redes sociais, pode-se deduzi-las como um conjunto composto por três elementos principais: os nós ou atores, os vínculos ou relações e o fluxo. Os nós ou atores são pessoas ou instituições que se organizam em prol de um objetivo comum. Os vínculos ou relações são os laços existentes entre os nós e o fluxo mostra a direção do relacionamento.

Mais do que uma formulação do termo, é relevante compreender que as propriedades das relações podem apontar a função ou funções de uma rede social em cenários distintos. O uso metafórico do termo “rede” possibilita ver a estrutura apenas como um sistema interconectado não possibilitando o estudo de propriedades interacionais dos atores, com pouca utilidade do ponto de vista da análise social. Para Acioli (2007, p. 3), “[...] trabalhar com a idéia de redes significa trabalhar de forma articulada com a idéia de informação”.

Não somente a ideia de informação permeia o conceito de redes sociais. São redes de comunicação, redes culturais e, principalmente, relacionais, um sistema que abarca componentes e fenômenos sociais que ocorrem numa dinâmica não linear. Nesse sentido, Marteleto (2010, p. 32) discorre sobre o cenário desses vínculos argumentando que “[...] dentre as diferentes concepções históricas e políticas das redes sociais e suas aplicações práticas, destaca-se, como princípio geral, seu entendimento como espaços de troca coletiva e, portanto, qualificadores de informação e experiências”.

Ao reportar aos espaços de ações coletivas, entende-se que a ARS pode ser aplicada em diversos estudos, desde a sociologia política e eleitoral, até a sociologia laboral, passando pela análise da estrutura das organizações ou ao comportamento em relação ao consumo (REQUENA SANTOS, 1989). Porém, a ARS não é um estudo apenas da estrutura social ou um tipo de mapeamento coletivo; é mais amplo, verifica os fenômenos sociais impostos pelos padrões determinados pela sociedade. Para Marteleto (2010, p. 30), “[...] os estudos que utilizam análise de

redes sociais colocam o foco central nas relações sociais, e não nos atributos dos grupos ou indivíduos”.

A ARS parece refletir uma mudança do individualismo comum nas ciências sociais para uma análise no sentido da estrutura. O método sugere uma redefinição das unidades de análise, fundamentais para o desenvolvimento de novos métodos analíticos. A unidade de análise, agora, é a interação como as relações entre as pessoas, as comunicações entre agentes de uma instituição ou a amizade dentro de um pequeno grupo. A característica acentuada de uma relação é o seu padrão, pois relações não têm idade, sexo, religião, renda, nem atitudes; estes são atributos dos indivíduos entre os quais a relação existe.

Os analistas de redes sociais devem olhar além dos atributos específicos das pessoas e considerar as relações e interações entre os atores sociais verificando como os compartilhamentos criam e mantêm as relações sociais. Desse modo, a ARS procura descrever as redes relacionais, detalhar os padrões relevantes da rede estudada, rastrear o fluxo de informação e outros recursos por meio dos relacionamentos, além de descobrir quais efeitos as interações nas redes têm sobre as pessoas ou organizações. Pode ainda examinar como as interações em rede ajudam a explicar o comportamento e atitudes dos membros do grupo (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Embora o conceito de redes sociais na atualidade seja associado ao desenvolvimento tecnológico, a ARS não é um estudo limitado aos meios digitais, mesmo que as plataformas propiciem ambientes específicos de relacionamentos. Há que se ressaltar que o princípio do método é referente à sociabilidade de um grupo não se restringindo ao meio de comunicação. A preocupação de Marteleto (2010, p. 31) parece deixar claro que a direção não pode ser esta:

Nos dias atuais, é comum associar a expressão – redes sociais – aos encontros e aos espaços virtuais de interação, relacionamento e colaborações na Internet. O uso do termo se faz de maneira tão alusiva e esquemática ao ponto de se deixar de lado, muitas vezes, seu trânsito histórico e epistemológico, tanto quanto seu alcance conceitual e metodológico para estudar fenômenos sociais de interações e trocas nas sociedades complexas.

Embora boa parte dos estudos feitos sobre a comunicação em ambientes digitais averiguasse a interação dos grupos *online*, este grupo nada mais é do que um tipo de rede social, que pode possuir muitas ligações se apresentando como uma rede densa, em que a possibilidade de interações entre os membros são

otimizadas pelos dispositivos. Nem todas as relações sociais se enquadram em sociedades fortemente delimitadas, na verdade, o que limita as descrições e hierarquia dos grupos “reais” nas redes *online* são simplificadas pelo “suporte” que as plataformas proporcionam (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Estudos de comunicação em grupo são parecidas com a abordagem de redes sociais, pois as pesquisas reconhecem que o uso de aparatos tecnológicos está sujeito a influências organizacionais ou de grupos. A abordagem de comunicação em grupo acrescenta aos constructos da tecnologia a influência social, processamento de informação social, o interacionismo simbólico, a massa crítica e a estruturação adaptativa. Para Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997), estas abordagens teóricas reconhecem que as coletividades contribuem para o desenvolvimento de uma massa crítica. No entanto, esse foco no grupo leva alguns analistas a se distanciarem de algumas das mais poderosas implicações sociais das comunicações em ambiente digitais: seu potencial para propiciar interações ilimitadas, mesmo em redes sociais com menos ligações entre os pares:

Não menos importantes parecem ser as reflexões que se dedicam a rever e atualizar o alcance teórico das redes sociais, tanto no plano conceitual como metafórico, para o estudo das questões de informação em suas manifestações virtuais e/ou presenciais. Também são relevantes investigações que adotam a metodologia de ARS para a análise de posições e interações entre os atores no contexto das redes sociais e as múltiplas mediações que se produzem nos processos de produção, circulação e apropriação de informações (MARTELETO, 2010, p. 36).

O posicionamento de um ator dentro da rede também pode ser analisado sob outra perspectiva. Para Granovetter (2000), dentro da vertente sociológica, a análise de redes sociais serve para unir acontecimentos micros e macros, um processo que pode ser verificado, inicialmente, pelas interações dos vínculos em pequena escala, mas que podem exercer consequências em nível grupal: é a força das ligações díades ou de dois membros. O grau de igualdade entre dois sistemas individuais varia de acordo com a relação de intensidade que os une.

Deve-se considerar a influência desse pensamento no compartilhamento da informação, a oportunidade de mobilização e a organização comunitária, evidenciando, assim, a força dos laços fracos. O autor apresenta a proposta em contrapartida à maioria dos modelos que tratam sistematicamente das interações de laços fortes e que delimitam sua aplicação aos grupos pequenos e bem definidos.

Ao dar ênfase aos laços fracos, não apenas se discute as relações entre o grupo, mas se pode verificar segmentos de uma estrutura social que podem não ser identificados facilmente como grupos primários. Um problema encontrado na teoria sociológica macro é que não se consegue relacionar de forma clara as interações de nível micro com os modelos macros (GRANOVETTER, 2000).

O pensamento de Granovetter parece apontar para a importância de qualquer ator presente na rede, independente de ser ou não considerado influente nas mobilizações. Mesmo não reconhecidos como atores principais, de alguma forma essa fração de agentes periféricos contribui para a retroalimentação de informações que chegam ao centro da rede. São atores com possibilidade de acesso a diversos recursos e que podem abastecer o grupo com novos conhecimentos.

Nesse sentido, ao tratar da descrição dos padrões relacionais dentro da rede, é possível verificar se existe um núcleo com ligações fortes ou periferias com ligações fracas. Por isso, quando os analistas de redes sociais estudam a ligação entre duas pessoas, eles interpretam esse relacionamento à luz das interações não apenas entre esses dois indivíduos, mas também como estas pessoas interagem com outros membros da rede. É uma abordagem diferente do que um relacionamento padrão pode ser estudado como se fossem unidades totalmente separadas para análise. Se A mantém contato com B e C, é necessário utilizar o conceito de redes sociais para verificar como as relações entre A e B ou A e C é afetada pelo relacionamento de B e C.

Desse modo, é necessário verificar a rede social como um todo, pois se uma ligação entre um membro da rede se altera, não é apenas a ligação direta com outros elos que se modificam, os vínculos indiretos com todos os elementos da rede também mudam. Os laços indiretos também compõem as relações englobando os membros da rede em sistemas sociais mais amplos (GARTON; HAYTHORNTHWAITTE; WELLMAN, 1997). A ARS possibilita o estudo dos caminhos de fluxo de informação da rede ou como as conexões ou falta de ligação entre os atores interferem para que as pessoas alcancem recursos. Fontes (2012, p. 78) argumenta sobre o exposto:

Os processos estruturadores das redes sociais têm por origem as interações sociais estabelecidas quotidianamente pelos indivíduos. Quer dizer, a estrutura de sociabilidade presente em cada uma das pessoas (seres sociais por excelência), que surge com base em 'certos impulsos ou função de certos propósitos' é organizada em campos sociais, elementos de identidade de uma geografia social

que permite, por exemplo, a localização de indivíduos em uma estrutura social e as potencialidades interativas entre eles.

Assim, segundo Marteleto (2010), ARS é entendida estruturalmente como as conexões interligando os atores, alicerçada em dados empíricos sistematizados, sendo representada graficamente, com o uso de recursos computacionais. A ARS ainda proporciona a observação de detalhes dos padrões de relacionamento entre os agentes da rede, a fim de diagnosticar o percurso da informação e o papel de cada ator na interação e compartilhamento da informação.

### 8.3 MÉTRICAS DA ARS

#### 8.3.1 *Níveis de Análise*

Segundo Hanneman (2001), não há nada de especial na análise de redes sociais, contudo, o método utiliza uma linguagem específica para demonstrar a estrutura das conexões das redes, assim, os analistas de redes geralmente olham para uma matriz de dados de forma diferente do que simplesmente dados estatísticos. Inicialmente, o conjunto de dados para a análise não se difere do convencional, pois é uma matriz, mas suas linhas consistem em casos, temas ou observações; já as colunas com pontuações representam atributos ou variáveis quantitativas ou qualitativas.

O conjunto de relações ou ligações entre indivíduos caracteriza uma rede social. Ao averiguar os padrões dessas relações, tem-se a possibilidade de descrever esses agrupamentos de pessoas que normalmente são analisadas sob dois prismas. Numa pesquisa de relacionamento entre atores com uso da tecnologia, por exemplo, é possível analisar o compartilhamento de informação sob o enfoque de “redes egocêntricas” ou de “redes completas”.

A análise de “redes egocêntricas” pode mostrar o alcance e amplitude de conectividade para os indivíduos e identificar aqueles que têm acesso a maior quantidade de informações e recursos. A análise de “redes completas” pode identificar os membros da rede que possuem menos ligações, bem como aqueles que surgem como atores centrais ou que atuam como elos entre diferentes grupos. Estes papéis e posições de atores surgem por meio da análise dos dados da rede e não apenas da categorização dos indivíduos (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

a) Redes egocêntricas ou redes ego

O primeiro aporte considera as ligações de um indivíduo visto como “central”. São conhecidas como “redes egocêntricas” ou “redes ego” e proporcionam visão de redes a partir da perspectiva de pessoas (nós) como os centros (ego) da sua rede. Os membros da rede são definidos por suas relações específicas com o “ator central” (ego). A rede pode ser analisada verificando-se a quantidade de relações, a diversidade das relações, e as ligações entre esses atores na rede. O enfoque na rede egocêntrica é utilizado quando a população é grande ou as fronteiras da população são difíceis de definir.

Estudos desse tipo de rede podem ser expressos na análise de como um senso de comunidade é mantido através das ligações e não através da proximidade geográfica. Também pode ser utilizada para explorar que tipos de atores em rede fornecem informações importantes para encontrar novos empregos; para verificar a forma como os indivíduos encontram informações sobre um assunto específico ou ainda para análise de como as pessoas utilizam dispositivos para manter relações na internet (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Os dados das redes ego muitas vezes são verificados utilizando *softwares* padrão de análise estatística. Se o objetivo é a análise de níveis de ligação, então todas as ligações da rede são analisadas em relação a um ator central. Para analisar medidas e padrões de membros da rede, pode-se calcular alguns fatores como a porcentagem de atores que prestam apoio social, a porcentagem de mulheres, a frequência de contatos significativos e a média de ligações “multiplex”<sup>5</sup>. Em redes egocêntricas é conveniente armazenar informações sobre os membros da rede, tais como a sua idade ou sexo no mesmo conjunto de dados das informações sobre o vínculo entre esse membro e o “nó” central ou “ego”.

Esses estudos podem fornecer informações das redes que possuem muitas ligações em seu interior ou se as redes com porcentagens grandes de mulheres tendem a ser mais “multiplex”. Mesclar procedimentos podem ligar dados dos “nós” ou da rede com informações sobre o “ego” central, facilitando a análise de diversas questões (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

---

<sup>5</sup> Vários “tipos” de “relacionamentos” entre membros da rede.

## b) Redes completas ou redes totais

A segunda abordagem, conhecida como “rede completa” ou “rede total” leva em consideração a rede inteira, utilizando para isso algum critério específico que delimita a população como uma organização, departamento, clube ou grupos formais como parentes. Neste tipo de rede é considerada tanto a ocorrência quanto a não ocorrência de relações entre todos os atores da população especificada. A rede total descreve as relações (ligações, laços) que todos os membros de uma população mantêm com todos os outros componentes do grupo.

Embora existam métodos disponíveis para a manipulação de conjuntos de dados incompletos como a “rede ego”, esse requisito limita o tamanho das redes que podem ser examinadas. O número de possíveis ligações é igual ao tamanho da população ( $n$ ), multiplicado por  $(n-1)$  e dividido por dois, se o laço for “não dirigido”. Para uma população de 20 membros  $((n \times (n-1))/2)$  existem 190 ligações para cada relação, ou seja,  $((20 \times (19))/2 = 190)$  (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Estudos de redes completas examinam a estrutura das redes sociais incluindo grupos ou blocos, bem como a composição das redes, funcionamento e ligações para ambientes externos. O UCINET<sup>6</sup> auxilia no estudo da estrutura da rede social. Os dados das redes são transformados numa matriz com linhas e colunas que representam as unidades de análise que podem ser pessoas, eventos, grupos ou outras entidades que possuem relacionamentos entre si.

Cada relação também pode ser representada por uma matriz. A organização de dados em formato de matriz pode ser um desafio se existirem muitas relações diferentes ou, como no caso de estudos de dispositivos informacionais, podem existir vários tipos de mídia para cada relação (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

### 8.3.2 Unidades de análise: relacionamentos

#### a) Relações

As “relações” são caracterizadas pelo conteúdo, direção e intensidade. O conteúdo de uma relação entre atores sociais refere-se ao que é compartilhado.

---

<sup>6</sup> Software de análise de redes sociais, distribuído pela empresa Analytic Technologies e desenvolvido por Steve Borgatti, Martin Everett e Linton Freeman.

Nesse contexto, indivíduos trocam vários tipos de informação, como assuntos sociais, administrativos, pessoais, relacionados ou não com o trabalho. Relações que fazem uso de dispositivos digitais incluem o envio de um arquivo de dados ou um programa de computador, bem como mensagens motivacionais ou a organização de uma reunião. O crescimento do comércio eletrônico também propicia que as informações trocadas nas plataformas digitais possam corresponder à troca de “dinheiro”, bens e serviços no mundo “real”.

Relações entre atores sociais podem ser direcionais ou não direcionais. Se uma pessoa expressa apoio emocional a outra pessoa, encontraremos duas relações: o apoio dado e o apoio recebido. No entanto, os sujeitos dessa relação podem compartilhar “amizade” sem direção, de forma que ambos mantenham o relacionamento não havendo nenhuma direção específica para isso. Porém, mesmo enquanto amigos, a relação pode ser diferente: um ator pode reivindicar uma amizade mais “estreita”, enquanto o outro quer apenas amizade com laços “normais”. As comunicações podem ser iniciadas com maior frequência por um ator do que por outro, assim, enquanto a relação é partilhada, a sua forma de expressão pode não apresentar simetria, desse modo, as relações podem ser simétricas ou assimétricas.

Relações também são caracterizadas pela intensidade e podem ser definidas de diversas maneiras. Nas relações, os atores sociais podem se comunicar uma vez ao dia, várias vezes ao dia, semanalmente ou até mesmo anualmente, compartilhando pouca ou muita informação, informações importantes ou triviais. Esses são aspectos utilizados para medir os diferentes tipos de intensidade relacional. A importância das informações na análise de redes sociais inclui a complexidade ou dificuldade da partilha, apoio emocional, informações ambíguas ou duvidosas, comunicação de opiniões de forma a encontrar consenso, entre outros (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

#### b) Ligações (laços, vínculos, elos)

Um laço liga dois atores sociais por uma ou mais afinidades. Atores sociais podem manter um laço com base em apenas uma relação com os membros da mesma organização; ou podem manter uma relação por laços múltiplos como a partilha de informação e apoio financeiro. Esses elos também variam em conteúdo, direção e intensidade. Os elos muitas vezes são referenciados como fracos ou

fortes, embora a definição do que é fraco ou forte varie de contexto para contexto. Laços fracos raramente são mantidos, são conexões não muito próximas, por exemplo, entre colegas de trabalho que compartilham apenas tarefas em comum. Laços fortes incluem relações de intimidade, segredos, prestação de serviços recíprocos, contatos frequentes e parentescos.

Tanto laços fortes quanto fracos desempenham papéis em redes sociais. Pares que mantêm laços fortes são mais propensos a compartilhar seus recursos, contudo, o que eles compartilham pode ser limitado pela quantidade pequena de recursos que entram nas redes às quais pertencem.

Pessoas com laços fracos parecem menos propensas a compartilhar recursos, porém podem fornecer acesso aos mais diversos tipos de recursos, pois cada pessoa pertence a diferentes redes sociais e tem acesso a diferentes informações. A "força dos laços fracos" também integra arranjos produtivos locais em sistemas sociais maiores. A força dos laços fracos é verificada em pesquisas que sugerem que o compartilhamento da informação em plataformas digitais reduz a sobrecarga social, combinado ao fato de possibilitar o contato com pessoas que não são do círculo de amizade mais próximo, pessoas a quem estão fracamente vinculados. Assim, um "contato eletrônico" combinado com um "contato organizacional" é suficiente para permitir o fluxo de informações entre pessoas que talvez nunca se encontrem pessoalmente (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Quanto mais "tipos" de relacionamento há em um "elo" entre pares, mais múltiplo (multiplex) é considerado este "laço". Analistas de redes sociais descobriram que os laços múltiplos são mais íntimos, voluntários, solidários e duráveis. Alguns analistas temiam que o e-mail, a internet e outros meios de comunicação fossem incapazes de sustentar relações múltiplas. Estes receios são estendidos à abordagem de um "local" *online* que promove uma especificidade de laços dentro do grupo que pode se unir em torno de um tema de interesse mútuo.

Em contrapartida, esta tendência de especialização dos interesses comuns é compensada pela facilidade da comunicação *online* entre vários membros. Por meio dos contatos pessoais, os participantes de grupos *online* podem manter um conjunto amplo de relações, porém, pouco ainda se tem discutido em como as medidas de "relações simples" transformam-se em "relações múltiplas" ao longo do tempo na esfera digital (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

### c) Composição

A composição de relações ou laços deriva dos atributos sociais de ambos os participantes: por exemplo, o laço é diferente entre díades (ligação entre dois “nós”) de mesmo sexo ou de sexos diferentes, entre um supervisor e um subordinado ou entre outros pares quaisquer. A comunicação em plataforma digital tende a subestimar os sinais sociais dos participantes, concentrando-se no conteúdo das mensagens e não nos atributos do emissor e receptor. Assim, ao reduzir o impacto das relações sociais, oferece suporte a uma gama mais ampla de membros e participação. Desse modo, as comunicações em plataformas digitais nas instituições podem ajudar a transcender formas hierárquicas ou outras barreiras de nível corporativo, aumentando o envolvimento espacial e organizacional das pessoas periféricas às redes sociais (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

#### 8.3.3 Unidades de análise: propriedade e divisão da rede

A configuração das redes sociais apresenta algumas características peculiares que podem ajudar quando se estuda certas estruturas relacionais. Uma das principais questões a serem verificadas na análise de uma rede social é a posição que um ator está ocupando dentro da estrutura da rede. Nem todas as posições são iguais, ou mesmo equivalentes, e é em relação a essa posição que será determinado o grau de possibilidade de ação de determinado ator.

Requena Santos (1989) ao abordar a teoria dos grafos, explana que é possível distinguir dois tipos de posições: as centrais e as periféricas. Os conceitos de centralidade e periferia têm relação entre si e essa categorização vai depender da posição desse ator em relação ao restante dos atores da rede, podendo diminuir ou aumentar o grau para determinada posição.

A centralidade, tanto de uma posição específica quanto da rede como um todo, é passível de quantificação. Segundo o autor, centralidade é um quociente entre a soma de todas as distâncias que separam cada ponto dos demais com a soma das distâncias da posição considerada central e o índice de toda centralidade da rede será a soma dos índices de centralidade de todas as posições que compõem a rede.

A questão de posicionamento de um ator dentro da rede é muito importante pelas seguintes razões: Inicialmente por simplificar a análise na medida em que aumenta o nível de complexidade da rede, e depois, por se mostrar como um

aspecto relevante do comportamento dos atores nas redes de compartilhamento, já que determina o grau de dependência de um ator em relação aos outros. A posição dos atores dentro da rede social pode determinar o caminho mais fácil para se conseguir recursos de outros indivíduos, dessa forma, dentro de uma estrutura de rede, cada nó possui propriedades que o valorizam perante os outros atores.

Cada ligação de um ator com outro possibilita o acesso a essas propriedades, assim, uma rede social pode se apresentar como uma gama de oportunidades proporcionadas pelas interações dos agentes e são essas estruturas que determinam o comportamento dos atores. Quanto mais ligações a rede possuir, maior a possibilidade de fluxo e compartilhamento de informação, entretanto, dada a limitação humana sobre o número de suas conexões sustentáveis, redes menores podem apresentar maior densidade, pois é mais fácil conhecer todo mundo em um pequeno grupo do que em uma grande comunidade (KADUSHIN, 2011; REQUENA SANTOS, 1989).

Nesse sentido, o estudo de determinados fatores tanto a respeito da quantidade de vínculos entre os atores, quanto de sua posição dentro da rede, compreendidos como se fossem uma malha de conexões que se estende em ramificações ligando os diversos elos da comunidade, podem apresentar significativos esclarecimentos sobre as configurações das redes sociais.

#### a) Densidade

Densidade é uma das medidas mais utilizadas para verificar a estrutura da rede social, entendida como o número de ligações contidas no interior da rede. Corresponde ao número de ligações diretas entre os pares divididos pelo número de ligações diretas possíveis dentro da rede. Redes de alta densidade têm comunicação considerada direta entre todos os membros, caso clássico de uma pequena aldeia ou grupo de trabalho.

Considera-se uma rede densa quando um nó pode verificar o que outros nós diretamente ligados a ele estão fazendo, pois quanto mais pessoas interligadas de modo direto, mais densa será a rede. Quanto mais densa a rede, mais coesa é a comunidade, e se há muitas ligações diretas entre os nós, maior é a eficácia do fluxo da informação. Em comunidades ou grupos menores, a possibilidade de todos se conhecerem de forma direta é muito maior, aumentando a probabilidade de forte

densidade da rede (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997; KADUSHIN, 2011).

Membros de redes com baixa densidade não se comunicam diretamente uns com os outros. Como nas redes *online*, redes pouco densas propiciam às pessoas espaço para agir autonomamente e alternar entre as relações. No entanto, a resultante falta de comunicação mútua pode significar que uma pessoa tem que se esforçar mais para manter cada relação separadamente, pois não existe um grupo que mantém as “coisas acontecendo” (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

#### b) Centro e Periferia

Para Tomaél (2005, p. 171) “[...] a divisão da rede em centro e periferia significa que a rede possui um núcleo altamente coeso e com grande densidade de relações – fortemente conectados entre si, que representa o centro da rede”. Ao contrário, a periferia é um aglomerado de atores que quase não mantêm vínculos entre si (laços fracos), mas se ligam ao centro da rede por algum membro do grupo periférico.

#### c) Cliques

A análise estrutural também pode ser feita partindo-se das "subestruturas" presentes na rede. Díades e tríades podem ser entendidas como subestruturas. Muitas abordagens para a compreensão da estrutura de uma rede enfatizam como as conexões são feitas e se desenvolvem nos subgrupos e se estendem ao grupo maior. Esta visão da estrutura social tem como foco verificar como a solidariedade e a conexão de grandes estruturas pode ser construída a partir de grupos menores e coesos, um tipo de abordagem de baixo para cima (HANNEMAN, 2001).

Os cliques são definidos como um subgrupo completo de três ou mais “nós”, em que todos os pontos estão interligados. É o agrupamento dos “nós” que possuem relações mais próximas entre os membros do que outros nós que não estão nesse grupo. Um conglomerado de atores com relações fortes entre si, se destacando e formando outros grupos dentro da rede. São utilizados para entender o comportamento da rede por meio dos pequenos grupos, geralmente percebido entre conexões de, no mínimo três atores, as tríades (HANNEMAN, 2001; RECUERO, 2009; SCOTT, 2000).

#### d) *Clusters*

Os *clusters* possuem muita semelhança ao clique. Nas definições de Watts (2009), *clusters* são entendidos como aglomeração. Em sua explanação cita o exemplo de uma pessoa que tem cem amigos e cada um desses amigos também possui cem amigos, e assim por diante. Dessa forma, a conexão direta de certa pessoa lhe dá o relacionamento de cem pessoas, porém, no segundo grau, já é possível ter o contato com dez mil pessoas, pois multiplicando cem amigos com outros cem amigos dos meus amigos, consegue-se chegar a esse número.

Ao pensar desse modo, o mundo parece realmente pequeno. Contudo, tal pensamento comete um erro simples, pois os amigos de determinada pessoa, podem, em algum momento, ter também amizades em comum, ou seja, formam grupos de amigos e é esse grupo de amigos que é definido como *cluster*, desse modo, quanto mais nossos amigos se conhecem, menos pessoas é possível alcançar (WATTS, 2009). Assim, percebe-se que *cluster* é o conjunto de relações similares entre os nós, que também formará uma área dentro da rede com grande concentração de relações, sendo essa área de alta densidade.

#### 8.3.4 *Unidades de análise: posicionamento*

Além de classificar os membros da rede social por grupos, os analistas também podem classificar usuários por semelhanças em suas relações. Tais membros ocupam “posições” semelhantes dentro de uma organização, comunidade ou outra rede social. Aqueles identificados em posições ou papéis semelhantes, têm a possibilidade de compartilhar o acesso similar dos recursos informacionais. Sobre o aspecto de papéis e posições dos “nós” dentro da rede, os estudos de alguns autores se destacam na literatura (EVERETT; BORGATTI, 2005; SCOTT, 2000; WASSERMAN; FAUST, 1994). Para Wasserman e Faust (1994), o conceito de posição faz referência a um conjunto de membros da rede que estão imersos de forma similar em suas relações. Já o conceito dos “papéis” que os atores desempenham faz alusão às características das interações obtidas entre atores e posições. O enfoque principal está relacionado a papéis e posições que seriam o de localizar posições sociais como grupo de “nós” que apresentam relações similares por meio da equivalência estrutural ou regular (EVERETT; BORGATTI, 2005).

Algumas posições centrais têm maior acesso a diversas fontes de informação, enquanto outras posições podem ter um conjunto limitado de novas ideias ou

informação sobre o cenário. Por exemplo, imaginamos que os gerentes sempre dão ordens e os subordinados sempre vão acatar, quando uma análise de tráfego de e-mail pode demonstrar o contrário? Um estudo de cientistas da computação de uma universidade constatou que professores nem sempre dão ordens e que os alunos nem sempre obedecem a ordens. A pesquisa demonstrou que aconteceu mais uma prática de colaborações específicas de trabalho entre eles (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

Freeman (1979) trabalhou na fundamentação teórica de centralidade de redes. Segundo ele, a centralidade de uma rede pode ser pensada em três formas básicas: a) centralidade de grau; b) centralidade de proximidade e c) centralidade de intermediação (referente às ligações intermediárias que conectam outros atores que não estão conectados diretamente). O conceito de centralidade proposto pelo autor despertou interesse e precedeu muitos estudos (EVERET; BORGATTI, 2005; HANNEMAN, 2001; MARTELETO, 2001; SCOTT, 2000; WASSERMAN; FAUST, 1994).

#### a) Centralidade de grau

Centralidade é entendida como um grande número de conexões a partir de um determinado nó e também as conexões em direção a esse nó, sendo que esse grande número de conexões é chamado de grau. Quando uma relação não é recíproca e o nó recebe as indicações, esse é o número de “graus” recebidos e quando o nó realiza as indicações são as escolhas de “graus” realizadas. Quase todas as redes têm nós ou pessoas com graus mais elevados do que outros membros dentro da rede, independente de seus atributos.

A centralidade de grau pode ser medida pelo número de ligações que um ator possui com outros atores da rede (FREEMAN, 1979). Uma variação interessante sobre o número de indicações de um nó é a fonte dessas indicações. Um nó tem mais centralidade se recebe indicações a partir dos nós que possuem alto “grau” de indicações, dependendo de alguns fatores que também são levados em consideração, mas nesse caso, estes podem ser considerados líderes naturais dentro de uma rede estudada, métrica conhecida como centralidade de grau (KADUSHIN, 2011).

Para Hanneman (2001), atores com grande número de ligações com outros atores podem ter posições vantajosas. Por terem muitas ligações diretas, podem

satisfazer suas necessidades sem depender de indivíduos intermediários, conseguindo maior acesso aos recursos da rede. Isso também possibilita a vantagem de intermediar a informação entre outros membros, podendo se beneficiar da posição. Essa medida mostra que a centralidade pode determinar “poder” dentro da rede. Se um ator recebe muitas indicações (grau de entrada), é um ator prestigiado, pois se muitos nós da rede buscam manter vínculo, isto pode demonstrar certa importância na rede. Atores que fazem muitas indicações (grau de saída) são capazes de interligar e passar seu ponto de vista a muitos outros, são considerados atores influentes.

#### b) Centralidade de proximidade

As medidas de grau de centralidade levam em conta apenas os vínculos imediatos dos atores. A centralidade de proximidade verifica os vínculos indiretos, uma vez que os atores podem estar vinculados a muitos outros, mas esses outros podem ser considerados atores centrais em determinada posição da rede. Dessa forma, para Freeman (1979), Hanneman (2001) e Kadushin (2011) as informações ou qualquer outro conteúdo da relação são transmitidos pelos possíveis caminhos mais curtos. Os autores definem que a centralidade de proximidade está baseada na distância total de um ator em relação a todos os outros atores da rede.

Nessa análise é mostrada a capacidade de um ator trocar informação com outro sem precisar passar por muitos intermediários (FREEMAN, 1979; KADUSHIN, 2011). O índice de centralidade de proximidade denota que quanto menos índice o ator possui, mais ele dependerá de outros atores para ter acesso à informação, assim a comunicação pode ser afetada de forma a comprometer o compartilhamento da mesma, como demora em recebê-la ou recebê-la distorcida. Os nós que apresentam maior índice são os que possuem contatos mais próximos dentro da rede, obtendo acesso à informação de forma mais direta possível ou com menos intermediação, aumentando a confiabilidade da informação recebida, além de aumentar a possibilidade de rapidez de acesso aos recursos presentes na rede (KADUSHIN, 2011).

#### c) Centralidade de intermediação

Para se atingir um determinado nó, é possível que se encontrem vários caminhos. A análise do fluxo da informação pode demonstrar a possibilidade dos caminhos para a comunicação entre os nós, mostrando a proximidade dos elos.

Para Freeman (1979) e Hanneman (2001) esta medida é referente às ligações intermediárias que conectam outros atores que não estão conectados diretamente.

Ao possuir a centralidade advinda de outros nós que possuem alto “grau” de conexões, tais nós são considerados “intermediários”, ou seja, é possível atingir outros nós dentro da rede. Passando por eles, pode-se chegar a outros membros através desses nós apontados como líderes. Kadushin (2011) argumenta que esse nó, que serve como ponte entre os diversos nós da rede, é classificado como muito importante, com importância acima até da sua “popularidade”, e esta medida é conhecida como centralidade de intermediação.

Nessa medida não é analisada somente o menor caminho e sim as possibilidade de ligações entre os pares, não importando a distância e eficiência das ligações. A métrica verifica justamente a capacidade de intermediação dos atores em detrimento do fluxo de informação do qual o ator participa.

A centralidade de intermediação mostra um ator com posição favorável por estar no trajeto entre outros pares da rede. Quando mais pessoas dependem deste ator para se conectarem a outros agentes, mais poder se considera que o nó tem. Esse nó perde poder quando há a possibilidade de dois atores se ligarem por outros caminhos e o nó não aparece entre as ligações, pois quanto mais vezes o nó aparecer intermediando as ligações entre todos os atores, mais poder ele tem (HANNEMAN, 2001).

Os principais pontos que norteiam o trabalho foram evidenciados com aportes de vários autores das diversas áreas que compõem e se entrelaçam para formar o referencial teórico da pesquisa. Nos próximos capítulos delineiam-se os caminhos percorridos para obtenção dos dados, apresentação e discussão dos principais resultados da pesquisa, bem como as considerações em relação aos objetivos propostos no estudo.

## 9 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

### 9.1 MÉTODO E ABORDAGEM

O presente estudo, segundo as definições de Gil (2002), é de natureza básica, pois desenvolveu-se relacionado às teorias da CI envolvida em um processo de verificação de um fenômeno comportamental e do relacionamento entre os atores sociais. Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa corrente pode ser considerada quali-quantitativa, já que do ponto de vista dos procedimentos técnicos o estudo se valeu da ARS e da técnica de GF.

A análise qualitativa neste projeto está associada à quantitativa, sem se dissociarem. Entretanto, a análise quantitativa manteve o foco de abordagem nos parâmetros de relacionamentos pertinentes a ARS, pois procurou evidenciar os objetivos de tais relações e verificou os possíveis caminhos do fluxo da informação, além de apontar os indivíduos com maior participação no compartilhamento e fluxo de informação.

Com a ARS e o GF também foi possível verificar quais são as aspirações, crenças, valores e comportamentos dos sujeitos. Nesse caso, a abordagem qualitativa complementou a anterior, pois a interação social produz novos padrões de atitudes, tanto na singularidade e realidade de cada indivíduo, quanto em sua convivência social, formando a rede, a qual possibilita o compartilhamento da informação e ações coletivas.

Na classificação quanto ao objetivo da pesquisa, o estudo teve cunho descritivo. Segundo Gil (2002, p. 42) “[...] pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. É caracterizada também pelo uso de técnicas padronizadas de coletas de dados como, por exemplo, questionário e observações sistemáticas. São também consideradas pesquisas descritivas aquelas que têm o propósito de estudar as características de um determinado grupo com o intuito de verificar as opiniões, atitudes e crenças de uma determinada população, neste caso, enquadra-se por tratar de estudo com atores sociais pertencentes à Geração Z.

Assim, o presente estudo se utilizou da ARS e do GF para averiguar os objetivos propostos. A ARS possibilitou averiguar os padrões de conduta de indivíduos dentro de uma estrutura de rede sob a ótica quantitativa, porém, não se

distancia da abordagem qualitativa, pois permitiu verificar o papel do indivíduo nas interações com os outros atores da rede. O GF contribuiu para o estudo na medida em que complementa a ARS por ajudar a perceber motivações e ações dos elementos de um grupo quando esses interagem.

### 9.1.1 *Análise de redes sociais: o método*

Se uma rede de computadores ou dispositivos móveis é capaz de conectar pessoas ou organizações, pode-se considerar esse agrupamento como uma rede social. Assim como a rede de computadores é um conjunto de máquinas conectadas por um conjunto de cabos, uma rede social é um conjunto de pessoas, organizações ou outras entidades sociais ligadas por um conjunto de relações sociais como amizade, assuntos de interesse comum ou troca de informações.

Pesquisas sobre como as pessoas usam a comunicação *online* verificam como os usuários interagem com seus computadores, como duas pessoas interagem em plataformas tecnológicas, ou o como os grupos funcionam nos dispositivos informacionais. Com a evolução e crescimento da comunicação nas redes digitais, pesquisadores precisam ir além da apreciação de usuários ou apenas da ligação entre duas pessoas, precisam analisar as redes e comunidades sociais nos diversos setores possíveis, a fim de compreender as interações e os processos sociais presentes nos ambientes digitais (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997).

A metodologia para estudar as redes sociais é a ARS, que possibilita o delineamento da estrutura social por meio de uma rede, e permite proceder a sua análise por meio de matrizes ou da imagem gráfica. A ARS pode ser utilizada para o estudo de questões variadas. Segundo Tomaél *et al.*, (2007, p. 114-115), “ARS é a metodologia que estuda como o indivíduo está integrado a uma estrutura e como essa estrutura emerge das relações entre eles. Em síntese, a ARS constitui-se do mapeamento e da identificação de medidas do fluxo da informação”. Em conformidade, Marteleto (2010, p. 29-30), relata que

[...] a abordagem das redes sociais é fundamentada na noção intuitiva de que a padronização dos laços e dos elos sociais nos quais os atores se encontram imersos tem importantes consequências para esses atores. Os analistas de redes procuram então descobrir vários tipos de padrões e determinar as condições sob as quais esses padrões emergem, assim como as suas consequências.

Nessa perspectiva, a análise de redes estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social. Para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, as unidades de análise não são apenas os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações (MARTELETO, 2001).

Na mesma linha, Tomaél *et al.* (2007, p. 112) alegam que

[...] redes sociais são estruturas subjacentes à social, as redes desenvolvem-se a cada contato que mantemos, provocam a construção social do indivíduo e, quando vista por suas relações, podem-se identificar coesões e similaridades, em ações coadunadas de indivíduos que agem como um único corpo social. [...] refere-se a um grupo de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por um conjunto de relacionamentos sociais e motivadas pela amizade, relações de trabalho ou troca de informação.

Os autores continuam discorrendo sobre um dos focos desta pesquisa, e explanam a respeito do ambiente das redes sociais, pois o fluxo de informações é contínuo e se altera, dependendo do tipo de relação e em que instante essas mudanças de relações ocorrem. O ambiente das redes sociais e o curso das informações sofrem alterações em decorrência da entrada ou saída dos membros de determinada rede, mostrando como o dinamismo é contínuo nesses agrupamentos sociais. “São essas características que dinamizam e movimentam as redes, possibilitando a constante troca e o compartilhamento de diferentes tipos de informação” (TOMAÉL *et al.*, 2007, p. 113).

Marteletto e Tomaél (2005) apresentam a ARS como um método quantitativo de pesquisa que procura verificar a estrutura de comunicação de um sistema em detrimento de suas relações, contudo, pode também apresentar uma perspectiva qualitativa quando se verifica a inter-relação sob determinado contexto social. De forma quantitativa, pode-se aferir os padrões de relacionamento dentro da rede, em função dos contatos de determinado “nó”, já a abordagem qualitativa mostra a importância ou não do “nó” dentro desse sistema, independente dos seus atributos peculiares, mas em relação às conexões e interações entre ele e os outros indivíduos da rede.

Assim, de forma quantitativa se verifica os tipos de relacionamento e seus objetivos, de modo a mapear o fluxo de informação e a localização dos “nós” que mais se destacam nesse processo. Diante do exposto, o homem é visto como

promotor de suas próprias vivências, e a abordagem qualitativa procura entender essas vivências em cada relacionamento social do indivíduo, buscando entender padrões na manutenção das relações para compartilhamento da informação. É nesse sentido que as duas abordagens não devem ser pensadas de forma isolada, pois elas interagem e se complementam, ou seja, em ARS, uma das abordagens apenas não faz grande sentido.

Na análise dos dados, a ARS permite entender a rede e, sob a ótica da CI, sobretudo de forma qualitativa, as especificidades do compartilhamento da informação. A ARS sob a perspectiva da análise quantitativa, geralmente é feita por um *software* que possibilita a configuração da rede e a apresentação de medidas que especificam os padrões dos relacionamentos (MARTELETO; TOMAÉL, 2005). Já a análise qualitativa é elaborada com base nos comentários, opiniões e informações explicitadas pelos participantes da pesquisa, assim como pelo enfoque da inserção social dos atores em seus contextos, que serão complementados pelo GF.

Para a verificação dos dados da primeira etapa com a ARS utilizamos o *software* UCINET. De forma bem simplificada e geral, o *software* tem três núcleos principais, que são o próprio UCINET, que faz o cálculo das medidas de análise de redes sociais e também permite o acesso a outros programas como uma planilha, a qual tem a função de capturar dados relacionais na forma de matriz de proximidade ou de atributos, e o NetDraw<sup>7</sup> que tem a função de importar os dados da planilha, fazer a análise da matriz, calcular indicadores e representá-los de forma gráfica.

Com o UCINET é possível realizar estimativas de indicadores de rede como as propriedades de cada ator em relação ao seu contexto e posicionamento dentro da rede, além de outros indicadores de ARS como a densidade da rede, o grau de centralidade e o grau de intermediação. Os dados primeiramente foram sistematizados em matrizes, com as representações das conexões interligando os atores. A importação dos dados para o NetDraw permite gerar os gráficos estruturais.

Há muitas formas de “gráficos”, entretanto, para análise de rede social utiliza-se principalmente um tipo de representação que consiste em pontos (nodos ou nós)

---

<sup>7</sup> Também distribuído pela Analytic Technologies, criado por Steve Borgatti, interpreta dados do UCINET e gera sociogramas de redes.

para representar os atores e linhas (com ou sem setas) para representar os vínculos ou relações. Neste estudo, os gráficos foram identificados como Diagramas.

### 9.1.2 Grupo focal

Em um segundo momento, utilizamos a técnica conhecida como grupo de foco ou grupo focal. A técnica tem como objetivo central identificar conceitos, crenças, percepções, expectativas, motivações e necessidades de um grupo, além de verificar ações que estão em andamento ou que já foram desenvolvidas. Os objetivos específicos variam conforme o propósito da pesquisa. Em pesquisas exploratórias, tem como finalidade gerar novas ideias ou hipóteses de forma a instigar o raciocínio do pesquisador, enquanto que em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, a finalidade é verificar como os grupos interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências (DIAS, 2000).

A técnica foi utilizada por possibilitar a obtenção de informações e constatações a respeito dos objetivos propostos em relação à participação e interações da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais e as ações coletivas advindas do compartilhamento de informações das formações em redes. Para Nogueira-Martins e Bógus (2004), a recomendação é que o grupo seja formado por um número entre seis e quinze pessoas e que o encontro tenha, em média, uma hora e meia de duração. Já para Dias (2000), a reunião pode durar cerca de 2 horas e poder ser feita com grupos de seis a dez pessoas, entretanto, faz uma ressalva importante explicando que o número de pessoas deve ser aquele que o pesquisador entenda que irá estimular a participação e interação do grupo de forma mais ordenada possível.

A quantidade de pessoas é importante porque se deve tentar ter um grupo coeso como forma de colher o maior número de informações e com maior riqueza de detalhes. Não se pode ater à somatória das respostas individuais e sim ao esforço combinado do grupo. É esta sinergia entre os participantes que deve ser estimulada, de forma a conseguir colher resultados mais abrangentes e não apenas as percepções individuais.

A presença de um moderador é muito importante e, neste caso, foi o próprio autor desta pesquisa. O papel do moderador é conduzir os trabalhos, repassando os temas ou questões pertinentes ao momento, cuidando para que os participantes não dispersem o foco da discussão. Tem uma função muito mais passiva do que a de um

entrevistador. Seu objetivo é mediar a discussão para que todos cooperem com suas concepções sobre o assunto. Quanto mais ideias surgirem, melhor. As intervenções do moderador devem ser mínimas em relação ao tema, pois seu papel principal é o de conduzir a conferência e não participar do debate (DIAS, 2000).

A participação na conversa no grupo de foco aconteceu num clima agradável e informal. Os participantes estavam bem tranquilos e aparentemente conseguiram expor seus pensamentos, sentimentos ou necessidades espontaneamente. “A dinâmica e a interação do grupo torna-se parte integrante da técnica, pois os participantes, engajados na discussão, dirigem seus comentários aos outros participantes, ao invés de interagirem apenas com o moderador” (DIAS, 2000, p. 5).

É permitida e recomendada a participação de um assistente de modo que o moderador se atenha ao seu papel e não interrompa a reunião para fazer anotações ou outras atividades que possam atrapalhar o andamento. O observador auxiliar inclusive ajudou nos procedimentos de gravação do vídeo, já que esse recurso é muito utilizado na técnica e ainda se encarregou de fazer anotações complementares a essa gravação (DIAS, 2000). O observador auxiliar neste grupo focal foi um aluno do PPGCI-UEL por possuir experiência em gravação e edição de vídeos.

Na presente pesquisa, o GF se deu em uma sala no próprio IFPR, teve duração de uma hora e quarenta e cinco minutos e participaram da reunião onze alunos. A seleção dos participantes deste GF considerou os resultados da ARS e foram convidados os atores que tiveram maior centralidade de grau, aqueles que foram mais indicados por seus pares, vistos como atores influentes dentro da rede. Outro critério adotado para a seleção foi a escolha de atores que apresentaram maior centralidade de proximidade, ou seja, é a distância de um ator em relação aos outros nós da rede. Esses atores podem compartilhar informação sem precisar de muitos nós intermediários.

No início da reunião, o moderador deixou explícitas as regras do debate e as discussões transcorreram normalmente e com tranquilidade. Os participantes entenderam as recomendações e cada indivíduo esperava sua vez para falar, de forma tranquila e clara, respeitando a opinião e o momento de cada um, evitando discussões paralelas. Coube também ao moderador intervir de modo a evitar que alguém falasse de forma exacerbada e dominasse a discussão, pois o intuito era

que todos pudessem expressar o seu pensamento livremente (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004).

A técnica de grupo de foco, embora pareça uma entrevista em grupo, não tem esse caráter, não é um jogo de perguntas e respostas. O encaminhamento foi planejado de forma a auxiliar a interação grupal, onde percepções, opiniões, crenças e valores sejam decorrentes do próprio debate e não apenas das questões. Esse foi o principal intuito, alcançar visões e entendimentos inacessíveis em métodos individuais. Nogueira-Martins e Bógus (2004, p. 51) explanam que “[...] os resultados do grupo focal devem ser avaliados considerando-se o contexto e a dinâmica particular de cada grupo. [...] as questões, por não serem estruturadas, podem variar na sua apresentação de sessão para sessão e isso pode gerar diferentes respostas em diferentes sessões”.

As autoras apresentam algumas vantagens do método, dentre as quais destacamos a obtenção de respostas não previstas e a proximidade entre pesquisador e pesquisados. É justamente essa interação que pode permitir ao pesquisador obter percepções não possíveis na pesquisa quantitativa. A técnica foi pertinente uma vez que possibilitou verificar qual a percepção dos integrantes da Geração Z em relação às ações coletivas produzidas pelas interações em rede nas plataformas infocomunicacionais.

## 9.2 CAMPO DE ABRANGÊNCIA

A pesquisa foi desenvolvida no IFPR, Campus de Jacarezinho. Segundo informações encontradas no endereço eletrônico<sup>8</sup> da instituição, o IFPR foi criado pela Lei nº 11.892/08 e se instalou na cidade de Jacarezinho no ano de 2010. Sua missão é promover a educação profissional e tecnológica, pública, de qualidade, socialmente referenciada, por meio do ensino, pesquisa e extensão, visando à formação de cidadãos críticos, autônomos e empreendedores, comprometidos com a sustentabilidade, além de ser referência em educação profissional, tecnológica e científica, reconhecida pelo compromisso com a transformação social.

Conforme as informações do site<sup>9</sup> do município, a cidade de Jacarezinho teve as primeiras tentativas de colonização conhecidas no final do século dezenove, por volta de 1898. Considerado um dos primeiros polos de desenvolvimento agrícola do

---

<sup>8</sup> Disponível no site [www.ifpr.edu.br](http://www.ifpr.edu.br)

<sup>9</sup> Disponível no site [www.jacarezinho.pr.gov.br](http://www.jacarezinho.pr.gov.br)

Paraná, sua colonização inicial foi feita por fluminenses, paulistas e mineiros. A economia da cidade está alicerçada no setor agropecuário e de prestação de serviços. No início do século vinte a maior cultura era a do café, e com o passar do tempo, essas lavouras foram sendo substituídas pela cana-de-açúcar, indústria de açúcar e álcool e pastagens. A partir da década de 1970, alguns produtos com cotação no mercado externo e interno como a soja, o algodão e o trigo, além da avicultura e suinocultura também passam a fazer parte do leque de atividades agropecuária da cidade.

A Lei n.º522, de 02 de abril de 1900, elevou o povoado à condição de município o qual recebeu, inicialmente, o nome de Nova Alcântara. Pela Lei n.º 471 de 03 de março de 1903 passou a se chamar Jacarezinho, cidade reconhecida pela localização estratégica de divisa de Estado. Situada entre o norte paranaense e o sul paulista, é também reconhecida como capital estudantil do norte pioneiro paranaense por receber muitos alunos das cidades vizinhas dos dois estados. Com a instalação da reitoria da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), a cidade conta com as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Educação Física e Fisioterapia, Direito e Odontologia, faculdades públicas estaduais, além do IFPR.

Diante desse cenário, da necessidade de delimitação dos atores sociais e de selecionar sujeitos que pertencessem à Geração Z, optou-se pelo IFPR que se encaixou de forma salutar ao que se pretendia. No campus Jacarezinho são ofertados os cursos técnicos de Alimentos, Informática e Eletromecânica, integrados ao ensino médio, ou seja, alunos que se enquadram no escopo da pesquisa por terem nascido após o ano 1994. Assim, a comunidade escolhida para o estudo é formada por alunos do 3º e 4º anos do curso de Informática da instituição, por se acreditar possuírem maior grau de maturidade para a pesquisa. Do 3º ano participaram 23 alunos, dos quais 12 eram do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Do 4º ano, 17 alunos colaboraram com o estudo, sendo 7 do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

### 9.3 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Todos os procedimentos para a realização da pesquisa foram seguidos respeitando os padrões éticos de investigação científica. Inicialmente foi solicitado para a coordenação do PPGCI-UEL o encaminhamento de ofício ao diretor do IFPR com pedido de autorização para a realização da pesquisa na Instituição. Para que os

integrantes da Geração Z pudessem participar da pesquisa, foi necessário que os mesmos tivessem autorização dos responsáveis, dessa forma, tão logo foi dada a assertiva por parte do IFPR, enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – (Apêndice A), aos pais dos alunos para autorizarem a participação de seus filhos no estudo.

A coleta de dados para a presente pesquisa foi dividida em duas etapas. Para a ARS, o instrumento inicial utilizado foi o questionário (Apêndice B), pois com esse instrumento tornou-se possível verificar de forma quantitativa em quais plataformas infocomunicacionais os integrantes da Geração Z compartilham informações e como enxergam esses dispositivos tecnológicos, além de possibilitar a verificação da percepção dos mesmos em relação aos tipos de informação de que eles compartilham.

O questionário, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 184), é elaborado com perguntas ordenadas em série, as quais devem ser respondidas sem a presença do entrevistador. O instrumento foi escolhido por apresentar algumas vantagens como a economia de tempo e de pessoal, a não influência do entrevistador, além da liberdade das respostas em razão do anonimato, outrossim, servirá de base para a análise qualitativa.

Nessa primeira fase, o questionário foi aplicado em um dos laboratórios de informática da instituição, atendendo à disponibilidade de horário de cada turma e respeitando a vontade de cada aluno em participar ou não, mesmo mediante a autorização dos pais. Por necessidade metodológica da ARS, no questionário *online*<sup>10</sup> os participantes da pesquisa foram identificados, porém, essa identificação primária se tornou um código para a manipulação e análise dos dados e em hipótese alguma o nome será publicado em fontes de informação fora do contexto acadêmico. O pré-teste do questionário foi realizado com a turma de 3º ano do curso de Alimentos na própria instituição.

Na segunda etapa, os dados foram coletados por meio de reunião de GF. Os atores foram selecionados conforme resultado da análise dos dados da primeira fase e a reunião de GF foi gravada em forma de vídeo por um integrante auxiliar, indicado pelo moderador do encontro. Novamente, a identificação dos integrantes ficou restrita ao autor deste estudo. Dessa forma, pretendeu-se garantir o sigilo e o anonimato dos participantes de modo que, tanto dados da primeira quanto da

---

<sup>10</sup> O questionário será elaborado e aplicado utilizando a ferramenta Google Docs.

segunda etapa sejam utilizados apenas para fins acadêmicos e a divulgação dos resultados ocorra apenas por meio da literatura científica especializada.

#### 9.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Na segunda etapa, a análise dos dados do GF foi feita por temas e categorias, fundamentada na análise de conteúdo. Este tipo de análise tem por objetivo considerar a totalidade de um “texto”, passando pelas etapas de classificação e categorização segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens que apresentem sentido ao trabalho. Esse processo pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando com a utilização de números e percentuais, uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias que permite a classificação dos elementos de significação constitutivas da mensagem:

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 1977, p. 38).

Assim, a intenção da técnica de análise de conteúdo são as inferências de conhecimentos do autor da pesquisa em relação aos resultados obtidos no percurso da mesma. A técnica preocupa-se tanto com o estudo dos conteúdos das figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto com as declarações dos participantes do encontro.

Se a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, é importante observar o valor da semântica, no sentido de um texto, para o uso do método. “O método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da linguística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica)” (CAMPOS, 2004, p. 612).

A técnica tem por finalidade trabalhar a palavra e as significações. É isso que diferencia a análise de conteúdo da linguística, mesmo que a distinção fundamental possa se encontrar noutro lado. Para Bardin (1977, p. 44) “[...] a linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Enquanto a

linguística faz o estudo da língua, a análise de conteúdo busca encontrar outras realidades por meio das mensagens.

Numa reunião de GF, como se assemelha a um debate, a comunicação pela fala humana pode apresentar vários entendimentos ao pesquisador qualitativo. A maior dificuldade nesse sentido é abordar os conteúdos de forma objetiva, porém sem deixar de entrar no campo simbólico, ou seja, naquilo que talvez não esteja bem visível na comunicação. Assim podemos encontrar o conteúdo realmente comunicado e o conteúdo não aparente na mensagem:

Em relação aos conteúdos manifestos (explícitos), é dele que se deve partir (tal como se manifesta) e não falar ‘através dele’, num exercício de mera projeção subjetiva, da mesma maneira é importante que os resultados da análise de conteúdo devam refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos no conteúdo das comunicações. Entretanto, muitas vezes ouvimos dizer que nem sempre aquilo que se está escrito é o que verdadeiramente o locutor queria dizer, ou mesmo, que existe uma mensagem nas entrelinhas que não está muito clara, pois bem, chegamos a encruzilhada, onde nem sempre os significados são expressos com clareza absoluta, ou onde acaba a objetividade e começa o simbólico (CAMPOS, 2004, p. 613).

Não se pode fazer inferência por puro “achismo”, as inferências devem partir do conteúdo e significado realmente passados pelo locutor e não somente do simbolismo do investigador. Os dados do método quantitativo devem ser complementados com o método qualitativo, e vice-versa. Não se deve ater tão somente aos métodos, nem tão somente ao lado tendencioso do pesquisador. É nesse sentido que, segundo Campos (2004, p. 613), a análise “[...] não deve ser extremamente vinculada ao texto ou a técnica, num formalismo excessivo [...] e nem tão subjetiva, levando-se a impor as suas próprias idéias ou valores”, fazendo uso do texto apenas para confirmar suas convicções. Segundo Bardin (1977, p. 41):

O grafólogo pode tirar as suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos através do exame de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura ‘à letra’, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano.

As inferências são de suma importância na análise de conteúdos, já que se vale da comunicação como ponto inicial e essa é sua principal finalidade, pois é isso

que confere relevância teórica ao método. É preciso que se faça ao menos uma comparação onde uma descrição apenas quantitativa não agregue muito valor ao que se quer informar. O que acresce valor a um dado numa comunicação são as relações dessa informação com teorias já aceitas. Não se trata simplesmente de suposições sobre certas mensagens, mas as inferências devem estar alicerçadas em pressupostos teóricos das percepções dos produtores e receptores da comunicação, segundo sua vivência histórica e social (CAMPOS, 2004).

Entende-se que as mensagens ou textos podem ser analisados sob múltiplas perspectivas e interpretações. Não que se deva fazer disso uma regra, talvez a intersubjetividade de um consenso sobre o significado de uma mensagem, embora pareça simplificar a análise de conteúdo, não deve ser descartada apenas pelo fato da coincidência de pensamento. Pesquisador e entrevistados podem trazer consigo valores culturais diferentes e o significado expresso numa comunicação pode não ser o significado percebido por ambos, porém, cabe ao pesquisador entender que isso pode exercer influência sobre os dados, mas não sobre ele.

O pesquisador faz uma interpretação pessoal com relação às suas deduções sobre os dados ou mensagens, porém não são inferências neutras, existe um contexto em que os dados devem ser evidenciados. Esse contexto é delimitado pelo pesquisador e varia de pessoa para pessoa. Não há uma demarcação lógica de contexto, depende de cada um, dos objetivos da pesquisa, da natureza da investigação, da área de atuação e dos dados a serem analisados (BARDIN, 1977).

Embora uma mensagem apresente múltiplos significados e várias possibilidades de análise, parece que o contexto tem uma ligação significativa sobre o que se analisa e o que se conclui e não pode ser descartado. Assim, as investigações devem enfatizar não somente as mensagens em si, mas dar ênfase tanto ao emissor quanto ao receptor, processos e produtos devem ser analisados levando-se em consideração esse contexto.

Percebe-se, dessa forma, que as interpretações e inferências devem ser feitas baseadas em estudos com fundamentação teórica explorando os significados expressos nas categorias da análise e comparadas com esta fundamentação. A análise de conteúdo não consiste somente na descrição do estudo, é indispensável tentar ir além, procurar compreender de forma mais aprofundada o teor das mensagens. Dessa maneira, interpretação e inferência constituem uma etapa fundamental em pesquisas qualitativas sobre a análise de conteúdo.

## 10 PERSPECTIVAS SOB A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Nas relações dos indivíduos, caracterizada neste estudo como rede social, é possível fazer a análise sob dois prismas: “redes egocêntricas” nas quais as especificidades das relações são analisadas a partir de atores considerados centrais; e “redes completas” que analisam as relações de uma população com todos os outros elementos da rede. No presente trabalho utilizou-se a análise de rede social “completa” e a população é delimitada por pertencer à Geração Z; os integrantes estão agrupados em turmas dos 3º e 4º anos, desse modo e considerando o fato de serem turmas diferentes, a análise está baseada em duas redes: a rede social do 3º ano e a rede social do 4º ano.

As estruturas das redes mostram as ligações entre os atores em maio de 2015; salienta-se que este foi o momento de aplicação do questionário e consequente coleta dos dados. Por ser um organismo dinâmico, a rede pode se alterar a qualquer instante, por isso achamos pertinente ressaltar a data de coleta, tornando evidente que o estudo das redes se deu especificamente naquele período.

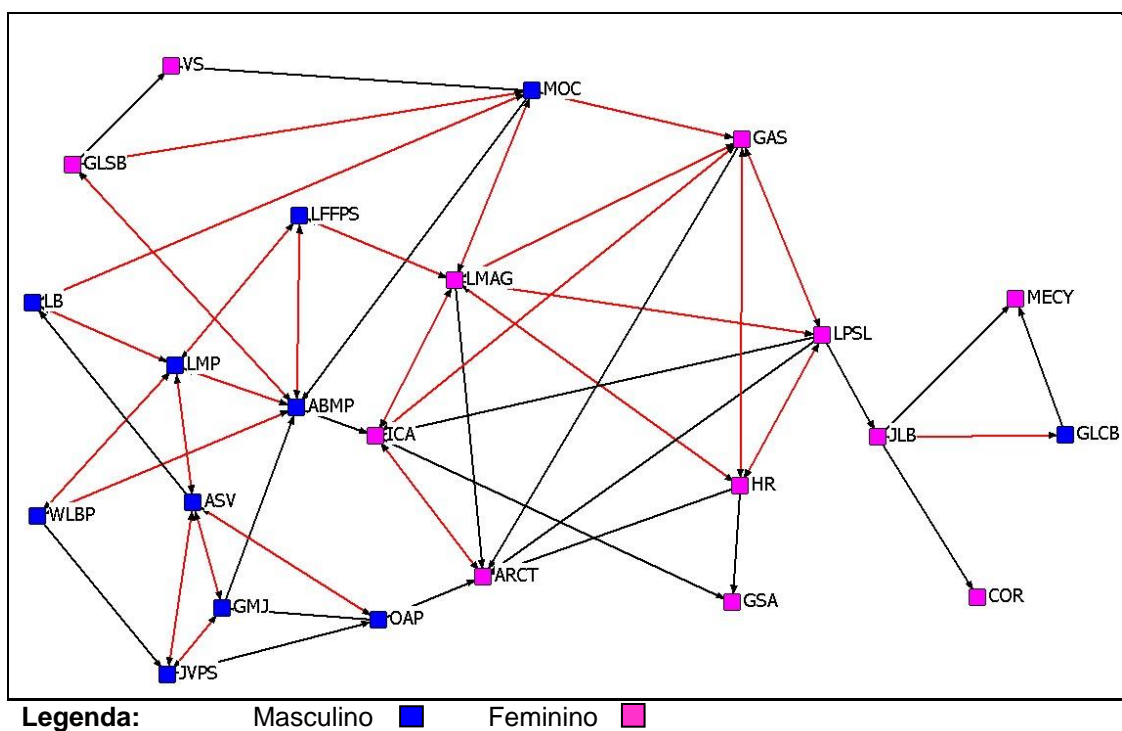
Tanto na Figura 1 quanto na Figura 2 os atores são identificados pelas imagens do quadrado “azul” ou “rosa”, além das siglas que correspondem às iniciais dos nomes de cada aluno participante da pesquisa. As conexões entre os nós, que representam o vínculo de partilha de informação, podem ser identificadas pela “linha”. Cada vínculo ou relação no diagrama pode ser classificado de duas formas: assimétrico (A indica B), quando a linha parte de um ator em direção a outro, significa que é uma relação sem reciprocidade; ou simétrico (A indica B e B indica A), relação considerada recíproca e a linha, neste caso, é bidirecional (HANNEMAN, 2001). Nos diagramas deste estudo as relações assimétricas podem ser identificadas pela linha na cor “preta” e os vínculos simétricos pelas linhas “vermelhas”.

Na Figura 1 os dados da pesquisa demonstram o arranjo da rede da Geração Z na turma do 3º ano. A rede está estruturada com uma formação total de 23 atores com ligações tanto simétricas (ASV e JVPS, ICA e ARTC, etc.) quanto assimétricas (ABMP para ICA, LPSL para JLB, etc.) e conforme se apresenta no diagrama, a rede possui 12 atores do sexo feminino e 11 atores do sexo masculino.

A densidade da rede pode ser entendida como a quantidade de conexões presentes na rede dividida pelo número máximo de ligações que poderiam ser

realizadas se todos os atores tivessem conexão com todos os outros nós. Redes densas possuem muitos atores conectados de forma direta e redes com baixa densidade possuem membros que não se comunicam diretamente (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997; KADUSHIN, 2011). Segundo Hanneman (2001) quando uma rede possui um percentual acima de 52% de ligações diretas, a rede poderá ser classificada como uma rede com boa densidade ou com densidade alta.

Figura 1 – Diagrama da rede do 3º ano



Fonte: dados da pesquisa

Na análise feita na rede do 3º ano, os resultados obtidos permitem exprimir que a densidade nessa turma pode ser considerada baixa, pois apenas 14,8% das ligações possíveis foram identificadas, ou seja, 74 conexões das 506<sup>11</sup> que poderiam existir. Quanto mais ligações diretas entre os membros, maior é o fluxo de informação sem depender de intermediários e quanto maior a densidade, melhor é o compartilhamento de informação da rede. Conforme expressam os valores alcançados na análise, pode-se perceber que a rede do 3º ano não apresenta muitas ligações diretas entre todos seus membros. De forma geral, isso pode indicar que o

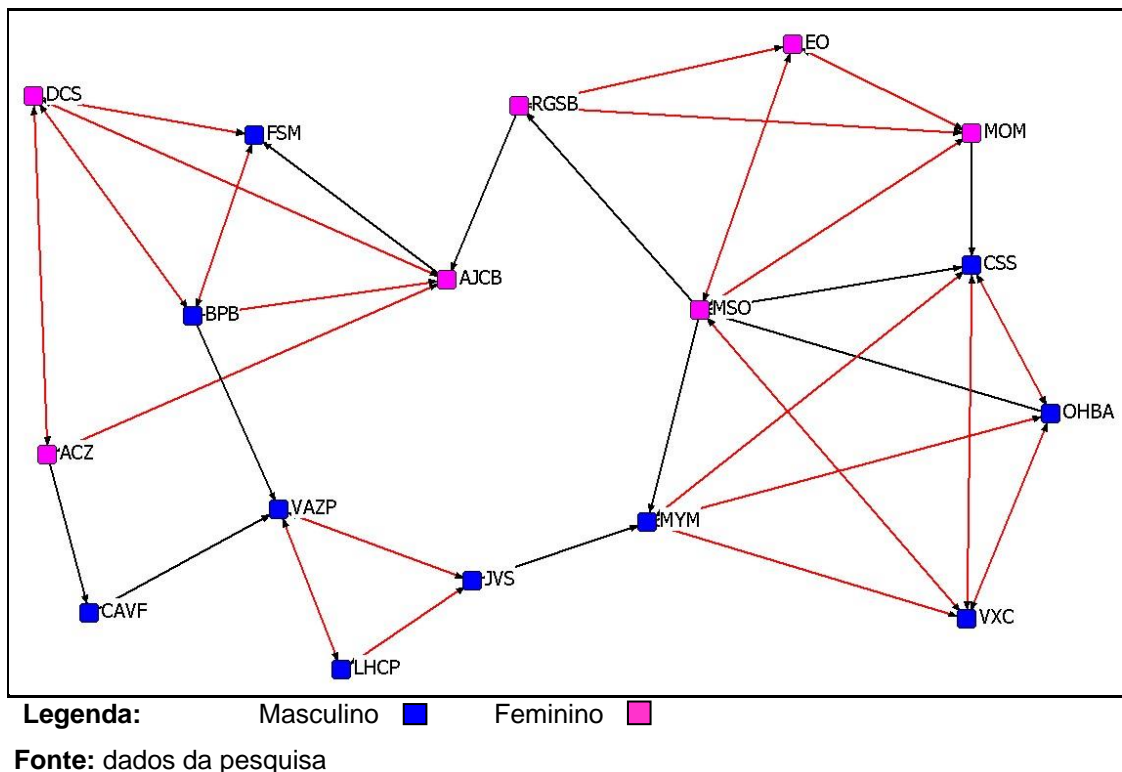
<sup>11</sup> Este valor é obtido multiplicando a quantidade de atores (23) pela quantidade de indicações que um ator pode fazer (22).

compartilhamento de informação pode ser prejudicado e que na rede a troca de informação entre dois atores depende de outras pessoas para acontecer.

Os dados apresentados no diagrama da Figura 2 refletem estruturalmente a disposição dos atores na rede do 4º ano. A rede social pesquisada mostra a existência de 17 atores que possuem relações assimétricas (MSO para CSS, JVS para MYM, etc.) e simétricas (DCS e AJCB, ACZ e DCS, etc). Desse total, 7 atores são do sexo feminino e 10 atores são do sexo masculino.

Os resultados demonstram que a densidade da rede nessa turma também pode ser considerada baixa. Das 272 ligações diretas que poderiam existir na rede, foram identificadas apenas 55, o que representa um percentual de 20,2% das conexões diretas possíveis. A falta de uma quantidade mais significativa de vínculos diretos entre os atores denota que o compartilhamento de informação de forma direta na rede é considerado baixo, pois para que a informação atinja um número expressivo de pessoas no grupo, é provável que o fluxo informacional passe por nós intermediários.

Figura 2 – Diagrama da rede do 4º ano



Os diagramas das redes analisadas na Geração Z não apresentam um número expressivo de ligações diretas entre todos os atores, mas pode-se perceber

que as Figuras 1 e 2 mostram que tanto a rede do 3º quanto a do 4º ano possuem um número considerável de relações recíprocas. Essas relações também são conhecidas como relações simétricas e, segundo Granovetter (2000), podem ainda ser categorizadas como “laços fortes”.

Uma dedução aparente para a ocorrência expressiva de laços fortes encontrados nas duas redes pode ser feita também pela análise de frequência com que cada ator compartilha informação com outro ator na rede. A análise dos dados indica que na rede do 3º ano, 51% dos atores compartilham informações “constantemente”, ou seja, várias vezes ao dia e 49% dos integrantes da rede responderam que compartilham informações “diariamente”, mesmo que com menor frequência, eles se comunicam pelo menos uma vez ao dia. Na rede do 4º ano, os dados da análise exprimem uma situação muito semelhante: 52% dos participantes responderam que “constantemente” compartilham informações com os atores que indicaram e 48% apontaram que ao menos uma vez ao dia compartilham informações com os atores por eles indicados.

Por estarem agrupados em turmas e se encontrarem todos os dias, a quantidade significativa de ligações simétricas presentes nas duas redes analisadas parece confirmar os pensamentos de Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) e Granovetter (2000). Os autores definem que os laços fortes incluem relações mais próximas, geralmente otimizadas pelos contatos diários, o que poderia explicar os resultados de que essas redes possuem atores com forte tendência em compartilhar recursos com grande frequência.

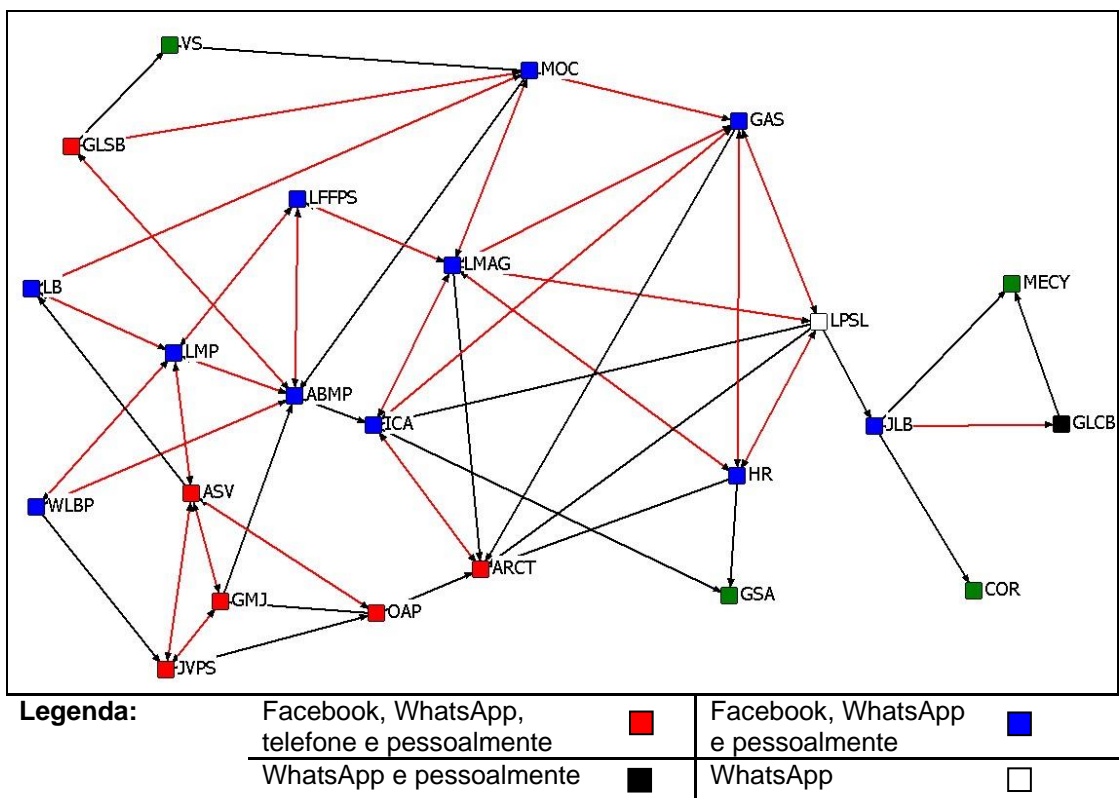
Investigamos ainda quais os meios de comunicação utilizados nessas duas redes para a efetivação do compartilhamento de informação. Os resultados da análise podem ser observados nas Figuras 3 e 4 e exprimem a existência de duas categorias a serem destacadas em relação aos processos de comunicação sob o aspecto da forma como elas acontecem. As comunicações podem ser assíncronas ou síncronas e não estão relacionadas com o item direção e reciprocidade das relações que são simétricas ou assimétricas.

O enfoque de sincronismo aqui manifestado está relacionado ao fato da simultaneidade de participação dos atores no processo comunicacional. As comunicações assíncronas são representadas pelas plataformas infocomunicacionais, neste trabalho simbolizadas por *softwares* utilitários como Facebook, WhatsApp e e-mail, meios de comunicação em que o processo de se

comunicar pode ocorrer inicialmente com apenas uma das partes, sem a participação conjunta do receptor no mesmo instante em que ela ocorre. As comunicações síncronas são representadas pelos contatos pessoais, agrupadas nesta pesquisa em telefone e pessoalmente, processos comunicacionais que necessitam de participação simultânea dos atores para efetivação da comunicação.

A Geração Z ou Geração Next é considerada a primeira composta por nativos digitais em sentido estrito, uma geração imersa em *bits* (CERBASI; BARBOSA, 2009; TAPSCOTT, 2010). Se nas gerações anteriores era comum a prática de brincadeiras ao ar livre, nessa geração as brincadeiras acontecem dentro das residências, pois o contato e o entretenimento nos videogames, *smartphones* e *tablets* fazem parte de seus hábitos, o mundo digital está incorporado ao seu cotidiano. Também entendida como geração da internet banda larga e do Google, utilizam constantemente aplicativos de comunicação instantânea para interagir e preferem se expressar em ambientes virtuais, sem muito envolvimento pessoal (CERBASI; BARBOSA, 2009; FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010; JEANNERET, 2005; MOURA, 2009).

Figura 3 – Meios de comunicação – 3º ano



Fonte: dados da pesquisa

Dentro das redes estudadas, conforme se pode verificar nas Figuras 3 e 4, encontramos resultados que parecem confirmar “em partes” as conjecturas dos autores em relação à Geração Z sobre os meios de comunicação. Ao analisarmos os dados coletados, nota-se que um número significativo de participantes da pesquisa que indicou se comunicar por meio das plataformas infocomunicacionais (assíncrona), também utiliza o contato pessoal (síncrona) como meio de comunicação. Por isso a utilização do termo “em partes”, porque embora o mundo digital faça parte do cotidiano desses alunos, os resultados mostram que os atores dessas redes também têm o hábito de se comunicar pessoalmente.

Ao analisarmos a rede na Figura 3, apenas o ator LPSL indicou exclusivamente como o meio mais utilizado para a comunicação uma das plataformas virtuais, o WhatsApp. Ao averiguar a rede apresentada na Figura 4, em comparação com a Figura 3, a situação é recorrente, pois somente um ator, CAVF, utiliza-se unicamente da mesma plataforma como principal meio de se comunicar com seus pares. Portanto, nas duas redes investigadas, somente dois atores utilizam-se exclusivamente de ambientes digitais (assíncrona) como meio de comunicação.

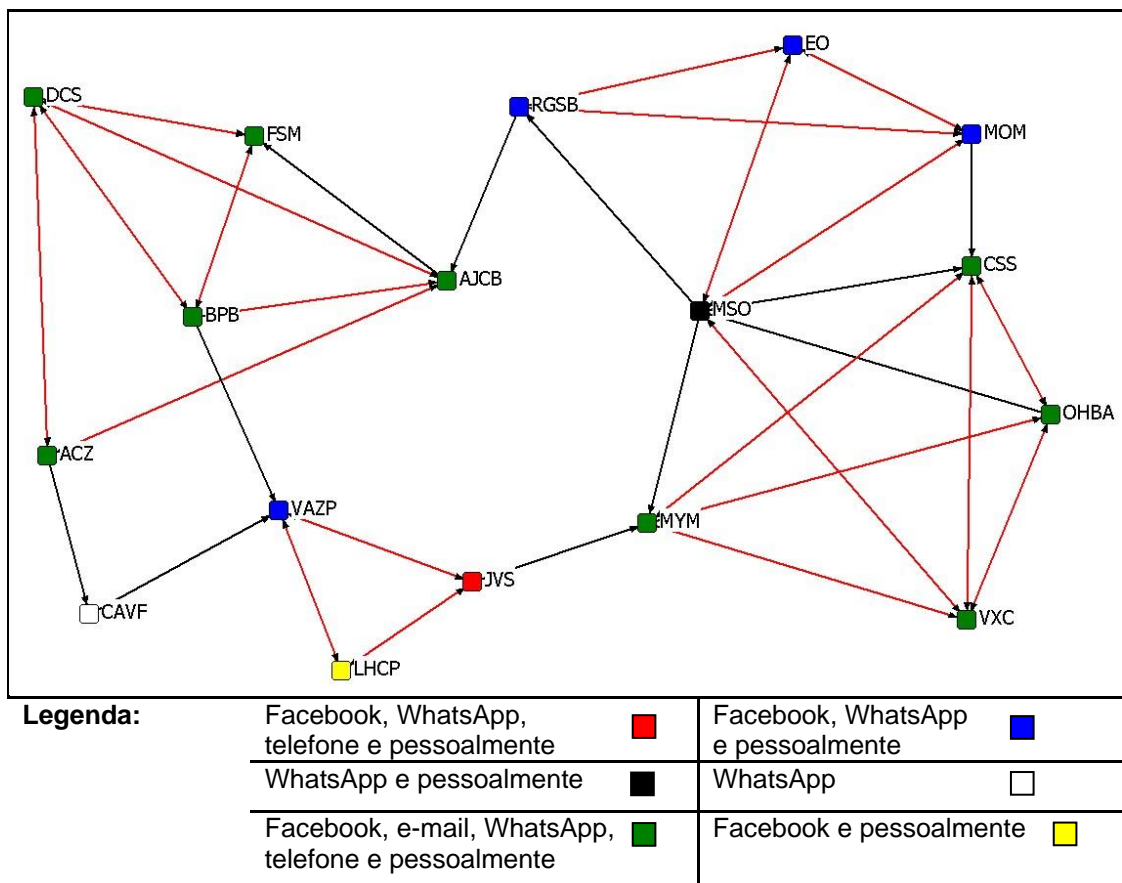
Pode-se perceber que na rede do 3º ano a maior ocorrência de meio de comunicação utilizado se dá com o uso do Facebook, WhatsApp e também pessoalmente. Onze atores indicaram esses meios de comunicação como preferencial: ABMP, GAS, HR, ICA, JLB, LB, LMP, LMAG, LFFPS, MOC e WLBP. Em seguida, a segunda maior ocorrência é de atores que indicaram o uso do Facebook, WhatsApp, telefone e pessoalmente; seis nós preferem esses meios para partilhar informação: ASV, ARCT, GMJ, GLSB, JVPS e OAP. O ator GLCB faz uso do WhatsApp, mas também se comunica pessoalmente. Os atores GSA, COR, MECY e VS são indivíduos que participam da rede por terem sido lembrados pelos colegas, mas não fizeram indicações de compartilhamento porque não estavam presentes no dia da aplicação do questionário.

Na rede do 4º ano, os resultados obtidos na análise demonstram que nove atores: ACZ, AJCB, BPB, CSS, DCS, FSM, MYM, OHBA e VXC fazem uso do Facebook, e-mail, WhatsApp, telefone e pessoalmente como meio de comunicação com seus pares. Os resultados também mostram que os atores: EO, MOM, RGSB, VAZP compartilham informação na rede utilizando o Facebook, WhatsApp e pessoalmente. O ator JVS prefere comunicar-se fazendo uso do Facebook,

WhatsApp, telefone e pessoalmente. O ator MSO compartilha informação utilizando como meio de comunicação WhatsApp e pessoalmente e o ator LHCP, na maioria das vezes, interage com a rede no Facebook e também pessoalmente.

A análise das duas redes – nas turmas dos 3º e 4º anos – parece confirmar os argumentos de Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) sobre como as relações de A e B ou A e C são afetadas pelo vínculo de C e B. Com o estudo podemos considerar que os integrantes das duas redes apresentam padrões de conduta parecidos em relação aos meios de comunicação, e podem ter sido influenciados pelos vínculos com seus pares no que tange à formação de redes em ambientes virtuais, dada a notoriedade atribuída às plataformas infocomunicacionais encontrada nos grupos.

Figura 4 – Meios de comunicação – 4º ano



Fonte: dados da pesquisa

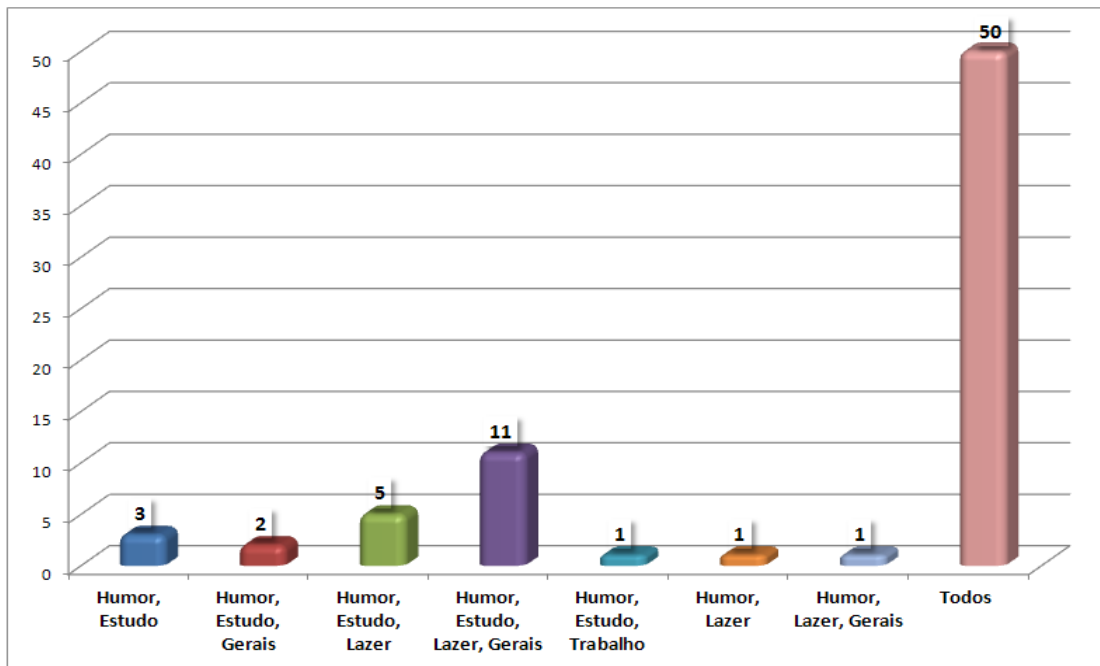
Se por um lado nas redes estudadas existem muitas interações no mundo digital, por outro lado há também um número muito representativo de contatos pessoais como meio de comunicação, por isso, o tipo de formação e espaço de

encontro das redes estudadas poderia explicar o alto índice de indicações de comunicações síncronas dentro das turmas. É relevante ressaltar que foram pesquisados alunos agrupados em turmas que se encontram todos os dias em local pré-definido, a sala de aula, onde o contato pessoal é inevitável. A grande quantidade de ocorrência de comunicações por contato pessoal nessas redes parecem fenômenos sociais que acontecem por normas impostas pela sociedade, neste caso, a organização das escolas com turmas agrupadas em sala (REQUENA SANTOS, 1989).

A apuração dos dados utilizando a ARS em relação aos meios de comunicação permite deduzir que o comportamento e atitudes das turmas analisadas podem ser esclarecidos pelas formas de interações que são decorrentes das estruturas sociais em que as redes se encontram (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997) e não exclusivamente pela classificação sociológica de pertencimento à Geração Z ou de preferirem a comunicação virtual ao contato pessoal (CERBASI; BARBOSA, 2009; FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010; JEANNERET, 2005; MOURA, 2009).

O estudo também procurou averiguar quais os tipos de informações que o participante compartilhava com os atores indicados por ele. As respostas possíveis poderiam ser informações sobre humor, estudo, lazer, informações gerais, informações sobre trabalho, todos os tipos de informações ou outra informação que poderia ser definida pelo autor da resposta. Nessa questão era possível responder assinalando mais de uma alternativa para cada indicação de tipo de informação compartilhada e os resultados obtidos na turma do 3º ano podem ser observados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Tipo de informação compartilhada na rede do 3º ano



Fonte: dados da pesquisa

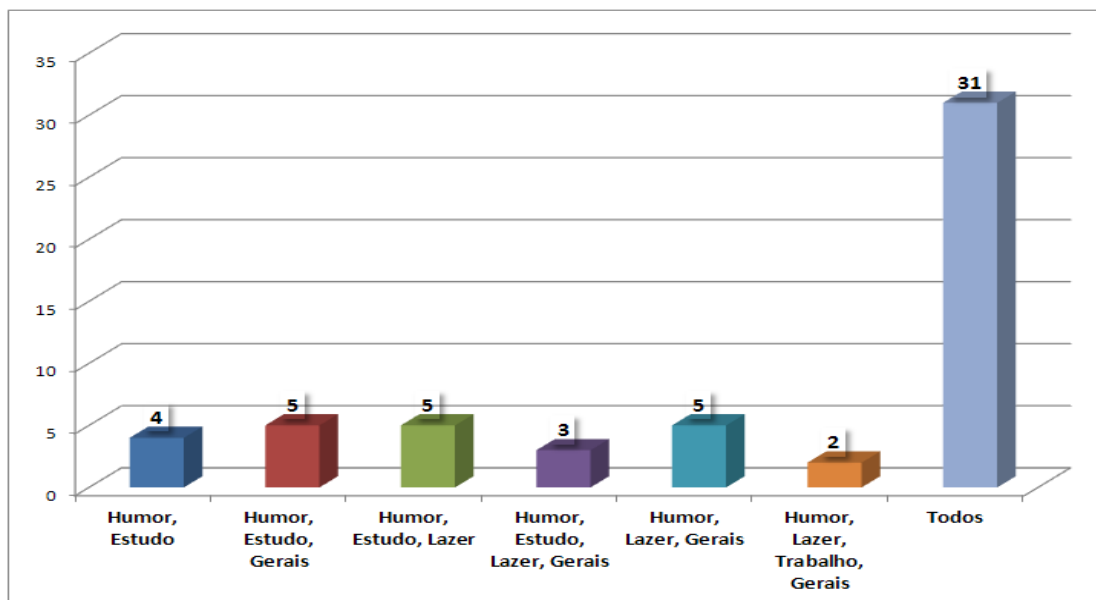
Das indicações de compartilhamento de informação (74) entre os atores dessa turma, 68% responderam que compartilham todos os tipos de informação; informações sobre humor foram marcadas em 32% das respostas; 30% dos participantes apontaram que compartilham informações sobre estudo; o compartilhamento de informação relacionada ao lazer foi encontrado em 26%; informações gerais (esporte – política – música) foram apontadas em 19% e informações sobre trabalho apareceram em 1% das indicações de compartilhamento.

A análise dos dados representada do Gráfico 1 demonstra que as informações compartilhadas nessa turma são variadas, sem muita distinção dos assuntos tratados. Um número muito expressivo de atores revelou compartilhar todos os tipos de informação na rede, o que mostra que as informações compartilhadas pela turma parece não ter tendência de ser tratada por assunto específico.

No Gráfico 2 é apresentada a análise dos dados da rede do 4º ano sobre os tipos de informações compartilhadas no grupo. Nessa turma, 56% das indicações possíveis (55) compartilham todos os tipos de informação; 44% julgam compartilhar informações de humor; 31% compartilham informações relacionadas ao estudo; compartilhamento de informação referente a lazer e assuntos gerais obtiveram 27%

cada um e informações relacionadas a trabalho aparecem como compartilhadas em 4% das respostas.

Gráfico 2 – Tipo de informação compartilhada na rede do 4º ano



Fonte: dados da pesquisa

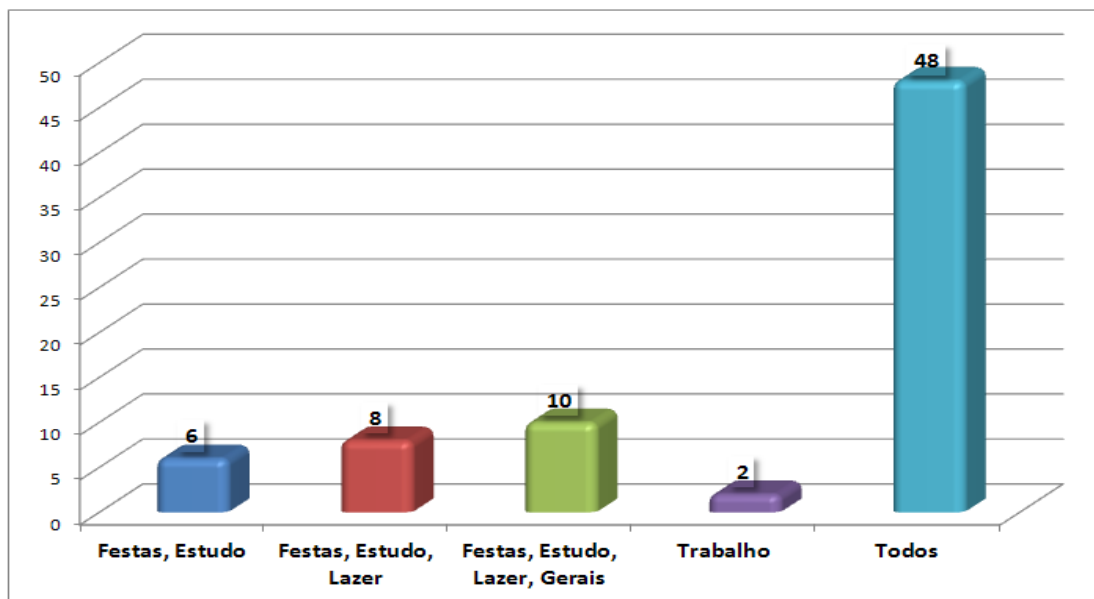
Levando em conta que era possível marcar mais de uma opção de tipo de informação por indicação, verifica-se que assim como na rede do 3º ano, os percentuais podem ser considerados bem elevados para o compartilhamento de todos os tipos de informações na rede. Esses valores revelam que nas redes pesquisadas a Geração Z tem propensão de tratar de diversos assuntos nas suas interações com os pares, não havendo interações referentes a um assunto específico como, por exemplo, funcionários de uma instituição que compartilham apenas informações referentes ao ambiente de trabalho.

Pesquisou-se também se os atores das redes participavam de alguma ação conjunta decorrente do compartilhamento da informação com cada indivíduo indicado. A ação conjunta correspondia ao fato de pelo menos uma vez o ator ter se reunido com esta pessoa para tratarem de assuntos de interesse mútuo. As alternativas de ações conjuntas para essa questão eram: festas, estudo, lazer, trabalho, ações gerais ou se participavam com os pares de todas as ações conjuntas mencionadas.

As respostas obtidas na turma do 3º ano são apresentadas no Gráfico 3. A grande maioria dos estudantes, 65%, responderam que participam de todos os tipos

de ações conjuntas com seus colegas da rede; 32% das respostas fizeram alusão à participação em festas; 24% dos alunos participam de ações conjuntas de lazer (passeios – ouvir música) com seus pares; 13% apontaram que se reúnem para fazer outras coisas, ações gerais (esporte – banda de música) e encontros a respeito de trabalho aparecem em apenas 3% das respostas.

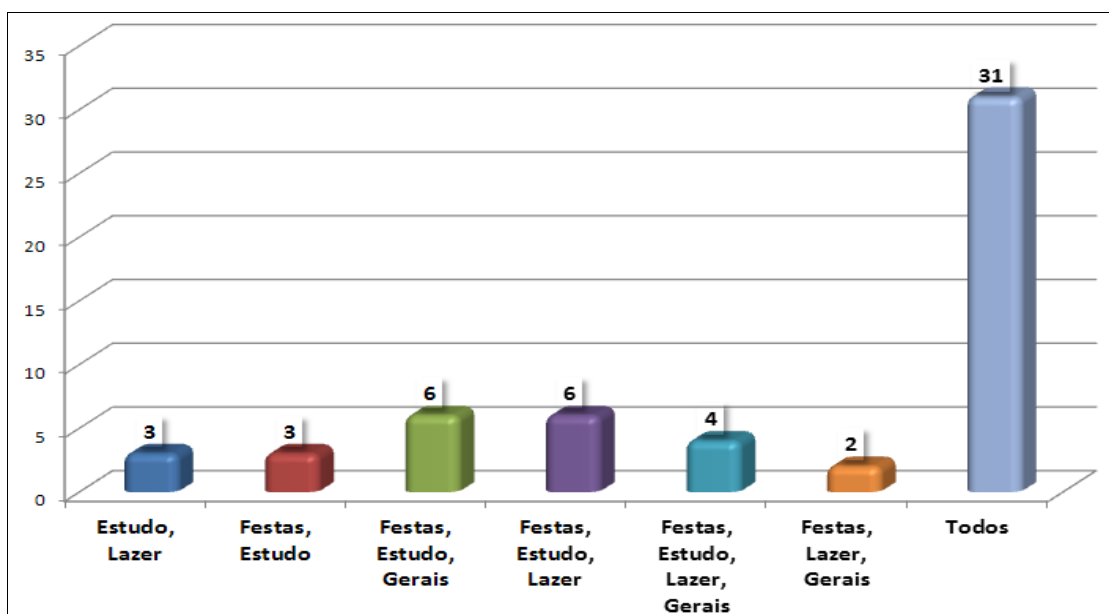
Gráfico 3 – Ações conjuntas na rede do 3º ano



Fonte: dados da pesquisa

No Gráfico 4 é demonstrada a análise da turma do 4º ano sobre as ações conjuntas que os atores julgaram participar com os outros integrantes da rede. Dos membros dessa turma, 56% informaram que se envolvem em todos os tipos de ações coletivas previstas; as ações referentes aos estudos aparecem em 40% das respostas; encontros específicos para festas chegaram a 38%; encontros envolvendo atividades de lazer (passeios – ouvir música) foram apontados em 25% das respostas e as atividades gerais (esporte – igreja) atingiram 22% das indicações sobre coletividade na rede.

Gráfico 4 – Ações conjuntas na rede do 4º ano



Fonte: dados da pesquisa

Pode-se perceber que nas duas redes pesquisadas a Geração Z apresenta um percentual bem significativo de participação em todos os tipos de ações conjuntas propostas na rede, mostrando que aparentemente eles não fazem muitas distinções do tipo de encontros de que participam. É possível notar que mesmo diferenciados em categorias de respostas que contemplavam um conjunto de ações coletivas (estudo e lazer; festas e estudo; festas, estudos e gerais, etc.), o percentual para essas diferenciações em separado apresentam valores pouco expressivos. As turmas pesquisadas parecem ter aptidão para participar de diversas formas de encontros e coletividade com seus pares na rede.

Também verificamos como os atores se sentiam em relação ao compartilhamento de informação a respeito de: passarem informações novas aos seus colegas; transmitirem informações que receberam do grupo; ou apenas receberem informações daquele indivíduo apontado como “par”; era possível que eles se considerassem gerador de informação – compartilha nova informação de fora da rede; intermediador – recebe informação da própria rede e compartilha aos indivíduos que indicou; e receptor – membros da rede que julgam receber a informação, mas não a compartilham com ninguém.

Na análise das turmas dos 3º e 4º anos foram encontrados os seguintes resultados: 66% e 36% das respostas mostraram que os atores das duas redes acreditam atuar mais como intermediadores de informações, recebem e

compartilham informação na rede; em 27% e 49% das indicações, os atores consideram que em suas interações são mais geradores de informação, recebem informações de fora da rede ou “produzem” informação e as compartilham com os atores indicados; 7% e 15% das indicações apontaram que os atores das redes em suas comunicações se julgam receptores, apenas recebem informações compartilhadas dos colegas que eles manifestaram interagir.

## 10.1 UNIDADES DE ANÁLISE EM ARS

### a) Centro e periferia

A unidade de análise centro e periferia serve para demonstrar os grupos mais coesos dentro das redes. Com essa métrica pode-se detectar se existe um núcleo específico na rede, um grupo de atores com fortes vínculos entre si, distinguindo-se como grupos com alta densidade de relações e denominados centro da rede. A medida também pode revelar os atores periféricos, aqueles que quase não se relacionam entre si, mas estão conectados ao centro da rede por algum integrante do grupo central, uma vez que esses grupos de atores estão na periferia da rede.

A investigação dos dados sobre a unidade de análise centro e periferia é representada nos Quadros 1 e 2 e demonstra respectivamente, como estão distribuídos os núcleos e os atores periféricos nas redes sociais das turmas dos 3º e 4º anos. É possível perceber que o conjunto de membros com maior densidade no Quadro 1 é representado pelos atores que se encontram agrupados no bloco um, portanto esse bloco é considerado o centro da rede.

A análise permite essa constatação porque os valores que representam a densidade de cada bloco na rede ratifica o que é retratado no Quadro 1. O bloco considerado centro da rede apresenta densidade de 64%, o bloco dois tem densidade de 7%; o bloco três apresentou densidade de apenas 4% e no bloco quatro a densidade alcançou percentual em torno de 15%.

Quadro 1 - Centro e Periferia do 3º ano

|       | Bloco 1 - Centro    |      |      |    |      |     |     | Bloco 2 - Periferia |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
|-------|---------------------|------|------|----|------|-----|-----|---------------------|------|------|-----|-------|------|------|----|-----|-----|-----|----|-----|-----|------|-----|---|
|       | ICA                 | LMAG | ARCT | HR | LPSL | MOC | GAS | ABMP                | WLBP | GLSB | JLB | LFFPS | GLCB | JVPS | LB | ASV | GMJ | OAP | VS | COR | LMP | MECY | GSA |   |
| ICA   |                     | 1    | 1    |    |      |     | 1   |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     | 1 |
| LMAG  | 1                   |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     | 1     |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| ARCT  | 1                   |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| HR    |                     | 1    | 1    |    |      |     | 1   |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     | 1 |
| LPSL  | 1                   | 1    | 1    | 1  |      |     | 1   |                     |      |      | 1   |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| MOC   |                     | 1    |      |    |      |     |     | 1                   |      | 1    |     |       |      |      | 1  |     |     |     | 1  |     |     |      |     |   |
| GAS   | 1                   | 1    | 1    | 1  | 1    | 1   | 1   |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| ABMP  | 1                   |      |      |    |      |     |     |                     | 1    | 1    |     | 1     |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      | 1   |   |
| WLBP  |                     |      |      |    |      |     |     | 1                   |      |      |     |       |      | 1    |    |     |     |     |    |     |     |      | 1   |   |
| GLSB  |                     |      |      |    | 1    |     |     | 1                   |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     | 1  |     |     |      |     |   |
| JLB   |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       | 1    |      |    |     |     |     |    | 1   |     |      | 1   |   |
| LFFPS |                     | 1    |      |    |      |     |     | 1                   |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      | 1   |   |
| GLCB  |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      | 1   |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     | 1 |
| JVPS  |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    | 1   | 1   | 1    |     |   |
| LB    |                     |      |      |    |      | 1   |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      | 1   |   |
| ASV   |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      | 1    | 1  |     | 1   | 1   |    |     |     |      | 1   |   |
| GMJ   |                     |      |      |    |      |     |     | 1                   |      |      |     |       |      | 1    |    | 1   | 1   |     |    |     |     |      |     |   |
| OAP   |                     |      |      | 1  |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    | 1   | 1   |     |    |     |     |      |     |   |
| VS    |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| COR   |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| LMP   |                     |      |      |    |      |     |     | 1                   | 1    |      |     | 1     |      |      | 1  | 1   |     |     |    |     |     |      |     |   |
| MECY  |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
| GSA   |                     |      |      |    |      |     |     |                     |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |
|       | Bloco 3 - Periferia |      |      |    |      |     |     | Bloco 4 - Periferia |      |      |     |       |      |      |    |     |     |     |    |     |     |      |     |   |

Fonte: dados da pesquisa

Desse modo, o núcleo da rede do 3º ano é formado pelos atores: ICA, LMAG, ARCT, HT, LPSL, MOC e GAS. De todos os atores considerados centrais, apenas os atores ARCT e GAS não indicaram como contato importante pessoas que estão fora do núcleo da rede. Os atores considerados centrais formam um grupo com forte tendência a compartilhar muitas informações entre eles, o que pode indicar que esse conjunto de atores tem maior facilidade de acesso aos recursos da rede. Além da presença no centro da rede, muitos desses atores também possuem ligações com atores que estão em blocos da periferia, demonstrando que os recursos presentes fora do núcleo podem ser obtidos e trazidos para o centro da rede.

No Quadro 2 é possível observar os atores da turma do 4º ano que estão no centro e na periferia. O bloco um possui a maior densidade de ligações entre os atores. Os componentes: MYM, OHBA, MSO, MOM, EO, CSS e VXC, foram identificados como integrantes do núcleo da rede. Na rede social do 4º ano, a análise demonstra que os atores centrais MSO, OHBA, CSS e VXC não indicaram nenhum ator presente na periferia como contato importante para compartilhamento de informação.

Quadro 2 - Centro e Periferia do 4º ano

|                     | Bloco 1 - Centro |      |     |     |    |     |     | Bloco 2 - Periferia |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
|---------------------|------------------|------|-----|-----|----|-----|-----|---------------------|------|-----|-----|-----|------|-----|-----|------|------|
|                     | MYM              | OHBA | MSO | MOM | EO | CSS | VXC | CAVF                | RGSB | FSM | DCS | BPB | LHCP | JVS | ACZ | AJCB | VAZP |
| MYM                 |                  | 1    | 1   |     |    | 1   | 1   |                     |      |     |     |     |      | 1   |     |      |      |
| OHBA                | 1                |      |     |     |    | 1   | 1   |                     |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| MSO                 |                  | 1    |     | 1   | 1  |     | 1   |                     |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| MOM                 |                  |      | 1   |     | 1  |     |     | 1                   |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| EO                  |                  |      | 1   | 1   |    |     |     | 1                   |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| CSS                 | 1                | 1    | 1   | 1   |    |     | 1   |                     |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| VXC                 | 1                | 1    | 1   |     |    |     | 1   |                     |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| CAVF                |                  |      |     |     |    |     |     |                     |      |     |     |     |      |     | 1   |      |      |
| RGSB                |                  |      | 1   | 1   | 1  |     |     |                     |      |     |     |     |      |     |     |      |      |
| FSM                 |                  |      |     |     |    |     |     |                     |      | 1   | 1   |     |      |     |     | 1    |      |
| DCS                 |                  |      |     |     |    |     |     |                     | 1    |     | 1   |     |      |     | 1   | 1    |      |
| BPB                 |                  |      |     |     |    |     |     |                     | 1    | 1   |     |     |      |     |     | 1    |      |
| LHCP                |                  |      |     |     |    |     |     |                     |      |     |     |     | 1    |     |     |      | 1    |
| JVS                 |                  |      |     |     |    |     |     |                     |      |     |     |     | 1    |     |     |      | 1    |
| ACZ                 |                  |      |     |     |    |     |     |                     |      | 1   |     |     |      |     |     | 1    |      |
| AJCB                |                  |      |     |     |    |     |     |                     | 1    |     | 1   |     |      |     | 1   |      |      |
| VAZP                |                  |      |     |     |    |     |     | 1                   |      |     | 1   | 1   | 1    |     |     |      |      |
| Bloco 3 - Periferia |                  |      |     |     |    |     |     | Bloco 4 - Periferia |      |     |     |     |      |     |     |      |      |

Fonte: dados da pesquisa

O Quadro 2 mostra que o grupo com maior densidade no estudo da rede realmente se concentra no bloco um, pois esse bloco apresenta 57% das ligações que poderiam existir dentro do grupo, portanto, um conjunto de atores bem coeso. O bloco quatro aparece com a segunda maior densidade da rede, chegando a quase 28% e os blocos dois e três têm exatamente o mesmo percentual de densidade, apenas 4% das ligações possíveis foram verificadas nestes dois grupos de atores.

Os atores que estão no núcleo da rede, conforme as análises dos Quadros 1 e 2, têm a possibilidade de acesso a grande parte das informações que circulam também nas periferias e como colaboram intensamente entre si, estarão sempre a par dos acontecimentos da rede. Na periferia das redes analisadas, os atores que mantêm contato com algum nó do núcleo podem até ter acesso aos recursos, porém como esses atores não compartilham informação com outros atores da periferia, as informações compartilhadas continuam a não atingir todos os que circundam o centro da rede.

Além da possibilidade de verificar o posicionamento de atores centrais e periféricos e as implicações que as ligações entre eles representam para a rede, ao averiguar padrões de relacionamento entre os membros de uma população, pode-se encontrar grupos específicos dentro da própria rede que estão altamente conectados. Esse agrupamento de atores pode ser dividido em cliques e *clusters* e a

análise das redes pesquisadas permitiu delimitar os atores que pertencem a esses grupos distintos dentro de cada uma das redes sociais.

#### b) Cliques

Os cliques são subgrupos dentro das redes sociais, com no mínimo três nós, que apresentam relações mais estreitas entre eles do que com outros atores. Ao analisar a estrutura da rede do 3º ano (Quadro 3), é possível observar a existência de seis cliques. Desse total, cinco cliques contam com três integrantes cada e o maior clique é formado por quatro atores. Dos vinte e três atores da rede, treze participam de cliques e os atores LMAG e GAS fazem parte de três cliques cada um.

A análise dos dados ainda possibilita considerar que os atores ABMP e LMP pertencem a dois subgrupos, enquanto os outros nove atores fazem parte apenas de um clique. Essa métrica demonstra que na turma do 3º ano, dez atores não possuem relacionamentos com laços fortes na rede, representando um percentual significativo de atores que podem contribuir para a falta de êxito no compartilhamento de informação.

Quadro 3 – Cliques das redes

| 3º ano  |        |      |       |     | 4º ano  |        |      |      |     |
|---------|--------|------|-------|-----|---------|--------|------|------|-----|
| Cliques | Atores |      |       |     | Cliques | Atores |      |      |     |
| 1       | HR     | LMAG | LPSL  | GAS | 1       | DCS    | AJCB | BPB  |     |
| 2       | MOC    | LMAG | GAS   |     | 2       | DCS    | AJCB | ACZ  |     |
| 3       | ICA    | LMAG | GAS   |     | 3       | DCS    | FSM  | BPB  |     |
| 4       | LMP    | ABMP | LFFPS |     | 4       | OHBA   | MYM  | VXC  | CSS |
| 5       | LMP    | ABMP | WLBP  |     | 5       | MOM    | RGSB | EO   |     |
| 6       | JVPS   | ASV  | GMJ   |     | 6       | MOM    | EO   | MSO  |     |
|         |        |      |       |     | 7       | LHCP   | JVS  | VAZP |     |

Fonte: dados da pesquisa

Nos cliques em que há presença de atores em comum, é provável que as ideias sejam menos conflitantes do que em grupos sem ocorrência de similaridade de atores (HANNEMAN, 2001; RECUERO, 2009). Pode-se perceber que na rede do 3º ano, quatro atores (LMAG, GAS, ABMP e LMP) integram mais de um clique, sendo que dois deles (LMAG e GAS) fazem parte de três subgrupos e dois (ABMP e LMP) fazem parte de dois cliques. A presença de um ator em vários cliques nessa rede pode fazer com que a informação e as mobilizações se espalhem rapidamente por estes subgrupos.

Se a rede do 3º ano possuísse um número maior de cliques com presença de atores em comum em mais subgrupos, isso significaria maior difusão das ações que poderiam atingir a rede de forma mais abrangente (HANNEMAN, 2001). Entende-se que a rede analisada apresenta um número relevante de atores nos cliques, mas se levarmos em conta a difusão do compartilhamento da informação na rede como um todo, o resultado da análise mostra que pode haver problemas no compartilhamento dentro do grupo.

Os resultados aqui expressos não consideram somente a quantidade de atores, mas parte da suposição de mobilizações de grandes estruturas construídas a partir de grupos menores (HANNEMAN, 2001). A análise dos cliques demonstra que na turma do 3º ano há um equilíbrio entre atores que fazem parte de cliques (13) e atores que não pertencem a clique algum (10). Entretanto, ao analisarmos a rede sob o prisma de que quanto mais atores estivessem presentes em cliques, melhor seria, esse equilíbrio aparente pode significar a ruptura de difusão de ideias e fraqueza de compartilhamento de informação entre os cliques e que potencialmente isso se estenderá para o grupo maior, refletindo na rede toda.

Os resultados encontrados na turma do 4º ano, expressos no Quadro 3, mostram que essa rede possui sete cliques. Dentre eles, o clique 4 conta com a presença de quatro membros: OHBA, MYM, VXC e CSS; os outros subgrupos são formados por três atores. Nessa rede um ator, DCS, participa de três subgrupos e quatro atores, AJCB, BPB, EO e MOM participam de dois cliques.

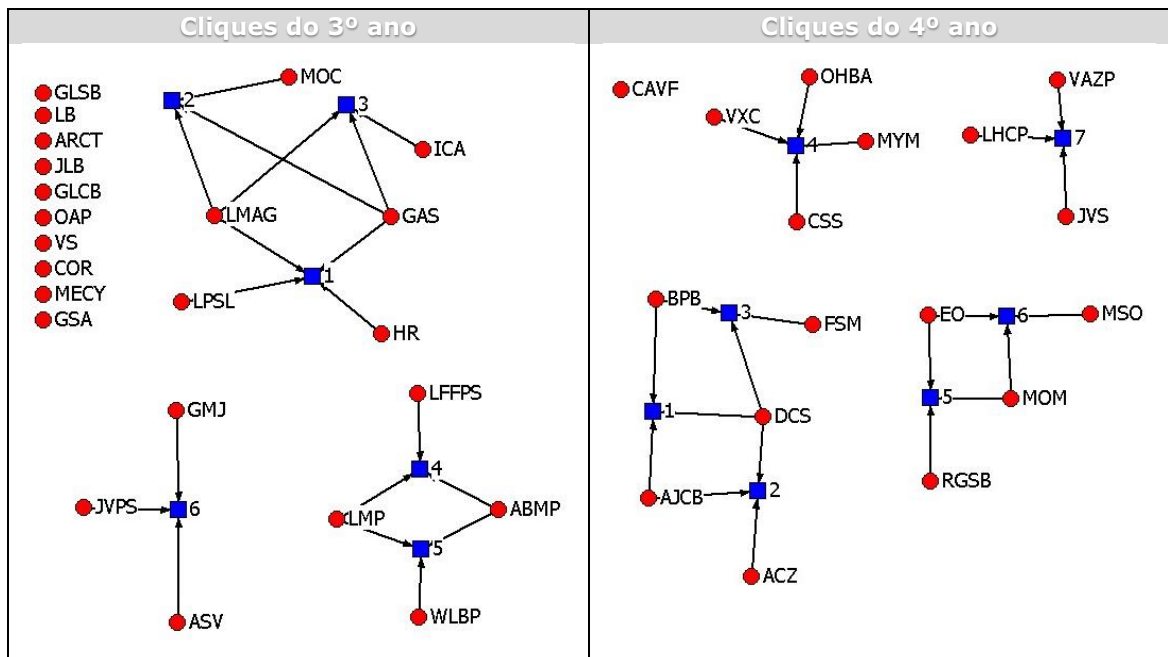
A rede do 4º ano mostra a existência de uma quantidade bastante expressiva de atores com laços fortes, representado nessas redes pelos contatos frequentes entre os indivíduos. Essa população apresenta ocorrência maior de cliques e principalmente maior quantidade de atores que fazem parte dos subgrupos, quando comparada à turma do 3º ano.

A ARS não considera apenas a quantidade de atores e sim as perspectivas de ações conjuntas em grupos maiores, partindo dos padrões dos subgrupos. O número de cliques na rede do 4º ano (7) não é muito maior que a quantidade de cliques presentes na rede do 3º ano (6); nem mesmo a quantidade de atores pertencentes aos cliques no 4º ano (16) é tão maior que a quantidade de atores que fazem parte de cliques (13) na turma do 3º. Entretanto, na rede do 4º ano, do total de dezessete atores, 94% deles fazem parte de algum clique e esse percentual é

muito mais significativo do que os treze atores da turma do 3º, que possuía vinte e três atores e 56% estavam presentes em algum clique.

Sociologicamente, partindo para o aspecto das possibilidades de fluxo informacional, com o percentual de 94% de atores participando de cliques, a rede da turma do 4º ano pode ser considerada uma rede com maior probabilidade de ideias harmônicas e convergentes e que provavelmente essas ideias serão transmitidas para grande parte dos integrantes da rede, facilitando a organização das mobilizações e ações. O fato de existirem muitos atores em comum em vários cliques na rede do 4º ano pode permitir que a informação e as ações coletivas se difundam de forma muito mais rápida do que na rede do 3º ano.

Figura 5 – Comparativo de cliques entre as redes



Fonte: dados da pesquisa

O entendimento das análises aqui apresentadas a respeito dos cliques nas redes pesquisadas pode ficar mais claro visualizando a Figura 5 que retrata o Quadro 3, de forma estrutural. No diagrama, os cliques aparecem com a respectiva numeração que os identifica no Quadro 3, mostrando o agrupamento dos atores e as suas relações com outros atores da rede. Visualmente é possível comparar as duas redes o que pode corroborar as análises anteriores sobre cliques, de que a rede do 3º ano possui muitos atores que não pertencem a nenhum subgrupo e que na rede do 4º ano apenas um ator não faz parte de clique algum.

O diagrama parece favorecer também a assertiva em relação às possibilidades de alcance dos atores no compartilhamento da informação. Conforme a análise dos cliques nas redes retratadas na Figura 5, a turma do 4º ano apresenta-se como mais coesa que a do 3º, por isso o fluxo informacional tende a ser mais efetivo na rede do 4º ano, possibilitando atingir e mobilizar um maior número de atores da rede. É possível visualizar também que a falta de coesão na turma do 3º ano pode comprometer a difusão e compartilhamento de informação na rede que aparentemente é enfraquecido pelo isolamento de um número considerável de atores que não fazem parte de cliques.

### c) Clusters

Os *clusters* são conjuntos de ligações similares entre os atores que podem formar áreas densas dentro da rede. O *software* de análise permite a inserção da quantidade de *clusters* que se quer estudar na rede (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002). Um número considerado aceitável para pesquisas em ARS é de, no mínimo, três *clusters*. Esse foi o valor utilizado para demonstrar agrupamentos de ligações similares das redes investigadas.

Quadro 4 – *Clusters* na turma do 3º ano

|       | GSA | LMAG | ARCT | ICA | HR | GAS | LPSL | ASV | OAP | GLCB | JLB | JVPS | COR | MECY | GMJ | LFFPS | GLSB | ABMP | VS | WLBP | MOC | LB | LMP |   |
|-------|-----|------|------|-----|----|-----|------|-----|-----|------|-----|------|-----|------|-----|-------|------|------|----|------|-----|----|-----|---|
| GSA   |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     | 1     |      |      |    |      |     | 1  |     |   |
| LMAG  |     |      | 1    | 1   | 1  | 1   | 1    |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| ARCT  |     |      |      | 1   |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| ICA   | 1   | 1    | 1    |     |    | 1   |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| HR    | 1   | 1    | 1    |     |    | 1   |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| GAS   |     | 1    | 1    | 1   | 1  | 1   | 1    |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    | 1   |   |
| LPSL  |     | 1    | 1    | 1   | 1  | 1   | 1    |     |     |      | 1   |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| ASV   |     |      |      |     |    |     |      | 1   | 1   |      |     | 1    |     |      | 1   |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| OAP   |     |      | 1    |     |    |     |      | 1   |     |      |     |      |     |      | 1   |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| GLCB  |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      | 1   |      |     | 1    |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| JLB   |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      | 1   | 1    |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| JVPS  |     |      |      |     |    |     |      | 1   | 1   |      |     |      |     |      | 1   |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| COR   |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     | 1    | 1   |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| MECY  |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| GMJ   |     |      |      |     |    |     |      | 1   |     |      |     | 1    |     |      |     |       |      | 1    |    |      |     |    |     |   |
| LFFPS |     | 1    |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      | 1    |    |      |     |    |     | 1 |
| GLSB  |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      | 1    | 1  |      | 1   |    |     |   |
| ABMP  |     |      |      | 1   |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     | 1     | 1    |      |    | 1    |     |    |     | 1 |
| VS    |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     |    |     |   |
| WLBP  |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     | 1    |     |      |     |       |      | 1    |    |      |     |    |     | 1 |
| MOC   |     | 1    |      |     |    | 1   |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      | 1    | 1  | 1    |     |    | 1   |   |
| LB    |     |      |      |     |    |     |      |     |     |      |     |      |     |      |     |       |      |      |    |      |     | 1  |     | 1 |
| LMP   |     |      |      |     |    |     |      | 1   |     |      |     |      |     |      |     | 1     |      | 1    |    | 1    |     | 1  |     | 1 |

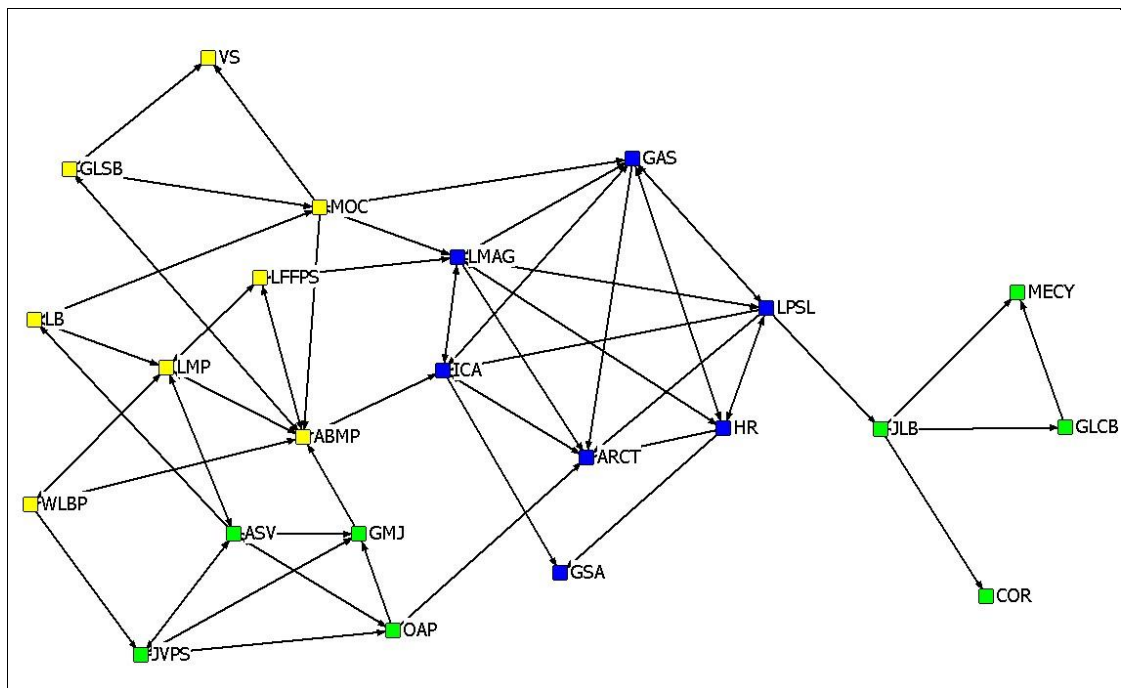
Fonte: dados da pesquisa

O estudo da rede do 3º ano (Quadro 4) representa a matriz de similaridade e formação dos *clusters* encontrados pela média aritmética e proximidade de ligações

recebidas pelos atores da rede, retratados nesse trabalho pelos quadros em realce coloridos dentro da matriz. O primeiro *cluster* encontrado na rede, destacado na cor “azul”, é formado pelos atores com maior média de indicações recebidas dos outros indivíduos da rede, o *cluster* um agrupa sete atores com média de 3,9 indicações cada um: GSA, LMAG, ARCT, ICA, HR, GAS e LPSL.

O segundo *cluster* identificado tem em seu conjunto elementos que foram indicados para receberem informações compartilhadas por seus colegas em média 3,3 vezes e são destacados na cor “amarela”. Esse grupo é formado por oito membros: LFFPS, GLSB, ABMP, VS, WLBP, MOC, LB e LMP. O terceiro *cluster* dessa rede, realçado em “verde”, também possui oito atores: ASV, OAP, GLCB, JLB, JVPS, COR, MECY e GMJ com similaridades entre eles. Esse grupo de indivíduos recebeu em média 2,2 indicações de compartilhamento de informação por parte de seus colegas.

Figura 6 – Diagrama dos *clusters* na turma do 3º ano



Fonte: dados da pesquisa

O diagrama gerado pela análise da matriz de similaridade da turma do 3º ano é representado pela Figura 6 que mostra estruturalmente a aglomeração dos atores em *clusters* dentro da rede. Pode-se perceber que no diagrama existem dois grupos na cor “verde”, mas na matriz esses grupos de atores não aparecem separados. Isso acontece porque os *clusters* são formados por semelhanças, nesse caso a média de

indicações para receberem informações compartilhadas na rede e não apenas por estarem ou não conectados.

No Quadro 5 é demonstrada a matriz de similaridade de formação dos *clusters* obtidos na análise da rede social da turma do 4º ano. Os *clusters* são formados por indivíduos que possuem médias muito próximas de indicações para receberem informações de seus colegas. Nessa rede, o *cluster* que tem maior média de indicações de compartilhamento é destacado na cor “amarela” e é formado por oito atores: MOM, OHBA, VXC, MYM, EO, MSO, CSS e RGSB que possuem, em média, 3,7 indicações cada um.

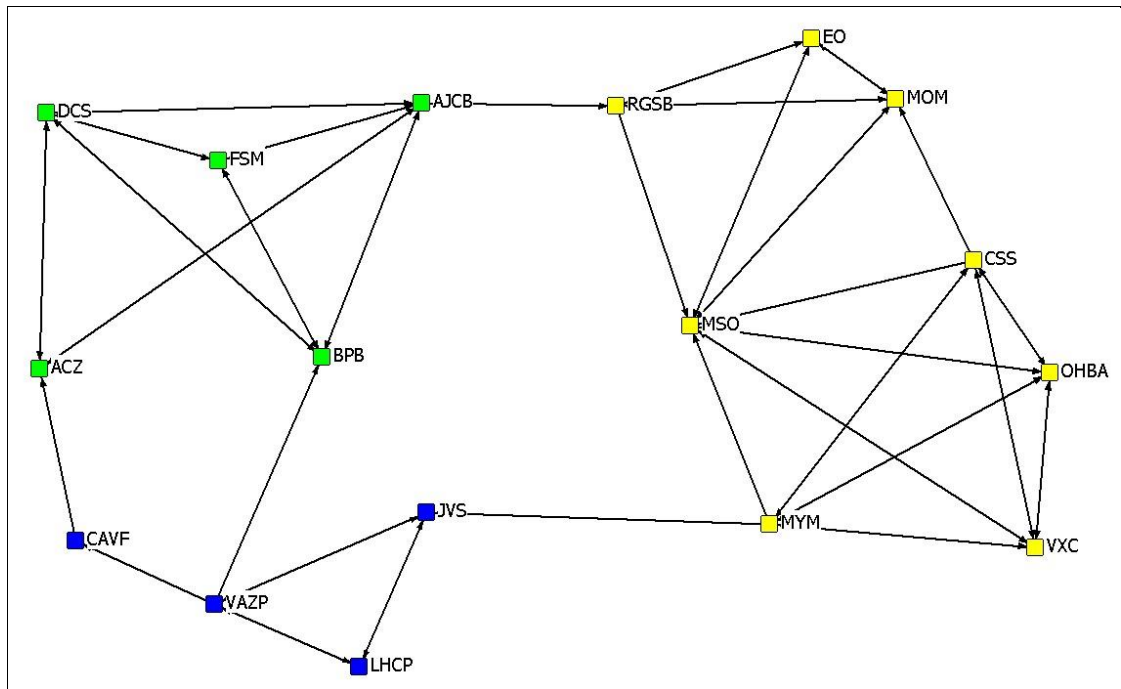
Quadro 5 – *Clusters* na turma do 4º ano

|      | CAVF | JVS | LHCP | VAZP | AJCB | BPB | DCS | ACZ | FSM | MOM | OHBA | VXC | MYM | EO | MSO | CSS | RGSB |
|------|------|-----|------|------|------|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|-----|-----|------|
| CAVF |      |     |      |      |      |     |     | 1   |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| JVS  |      |     | 1    | 1    |      |     |     |     |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| LHCP |      | 1   |      | 1    |      |     |     |     |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| VAZP | 1    | 1   | 1    |      |      | 1   |     |     |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| AJCB |      |     |      |      | 1    | 1   | 1   | 1   |     |     |      |     |     |    |     |     | 1    |
| BPB  |      |     |      |      | 1    |     | 1   |     | 1   |     |      |     |     |    |     |     |      |
| DCS  |      |     |      |      | 1    | 1   |     | 1   | 1   |     |      |     |     |    |     |     |      |
| ACZ  |      |     |      |      | 1    |     | 1   |     |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| FSM  |      |     |      |      | 1    | 1   | 1   |     |     |     |      |     |     |    |     |     |      |
| MOM  |      |     |      |      |      |     |     |     |     |     |      |     |     | 1  | 1   |     | 1    |
| OHBA |      |     |      |      |      |     |     |     |     |     |      | 1   | 1   |    |     | 1   |      |
| VXC  |      |     |      |      |      |     |     |     |     |     | 1    |     | 1   |    | 1   | 1   |      |
| MYM  |      | 1   |      |      |      |     |     |     |     |     | 1    | 1   |     |    | 1   | 1   |      |
| EO   |      |     |      |      |      |     |     |     |     | 1   |      |     |     |    | 1   |     | 1    |
| MSO  |      |     |      |      |      |     |     |     |     | 1   | 1    | 1   |     | 1  |     |     |      |
| CSS  |      |     |      |      |      |     |     |     |     | 1   | 1    | 1   | 1   |    | 1   |     |      |
| RGSB |      |     |      |      |      |     |     |     |     | 1   |      |     |     | 1  | 1   |     |      |

Fonte: dados da pesquisa

O *cluster* com a segunda maior média de indicações de atores que recebem compartilhamento de informação é realçado pela cor “verde”. Esse *cluster* é formado por um conjunto de cinco atores: AJCB, BPB, DCS, ACZ e FSM que apresentam média de 3 indicações cada um. A análise dessa rede demonstra, também, que o *cluster* três, evidenciado no Quadro 6 na cor “azul”, agrupa os indivíduos que foram menos lembrados por seus colegas. Cada ator tem em média 2 indicações para receberem informações e tem como membros os atores: CAVF, JVS, LHCP e VAZP.

A matriz de similaridade apresentada no Quadro 5, é reproduzida de forma estrutural, na Figura 7. Com a análise dos dados em relação aos *clusters* presentes na turma do 4º ano, foi gerado o diagrama que mostra a disposição das concentrações dos atores por suas similaridades. Por ser uma rede pequena, possivelmente se consiga perceber de forma visual, no diagrama apresentado, os dados expostos na matriz de similaridade da turma. Pode-se observar a existência de mais linhas (conexões, ligações, vínculos, etc.) no grupo identificado em “amarelo” – *cluster* com maior média – do que no grupo apresentado em “azul” – *cluster* com a menor média – o diagrama procura complementar a análise feita na matriz de similaridade da turma do 4º ano.

Figura 7 – Diagrama dos *clusters* na turma do 4º ano

Fonte: dados da pesquisa

#### d) Centralidade de grau

Centralidade de grau pode ser entendida como o número de ligações que um ator possui com outros atores. Quanto mais ligações diretas o ator possuir, mais central ele será e assim poderá alcançar recursos na rede sem precisar passar por outros nós. Essa centralidade em termos de localização ao fluxo informacional é considerada estratégica dentro da rede. As observações das redes dos 3º e 4º anos sobre centralidade de grau são apresentadas no Quadro 6 e pode-se perceber que existem dois índices de grau em cada tabela, classificados como índice de entrada e índice de saída. O índice de grau de entrada revela a quantidade de indicações que um ator recebeu e o índice de grau de saída é referente ao número de indicações feitas por um ator (HANNEMAN, 2001).

Na turma do 3º ano, o ator LMAG fez sete indicações de integrantes com quem compartilha informação e os atores GAS, LPSL e MOC referenciaram seis membros para compartilharem informação. Esses atores representam os membros da rede que possuem maior grau de saída e podem ser encarados como atores muito influentes dentro do grupo, pois suas opiniões chegam facilmente aos atores ligados diretamente a eles (FREEMAN, 1979; HANNEMAN, 2001). São os atores que fizeram os maiores números de indicações de outros membros com quem compartilham informação.

Quadro 6 – Centralidade de grau das redes

| 3º ano |       |         | 4º ano |       |         |
|--------|-------|---------|--------|-------|---------|
| Grau   | Saída | Entrada | Grau   | Saída | Entrada |
| Ator   | ----- | -----   | Ator   | ----- | -----   |
| LMAG   | 7     | 6       | MYM    | 5     | 3       |
| GAS    | 6     | 5       | CSS    | 5     | 3       |
| LPSL   | 6     | 3       | VAZP   | 4     | 2       |
| MOC    | 6     | 4       | VXC    | 4     | 4       |
| ABMP   | 5     | 6       | DCS    | 4     | 4       |
| LMP    | 5     | 5       | AJCB   | 4     | 4       |
| ASV    | 5     | 4       | MSO    | 4     | 6       |
| HR     | 5     | 3       | OHBA   | 3     | 4       |
| ICA    | 4     | 5       | RGSB   | 3     | 3       |
| GLSB   | 3     | 2       | EO     | 3     | 3       |
| WLBP   | 3     | 2       | FSM    | 3     | 2       |
| LFFPS  | 3     | 3       | BPB    | 3     | 4       |
| OAP    | 3     | 2       | MOM    | 3     | 4       |
| JVPS   | 3     | 3       | LHCP   | 2     | 2       |
| GMJ    | 3     | 3       | ACZ    | 2     | 3       |
| JLB    | 3     | 2       | JVS    | 2     | 3       |
| LB     | 2     | 3       | CAVF   | 1     | 1       |
| GLCB   | 2     | 1       |        |       |         |
| ARCT   | 1     | 6       |        |       |         |
| COR    | 0     | 1       |        |       |         |
| VS     | 0     | 2       |        |       |         |
| MECY   | 0     | 2       |        |       |         |
| GSA    | 0     | 2       |        |       |         |

Fonte: dados da pesquisa

Ao examinarmos o índice de grau de entrada do 3º ano, é possível verificar que os atores LMAG, ABMP e ARCT receberam dos outros integrantes da rede seis indicações cada um. Isso significa que são atores prestigiados na rede, pois vários atores procuram manter laços com eles (FREEMAN, 1979; HANNEMAN, 2001). Esses são os atores mais procurados pelos membros da rede para o compartilhamento de informação. No Quadro 7 é possível notar a ausência de índice de grau de saída dos atores COR, VS, MECY e GSA do 3ºano. Esses são integrantes da turma que não compareceram no dia da coleta de dados para responderem ao questionário, mas foram indicados por seus colegas.

Com a análise feita na rede do 4º ano é possível verificar que os atores MYM e CSS são os mais representativos, pois fizeram cinco indicações com quem compartilham informação na rede. No quadro, é possível perceber que esses dois atores são os que apresentaram maior índice de grau de saída, portanto são

encarados como atores com grande “poder” e possibilidade de influenciar os demais integrantes da rede.

O ator MSO foi citado por seis participantes da rede, sendo esse o maior índice de grau de entrada da rede pesquisada. O ator MSO é o integrante mais procurado para receber informações compartilhadas dentro do grupo. Por ter sido o mais lembrado pelos colegas, esse ator é considerado um membro com bastante prestígio na rede, muitos integrantes procuram manter laços com ele, o que pode caracterizar que os outros atores o enxergam como um membro importante dentro do grupo.

A análise da rede na turma do 3º ano permitiu verificar que seis atores: LMAG, GAS, LPSL, MOC, ABMP e ARCT são considerados os mais centrais e influentes da rede. Segundo Hanneman (2001), esses atores possuem posições vantajosas por terem um número considerável de ligações diretas de saída ou entrada com outros atores, expressando certo “poder” na rede por terem a possibilidade de acessar recursos e difundir informações ao grupo sem utilizar atores intermediários para isso.

A variedade de distribuição e o grau de variabilidade podem também descrever se a população é homogênea ou heterogênea com relação a posições estruturais. Este valor é encontrado dividindo-se o desvio padrão dos graus de entrada e saída pela média desses dois graus (grau de distribuição) multiplicados por cem (FREEMAN, 1979; HANNEMAN, 2001). Na turma do 3º ano, a análise demonstrou que o desvio padrão para entrada corresponde a 1,53; para saída o desvio padrão corresponde a 2,09 e a média do grau de distribuição é de 3,26.

Os números analisados permitiram encontrar os valores de coeficiente de variação para a rede definidos em 47 de entrada e 64 de saída. O coeficiente de variação de saída é maior do que o de entrada, assim pode-se considerar que na população dessa turma há uma tendência de maior homogeneidade para receber informações do que para influenciar os demais integrantes.

Os coeficientes de variação verificados podem levar à dedução de que existe equivalência substancial dos atores na rede toda em relação à posição estrutural, sem que um ou outro ator se destaque muito na rede. Isso significa que o “poder” ou vantagens em relação ao posicionamento dos atores não estão muito presentes nessa rede (HANNEMAN, 2001). Tal dedução pode ser balizada na análise do percentual do grau de centralidade da rede que é de 14% para entrada e 19% para

saída. Esses graus demonstram baixo índice de atores centrais na rede, desse modo, existe um número pequeno de atores que possuem posições diferenciais em relação aos outros (FREEMAN, 1979).

Os resultados obtidos com a análise também demonstram que a média do grau de distribuição 3,26 pode ser considerada pouco expressiva se levarmos em consideração que para cada ator da rede do 3º ano existia a possibilidade de receber ou de fazer 22 indicações de laços para compartilhamento de informação.

Os resultados encontrados com a análise da rede da turma do 4º ano apresenta média de 3,23 graus de distribuição, também considerado baixo ao lembrarmos que a rede possui 17 nós. O desvio padrão de entrada é de 1,11 e o desvio padrão de saída é de 1,05. Esses valores permitiram calcular os coeficientes de variação, sendo o de entrada igual a 34, e o de saída 32. São considerados valores moderados que mostram que essa rede tem uma população homogênea tanto em membros indicados como importantes para receberem informação compartilhada quanto em membros que podem influenciar outros na rede por compartilharem informação de forma direta (HANNEMAN, 2001).

A análise da rede social do 4º ano possibilitou encontrar a medida de centralidade de grau de entrada - 19%, e a medida de centralidade de grau de saída - 12%, valores que também podem ser considerados percentuais baixos, exprimindo em síntese, uma quantidade pequena de atores que se destacam em relação às vantagens das posições estratégicas do fluxo de informação na rede (FREEMAN, 1979).

#### e) Centralidade de proximidade

A unidade de análise centralidade de proximidade é caracterizada como a distância de um ator em relação a todos os outros atores da rede. A medida mostra a eficiência do compartilhamento da informação sem precisar passar por muitos atores intermediários, verificando sempre o menor caminho do fluxo informacional entre os nós que se comunicam. Quanto menor o índice de centralidade de proximidade, mais um ator depende de outros atores para acessar recursos presentes na rede.

O Quadro 7 apresenta os índices de centralidade de proximidade encontrados na análise das turmas dos 3º e 4º anos. O estudo das redes mostra que o membro do 3º ano com maior centralidade de proximidade no grupo é o ator OAP, com índice

igual a 193. Os estudantes GMJ, com índices de 192 e JVPS com 188, são atores que também apresentam valores significativos de centralidade de proximidade. Na quarta e na quinta posição, com índices iguais a 183 graus, aparecem os atores LPSL e HR.

Quadro 7 – Centralidade de proximidade das redes

| 3º ano |       |                       | 4º ano |      |                       |
|--------|-------|-----------------------|--------|------|-----------------------|
| Seq.   | Ator  | Índice de Proximidade | Seq.   | Ator | Índice de Proximidade |
| 1      | OAP   | 193                   | 1      | CAVF | 82                    |
| 2      | GMJ   | 192                   | 2      | VAZP | 74                    |
| 3      | JVPS  | 188                   | 3      | LHCP | 74                    |
| 4      | HR    | 183                   | 4      | MYM  | 64                    |
| 5      | LPSL  | 183                   | 5      | CSS  | 64                    |
| 6      | WLBP  | 181                   | 6      | FSM  | 63                    |
| 7      | ASV   | 180                   | 7      | ACZ  | 61                    |
| 8      | GLSB  | 176                   | 8      | DCS  | 60                    |
| 9      | GLCB  | 172                   | 9      | AJCB | 60                    |
| 10     | GAS   | 172                   | 10     | JVS  | 60                    |
| 11     | LB    | 172                   | 11     | OHBA | 51                    |
| 12     | MOC   | 171                   | 12     | VXC  | 51                    |
| 13     | LMP   | 171                   | 13     | BPB  | 51                    |
| 14     | LMAG  | 170                   | 14     | EO   | 44                    |
| 15     | LFFPS | 170                   | 15     | MOM  | 42                    |
| 16     | ABMP  | 169                   | 16     | MSO  | 40                    |
| 17     | ARCT  | 169                   | 17     | RGSB | 38                    |
| 18     | ICA   | 168                   |        |      |                       |
| 19     | VS    | 161                   |        |      |                       |
| 20     | GSA   | 160                   |        |      |                       |
| 21     | JLB   | 155                   |        |      |                       |
| 22     | COR   | 151                   |        |      |                       |
| 23     | MECY  | 150                   |        |      |                       |

Fonte: dados da pesquisa

Os atores WLBP em sexto e ASV na sétima posição possuem índices relevantes dentro da rede, pois apresentam respectivamente 181 e 180 graus de centralidade de proximidade. Os índices mostrados no Quadro 7 evidenciam esses atores como aqueles que estão mais perto de todos os outros atores na rede pesquisada. Conseqüentemente, os sete primeiros estudantes tem a possibilidade de acessar recursos na rede por caminhos mais curtos, desse modo as informações podem chegar até eles de forma mais rápida e com menos atravessadores, sem distorção e sem estarem corrompidas, pois o fluxo de comunicação da rede para

esses estudantes precisa de menor índice de intermediação do que para os outros atores.

A análise da métrica de centralidade de proximidade na turma do 4º ano mostra que o ator CAVF tem o maior índice dessa medida na rede (82). Na segunda posição, com índices iguais, estão empatados os atores LHCP e VAZP (74). Da quarta até a sexta posição os atores CSS, MYM (64) e FSM (63) também possuem índices significativos dessa métrica na rede.

Esses seis atores são considerados os integrantes que possuem ligações mais próximas a outras pessoas dentro da rede, possibilitando a eles o acesso a recursos da rede sem se utilizarem de muitos intermediários. Na análise da rede do 4º ano pode-se perceber, também, que o ator RGSB é o que menos consegue recursos sozinho. Esse ator depende muito de outros nós intermediários para obter benefícios na rede, com isso há a possibilidade de distorção no compartilhamento de informação para o ator RGSB.

Nas duas redes pesquisadas, como apresentado no Quadro 7, é possível perceber a variação da centralidade de proximidade. No tabela do 3º ano observa-se uma variação de 43 graus entre o ator com a maior pontuação e o ator que detém a menor pontuação na medida. Os dados da tabela do 4º ano demonstram uma variação de 44 graus entre o primeiro e o último ator. Ao analisarmos a centralidade de proximidade do diagrama da rede inteira e não apenas os atores com maior e menor propensão na métrica, pode-se inferir que as duas redes apresentam disposição muito parecidas.

Os valores de variação encontrados na análise expressam que pode existir uma desigualdade muito grande na distribuição de atores que têm facilidade de acesso aos recursos e os que não conseguem acesso facilmente (HANNEMAN, 2001). Se as redes pesquisadas tivessem valores menores de variação, isso poderia significar que mais atores estariam em condição de igualdade de acesso aos recursos da rede fazendo com que as informações compartilhadas chegassem a um maior número de atores, sem sofrer interferências.

#### f) Centralidade de intermediação

A medida de centralidade de intermediação mostra o ator que tem possibilidades de acesso a recursos da rede por estar posicionado no caminho do fluxo de informação entre diversos nós da rede. Essa métrica também avalia o potencial de indivíduos que

servem para intermediar as interações. São indivíduos que podem servir como facilitadores no processo de comunicação entre os atores e podem usufruir dessa posição estratégica por estarem no percurso do fluxo informacional. Para Hanneman (2001), quanto mais indivíduos dependem de um determinado ator para fazer suas conexões, considera-se que mais poder este ator detém.

A análise da centralidade de intermediação das redes dos 3º e 4º anos permitiu a geração do Quadro 8, no qual são retratados os índices encontrados nessas turmas. Os números expressos demonstram que o ator MOC, com índice 79, pode ser um ator com grande capacidade de intermediar o fluxo de informação na rede do 3º ano. O ator LPSL, com índice 69, aparece como segundo indivíduo com maior poder de intermediação nessa turma. É possível perceber, também, que quando comparamos o intervalo entre o primeiro ator (MOC) e o terceiro (LMAG) há uma desigualdade considerável, 25 graus, o que evidencia ainda mais os dois primeiros atores (MOC e LPSL) como aqueles que detêm maior poder de mediar e monitorar as informações que fluem na rede.

Quadro 8 – Centralidade de intermediação das redes

| 3º ano |       |                         | 4º ano |      |                         |
|--------|-------|-------------------------|--------|------|-------------------------|
| Seq.   | Ator  | Índice de Intermediação | Seq.   | Ator | Índice de Intermediação |
| 1      | MOC   | 79                      | 1      | ACZ  | 152                     |
| 2      | LPSL  | 69                      | 2      | MSO  | 146                     |
| 3      | LMAG  | 54                      | 3      | VAZP | 137                     |
| 4      | LMP   | 53                      | 4      | MYM  | 130                     |
| 5      | JLB   | 52                      | 5      | JVS  | 128                     |
| 6      | ABMP  | 50                      | 6      | AJCB | 115                     |
| 7      | ICA   | 36                      | 7      | RGSB | 113                     |
| 8      | ASV   | 36                      | 8      | OHBA | 11                      |
| 9      | JVPS  | 29                      | 9      | VXC  | 10                      |
| 10     | GAS   | 28                      | 10     | MOM  | 5                       |
| 11     | WLBP  | 26                      | 11     | DCS  | 5                       |
| 12     | HR    | 12                      | 12     | CSS  | 5                       |
| 13     | GLSB  | 10                      | 13     | EO   | 4                       |
| 14     | LFFPS | 10                      | 14     | BPB  | 3                       |
| 15     | GMJ   | 9                       | 15     | FSM  | 2                       |
| 16     | ARCT  | 6                       | 16     | CAVF | 1                       |
| 17     | OAP   | 6                       | 17     | LHCP | 1                       |
| 18     | LB    | 4                       |        |      |                         |
| 19     | GLCB  | 0                       |        |      |                         |
| 20     | VS    | 0                       |        |      |                         |
| 21     | COR   | 0                       |        |      |                         |
| 22     | MECY  | 0                       |        |      |                         |
| 23     | GSA   | 0                       |        |      |                         |

Fonte: dados da pesquisa

Ainda quanto à rede da turma do 3º ano, pode-se afirmar que a diferença de poder de intermediação do terceiro ator é significativa em comparação com o primeiro, mas em relação aos atores quatro, cinco e seis, a diferença é pequena, pois o ator quatro, LMP, tem índice de centralidade de intermediação de 53, o ator cinco JLB, tem 52 de índice e o ator seis, ABMP, tem índice que corresponde a 50. De acordo com as medidas apresentadas, os seis primeiros atores são os que tiveram índices mais expressivos, por isso esses atores são considerados mais poderosos para mediar informações do que outros atores da rede, demonstrando que estruturalmente dentro dessa população eles são “destaques”, vistos como “negociadores” e que fazem as “coisas acontecerem”.

Essa distinção de atores na análise dos dados da rede permite deduzir uma ocorrência não muito significativa de indivíduos que podem tirar proveito de suas posições em relação ao fluxo informacional. A alegação pode ser complementada pelo resultado obtido na média de centralização de intermediação da rede que foi de 12%. Esse índice pode ser justificado pelo tamanho da rede que agrupa 23 membros, conforme Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) e Kadushin (2011). Em populações menores, há grande possibilidade de todos se conhecerem de forma direta ou por caminhos de fluxo de informação menores, além disso, os resultados demonstram que a rede não está totalmente conectada, uma vez que os atores: GLCB, VS, COR, MECY e GSA apresentam índice zero para grau de intermediação.

Quando a rede possibilita o fluxo de informação por vários caminhos isso torna os atores menos dependentes de outros membros. Os integrantes que aparecem posicionados em vários caminhos de fluxo informacional, de certo modo são considerados mais poderosos (HANNEMAN, 2001). As análises realizadas na rede da turma do 3º ano ajudam a exprimir a falta de um número mais expressivo de atores com poder de intermediação na rede e que os caminhos de fluxo informacional no compartilhamento da informação entre dois atores também são reduzidos.

O estudo da métrica centralidade de intermediação na rede do 4º ano aparenta uma situação idêntica à rede anterior, pois se analisarmos os dados apresentados, é possível perceber que a variação entre o índice mais baixo e o mais alto é ainda maior. Embora os cenários das redes sejam parecidos em relação ao intervalo de variação do índice, a análise aponta também algumas peculiaridades quando observados sob o prisma dos atores com maior destaque. Na rede do 3º

ano, o intervalo entre o primeiro (MOC) e o terceiro (LMAG) ator era de 25 graus. Na rede do 4º ano existe uma diferença de 24 graus entre o primeiro (ACZ) e o quinto (JVS), demonstrando que nessa rede existe uma quantidade maior de atores num intervalo menor que podem apresentar papel relevante para intermediar o fluxo da informação.

O diagnóstico de que a rede do 4º ano possui mais atores que atuam como intermediários é complementado pela média de centralidade de intermediação da rede. Se na rede do 3º ano a média era de 12%, nessa turma o resultado obtido foi de 42%. Na turma do 4º ano é possível verificar que os sete primeiros atores não apresentam valores tão esparsos como visto no Quadro 8.

Os resultados da análise indicam que em comparação com a turma do 3º ano, na rede do 4º ano o caminho do fluxo de informação entre dois atores pode ser mais numeroso, com mais opções de trajetos para percorrer e atingir outro ator. Além disso, é possível deduzir que existem mais indivíduos que podem ser considerados atores com alto grau de influência perante os demais, se apresentando como uma rede mais poderosa em termos de intermediação do que a rede do 3º ano. Os atores considerados “destaques” nessa rede e que detêm maior poder de mediar informações são: ACZ (152), MSO (146), VAZP (137), MYM (130), JVS (128), AJCB (115) e RGSB (113).

Os índices para essa métrica, encontrados na turma do 4º ano, podem ser considerados bastante significativos, pois a média de centralidade de intermediação da rede de 42% demonstra que, por não haver membros da rede com índice zero, as possibilidades de ligações e os caminhos para o fluxo da informação podem ser mais relevantes que na rede do 3º ano.

## 11 ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM AMBIENTES VIRTUAIS: GERAÇÃO Z

### 11.1 A GERAÇÃO Z E A TECNOLOGIA

Inicialmente, a análise das contribuições dos alunos no GF propiciou a percepção de que os integrantes da Geração Z acham difícil entender como as gerações antecessoras conseguiam viver sem alguns dispositivos móveis presentes em seu cotidiano como os *smartphones*. Eles não conseguem sequer imaginar como aconteciam as comunicações antes das plataformas digitais em termos de facilidade e agilidade de acesso à informação. Entretanto, os dispositivos móveis não são encarados por eles como extensão do corpo (JEANNERET, 2005), algo que não se consiga viver sem. Sua utilização é vista como uma atitude costumeira, é como se os equipamentos tecnológicos fizessem parte da rotina, estar conectado é totalmente natural e para eles não há nada de extraordinário nisso.

Quanto a estarem sempre conectados, os participantes do GF entendem que a principal questão não seja simplesmente o fato da conexão em si. As facilidades tecnológicas os deixam em contato constante com outras pessoas, a necessidade de ficar *online* grande parte do tempo decorre da sensação de proximidade com indivíduos do círculo de amizade. O sentimento da presença de alguém a todo o momento é classificado como fator preponderante e o hábito do contato virtual possibilita que fiquem sabendo dos acontecimentos ao seu redor.

O desejo de se manter *online* nasce aparentemente de uma urgência em inteirar-se de tudo o que acontece de maneira instantânea, além da existência do sentimento de solidão se lhes fossem tirados os dispositivos móveis e o acesso ao mundo digital. Todo o conjunto tecnológico que permite a rápida comunicação e o contato com várias pessoas ao mesmo tempo é visto simplesmente como uma ferramenta que lhes permite comunicar-se com indivíduos presentes em qualquer lugar.

O fato de permanecerem conectados não lhes parece imprescindível, mas se for necessário realizar alguma ação em que há possibilidade de aproveitamento dos recursos tecnológicos, não encontram motivos para não utilizar. A tecnologia é o recurso que provê facilidade para diversas finalidades. *“Não é uma necessidade, o meio mais viável que nós temos hoje em dia para compartilhar qualquer tipo de*

*informação é por meio dessas plataformas. Então eu não vejo o porquê de usar outros meios pra fazer isso” (partic. VAZP)<sup>12</sup>.*

Essa percepção pode corroborar as visões de alguns autores (CERBASI; BARBOSA, 2009; FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010; MOURA, 2009) referente às condutas da Geração Z em relação às tecnologias, uma geração categorizada por manter hábitos digitais e estar conectada boa parte do dia, com acesso constante e ágil à informação. A rapidez para os participantes do GF é o seu ritmo habitual. As informações geralmente são compartilhadas no mesmo instante em que acontecem e a tecnologia é corriqueira, fazendo parte do cotidiano:

*Creio que grande parte das pessoas não enxerga a tecnologia como algo que precisem a todo o momento, mas sim algo que não se habitua a ficar sem. Não virou uma necessidade, mas virou uma facilidade, [...] a maioria das pessoas se aproximam de quem está longe e se afastam de quem está perto (partic. MOC).*

Ao que tudo indica, utilizar a tecnologia virou um hábito entre os membros presentes no GF desta pesquisa. Não é que a tecnologia seja essencial em tudo o que se faz, mas parece inegável a noção de dificuldade em ficar sem ela, pautada principalmente nas oportunidades que a tecnologia pode proporcionar. Os participantes consideram interessante o poder de alcance e mobilidade propiciado tanto para quem envia quanto para quem recebe informações, entretanto, percebem que podem se distanciar de pessoas próximas, pois julgam passar bastante tempo em contato com os amigos no mundo digital e acabam deixando de lado a convivência com pessoas com as quais moram.

Nesta pesquisa identificou-se que o convívio com as gerações predecessoras permite que a Geração Z faça comparação de alguns de seus hábitos. Conforme explana Moura (2009), era rotina entre as crianças de gerações anteriores as brincadeiras na rua, o que foi evidenciado no GF como consenso entre os participantes:

*Via uma coisa que eu nunca mais vi, os ‘caras’ jogando futebol na rua. Eu jogava também. Todo mundo aqui já fez alguma coisa na rua. Eu tenho certeza que meu irmão não vai ter o prazer de sair na rua pra brincar com os amigos dele, e ao chegar, encontrar minha mãe brigando porque ele voltou tarde. Ele tem um ano ainda. Eu imagino que as coisas estão caminhando pra ‘galera’ ficar em casa. Eu via muita gente na rua falando: nossa quando eu crescer eu quero sair*

---

<sup>12</sup> Os participantes do Grupo de Foco serão identificados por códigos para manter o anonimato na pesquisa.

*na rua também. Eu via direto meu primo saindo também, e perguntava: aonde você vai? E ele dizia: vou dar um 'rolê' com os amigos. Ainda tem isso, só que muito menos. A gente mora em uma cidade pequena, você sai e vê poucas pessoas na rua, [...] conforme o tempo for passando isso vai piorar e as pessoas não vão querer mais sair de casa (partic. GMJ).*

A investigação mostrou que os participantes parecem estar preocupados com o distanciamento e a falta de contato pessoal entre os indivíduos. Acreditam que na infância, as gerações futuras não terão o hábito de sair de casa para algum tipo de encontro. Há uma inquietude constante de que cada vez mais as pessoas ficarão em suas casas se relacionando de alguma forma no mundo digital e, conforme a tecnologia for evoluindo, imaginam que a falta de convívio social tende a piorar.

Nas gerações anteriores as pessoas pareciam mais próximas. As redes sociais podem ter surgido porque com a crescente necessidade de se adquirir bens diante do mundo capitalista, a vida aparentemente se tornou muito mais atribulada do que outrora. O convívio social percebido há tempos supostamente foi se desfazendo pelas preocupações constantes dos afazeres diários da sociedade atual. O crescimento populacional parece também contribuir para que os indivíduos se afastem. Por haver mais contato pessoal entre os integrantes das gerações predecessoras, tem-se a sensação de que havia mais humanização nos relacionamentos, a rua da casa era ponto de encontro das brincadeiras.

Como as tecnologias digitais no Brasil ainda não estavam num estágio avançado quando os integrantes da Geração Z ainda eram crianças, atualmente eles acreditam que na infância eles mantinham hábitos que consideram pertinentes ao momento, como, por exemplo, se juntarem para jogar futebol na rua ou empinar “pipa”. Com a evolução dos meios de comunicação e dos aparatos tecnológicos, os participantes da pesquisa acreditam que as “novas gerações” provavelmente irão se distanciar dos encontros pessoais para a diversão.

Para os participantes da pesquisa, os indivíduos que agora são considerados crianças manifestam interesse no entretenimento baseado na tecnologia digital, e por já estarem acostumados às conexões do mundo virtual em grande parte do tempo, parecem não sentir a necessidade da presença física para as atividades de lazer. É o individualismo radical e apontamento das participações em comunidades virtuais sem envolvimento pessoal, sinalizados por Fernandez Del Castro (2010):

*Acho que as pessoas se afastaram por uma questão de informação. Cresceu tanto o fluxo de informação na internet que diminuiu o contato pessoal. Por exemplo, se eu for fazer alguma coisa, eu leio na internet e já pego, não preciso procurar alguém pra perguntar ou ir a um lugar como biblioteca. Então as pessoas acabam sendo mais desprendidas umas das outras. Se quero aprender algo eu não preciso ir a um especialista nisso, eu procuro na internet e me viro, vou na tentativa e erro. Acaba sendo mais fácil isso (partic. MYM).*

O mundo digital possibilita aos integrantes da Geração Z o acesso a um vasto universo de informações e oportuniza o esclarecimento sobre assuntos diversos. Devido a isso, a comunicação pessoal parece ficar em segundo plano, pois eles supõem que a quantidade de informação na internet é tão grande que encontrarão nesse universo tudo que precisam, apostam na inteligência e tecnologia para aprendizagem e desenvolvimento de atividades (FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010).

Constatou-se que ao contrário de algumas argumentações (CERBASI; BARBOSA, 2009; JEANNERET, 2005; TAPSCOTT, 2010), os participantes do GF entendem que não nasceram imersos em *bits*, avaliam que os indivíduos que nasceram depois deles é que já chegaram ao mundo em contato direto com a tecnologia digital. *“Nós somos um pouquinho antes da Geração Z então, quem nasce agora está imerso nos ambientes virtuais e nos dispositivos móveis e por isso junto com os bits, nós não”* (partic. HR). As tecnologias digitais apareceram no decorrer de suas vidas, o contato com o mundo tecnológico se deu gradativamente e foram se adaptando aos novos conceitos de comunicação e acesso à informação:

*Essa geração que está chegando que é a Geração Z. Eu acho que a maioria aqui teve infância sabe, já brigou também. Hoje em dia a molecada é como eu falei, eles vão combinar de fazer algo e fica todo mundo em uma casa no computador. Então eu acho que ainda não teve essa mudança. Meu irmão pegou a época do celular que já faz tudo, não aquele celular que servia só pra telefonar. Isso que é uma diferença de cinco anos eu e meu irmão (partic. MYM).*

*Eu também concordo com isso. Essa geração que está agora que é a Geração Z, porque quando eu era criança, eu não tinha essa relação tão forte com a tecnologia. Hoje eu vejo meu primo que só tem dois anos, já sabe mexer em todos os equipamentos, tablet, celular, computador, isso comigo não existia. Eu fui conhecer isso quando eu tinha uns sete ou oito anos. Então eu acho que a Geração Z é essa que nasceu agora sim (partic. LMAG).*

*Nós viemos depois do ‘boom’ da internet, dos fóruns, mas nós não tínhamos acesso. A tecnologia era muito cara e a gente então tinha que sair para brincar. Hoje em dia percebemos que uma criança sabe ligar um computador, mas não sabe andar de bicicleta, pelo fato da tecnologia ter evoluído. Hoje em dia muita gente mora em apartamento, as crianças nascem e ficam sozinhas, e vão para o celular, ou até mesmo os pais dão celular na mão pra criança não*

*ficar fazendo birra. Então a gente nasceu nos bits, mas essas crianças nasceram, estão crescendo e vão morrer neles, a gente ficou meio fora (partic. MOC).*

*Eu fui ter internet em 2012. Aí eu fiquei – vão colocar internet em casa, nossa! – eu fui bem atrasado (partic. CSS).*

*Não acredito muito que a gente nasceu imersa nos bits. Eu lembro que na minha infância era TV de tubo, rádio, essas coisas. O celular foi surgir pra mim muito tempo depois. Eu estava acostumada a brincar, se machucar, correr por aí, não tinha um celular comigo o tempo todo. Não sabia nem o que era isso há pouco tempo atrás. Internet, essas coisas surgiram há pouco tempo pra gente (partic. ACZ).*

Cabe-nos uma ressalva de que a categorização das gerações (CERBASI; BARBOSA, 2009; JEANNERET, 2005; TAPSCOTT, 2010) se baseou em uma realidade encontrada em países desenvolvidos. Talvez a realidade brasileira que se apresenta seja distinta da que os autores fundamentaram em suas pesquisas, assim como em outros países também seria, pois cada nação tem sua peculiaridade. A mesma situação pode ocorrer na cidade em que foi feita esta pesquisa. O desenvolvimento tecnológico e social em Jacarezinho provavelmente não é similar às grandes metrópoles como São Paulo ou Rio de Janeiro, por isso as particularidades apresentadas, aqui, dizem respeito aos cenários em que a pesquisa se desenvolveu.

Diante disso, uma constatação unânime neste trabalho é de que o acesso à tecnologia para os integrantes da Geração Z não era tão fácil, os preços elevados não permitiam que grande parte da população obtivesse aparelhos digitais sempre que quisesse. Aparentemente, as crianças de hoje têm possibilidade de adquirir os *smartphones* de forma menos complicada, pois segundo Fernandez Del Castro (2010), a Geração Z chegou ao mundo em pleno pico da era do consumo.

Um dado importante também percebido na pesquisa em relação ao contato com as tecnologias foi a importância que a Geração Z dá aos aparatos tecnológicos. Quase a totalidade dos participantes argumentou que enquanto não se tem a tecnologia, ela não parece tão importante, porém depois que se tem o primeiro aparelho é difícil se acostumar a ficar sem, mas não apenas pelo dispositivo e sim pela ausência de comunicação e acesso às informações que a falta do aparelho pode causar.

Na concepção dos pesquisados, ficar de fora dos acontecimentos e sem receber as informações pode lhes acarretar prejuízos. As informações são

compartilhadas nas redes sociais, o compartilhamento é constante e, para ficar por dentro dos acontecimentos, o sujeito precisa estar conectado. O próximo ponto a ser discutido ilustra como essa geração, em contato frequente com dispositivos de acesso a informação, participa dos contextos oferecidos pela tecnologia.

## 11.2 A PARTICIPAÇÃO NAS PLATAFORMAS INFOCOMUNICACIONAIS

As plataformas infocomunicacionais fazem com que o compartilhamento de informação se torne muito mais ágil. O conjunto dos dispositivos móveis e os aplicativos de comunicação instantânea permitem receber e mandar informações facilmente. Os novos meios de comunicação trazem ganhos significativos sob vários aspectos. Não há desperdício de tempo, é possível se comunicar com várias pessoas em questão de segundos e o custo é baixo.

Em algumas plataformas você pode mostrar o que você não é, além disso, pode também expor a vida pessoal de uma forma exagerada; outras plataformas lhe permitem a comunicação mais direta. Assim como o Orkut<sup>13</sup>, em termos de comunicação o Facebook parece ser encarado com certa desconfiança pelos participantes do GF. Para eles existe uma “pseudo” vida nessa plataforma que é capaz de retratar sentimentos e atitudes irreais nas relações. Os participantes do GF entendem que, embora não se possa generalizar, muito do que é reproduzido e compartilhado não representa a realidade:

*Existe muita ostentação no Facebook, cria-se um mundo paralelo e tudo que se faz é exposto lá. Cria-se uma espécie de ‘fazer inveja’ aos outros. Quando uma pessoa está em algum lugar e compartilha aquilo, os seus amigos comentam – olha fulano está lá em tal lugar – existe uma ponta de inveja sim. Então parece que perdeu um pouco o sentido de compartilhar coisas importantes lá, meio que banalizou a plataforma (partic. MSO).*

*Nesse lance da pessoa querer expor algo mais do que ele é no Facebook, muita gente também acaba tirando os pés do chão e sonha muito alto, começam a achar que é algo que não é. Isso sem contar, também, que essa comunicação muito rápida e fácil está acabando bastante com a comunicação real (partic. GMJ).*

Há conformidade nas opiniões do GF sobre a agilidade no compartilhamento de informações além de se conseguir concentrar o compartilhamento de várias outras coisas como um documento, por exemplo. “Talvez não seja tão ruim, algumas pessoas acabam utilizando a plataforma para se soltarem mais e ficar mais a

---

<sup>13</sup> Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014.

*vontade. É uma questão de como se faz o uso da plataforma, assim como a Internet, tem coisas boas e tem coisas ruins” (partic. VAZP).* Encontramos considerações a favor e contra as plataformas no que tange ao conteúdo compartilhado. Os participantes compreendem que depende muito de como a pessoa utiliza, mas todos foram unânimes em admitir que a simplicidade e rapidez com que se pode ter acesso à informação é bastante salutar, algo que não era possível há algum tempo.

Pelas manifestações dos participantes da pesquisa, pode-se inferir que consideram que as plataformas infocomunicacionais precisam ser utilizadas com cautela, sem se deixar alienar para não perder o limite de uso e esquecer que existem pessoas a sua volta e que os indivíduos não estão somente nos ambientes virtuais. Entendem que por mais que exista interação nesse meio, há todo um sistema escondido que pode estimular a estarem presentes ali por interesses de alguns, seja para rastrear seus passos no mundo digital, seja para ver os seus comportamentos de compras, ou seja, há sempre uma vantagem que querem tirar dos usuários:

*A informação no Facebook já está se perdendo um pouco, porque agora eles direcionam os anúncios dos produtos que eles acham que você vai gostar. Fica uma troca entre pessoas que compartilham a mesma ideia, não é então comunicação, mas uma exposição de algo mais repetitivo (partic. CSS).*

Também visualizamos a questão da volatilidade de mudança entre os diversos meios de comunicação. Um número expressivo de participantes do GF entende que trocam de plataforma para ficar em contato com a “maioria”. A Geração Z parece não se apegar a determinada plataforma. Para eles, se surgir outro aplicativo mais interessante, indubitavelmente farão a migração. E não é apenas essa questão, pois se muitos usuários de uma plataforma começam a aderir à outra, para que seja possível manter o relacionamento, geralmente os outros elementos também adotam a mudança. Um exemplo disso é argumentado por MSO, ao explicar que “[...] a gente muda também por necessidade de não ficar fora do grupo, de perder os contatos. Não que a gente seja influenciada pelos outros, mas se a maioria vai, nós vamos também por isso”.

Outros exemplos para a falta de apego às plataformas podem ser encontrados nas palavras de HR e MOC. O participante HR explica que: “[...] com o Whatsapp eu não me acostumei e o Facebook eu não curti, só estou por causa dos contatos mesmo. Acho que vai surgir uma coisa mais legal, mais interessante e a

*gente vai trocar”.* MOC argumenta que já percebe uma migração para outras plataformas e explica: “[...] o Twitter já substituiu muita coisa do Facebook. Muita gente já migrou do Facebook. Eu uso só o Twitter. Agora que o Twitter incluiu que você pode mandar mensagem privada e tudo mais, muita gente não vê o porquê de usar o Facebook”.

*Antes tinha só o Facebook, aí começou o Instagram, porque antes as pessoas só mantinham contato pelo computador, então ficava todo mundo no ‘Face’. Aí veio o celular e criou a facilidade de postar fotos, caiu o ‘Face’. Depois veio o Whatsapp e já diminuiu a conversa pelo Facebook. Depois vem o Twitter e já diminuiu também. Então eu acho que o Facebook ficou como só mais um dentre todos, ele foi o pioneiro, mas se surgirem outras a gente vai mudando sim (partic. MYM).*

Talvez a impaciência e o imediatismo (FERNANDEZ DEL CASTRO, 2010; MOURA, 2009) destacado para os indivíduos dessa geração possam ser percebidos nas palavras dos participantes do GF, pois quanto mais rápido se consegue manter os contatos e acessar a informação, melhor parece ser, fatores considerados primordiais pelos integrantes da Geração Z nesta pesquisa. Dessa forma, entende-se que o modo e em quais dispositivos as interações acontecem não apresentam tanta relevância. Ficou explicitado que as plataformas podem ajudar no acesso a informações consideradas importantes, como assuntos ligados ao estudo, e que a volatilidade e o imediatismo das mudanças surgem também do sentimento de medo de ficar sem receber tais informações.

Todos os participantes da pesquisa concordaram que as propagandas nas plataformas incomodam, fazendo referência ao Youtube. Tudo que colabora para a demora de acesso à informação, também contribui para a depreciação da plataforma. “*Antes não tinha propaganda e agora ficou bem pior, mas continua sendo usado. Mas com o passar do tempo, vai ficando esquecido*” (partic. MYM). Existe o entendimento coletivo do GF que a utilização da plataforma para cada fim específico pode direcionar o usuário em suas escolhas, como se houvesse uma espécie de divisão de condutas em relação aos tipos de conteúdos compartilhados:

*A maioria das pessoas que eu conheço, gosta mais de dividir bem aquilo que elas gostam de postar e fazer. Então os meios de comunicação que agregam, por exemplo, foto, texto, etc., tudo junto, acabam se tornando obsoletos e as pessoas partem para aplicativos específicos. Então o Instagram, eu uso só para fotos, Twitter só para ver status, porque o próprio Facebook já tinha o chat em texto e mesmo assim ele acabou adquirindo o Whatsapp, porque é um aplicativo específico para a troca de mensagens. Então a minha*

*visão é essa, as pessoas estão migrando para aplicativos específicos, para cada funcionalidade que elas desejam (partic. VAZP).*

*Eu usava bem mais o Facebook e depois que eu comprei o celular eu tive uma gama muito grande de opções, dá pra você escolher aquilo que você quer. Então meio que eu fui dividindo. Agora por exemplo, no Facebook eu quase não converso, eu vou mais pelo Whatsapp. Filtra mais as informações em um ou em outro aplicativo, porque têm vários. Mas é normal, se aparecer outro e os contatos forem pra lá, a gente muda também (partic. LMAG).*

Visualizamos na pesquisa que a rede pode causar esse sentimento de necessidade de se adaptar ao grupo. O estudo apontou também que a utilização das plataformas está relacionada à necessidade que determinado ator sente de pertencimento à turma. Desse modo, a rede pode influenciar as migrações e a própria necessidade de utilização pode ser encarada como um tipo de influência. A maioria concordou que é uma via de mão dupla, não é somente a influência nem somente a necessidade, entendem que é difícil apontar apenas uma das causas para as constantes mudanças de plataformas. Ao que tudo indica, as duas circunstâncias parecem contribuir para as migrações:

*[...] é a mesma ideia de você ficar de fora de um grupo por causa do dispositivo. Você vai acabar usando um aplicativo novo porque todo mundo usa, não é por que você está se sentindo excluído. Mas você vê que é uma novidade e diz – Ah! Vamos ver – se a pessoa gosta continua ou sai, ou fica só pra não se sentir sozinha. Mas é muito de alguém estar usando, aí tipo, você fica sabendo, pra não ser o único que não conheça pelo menos, então você testa. Então, eu acho que não necessariamente, ‘Maria vai com as outras’ é ruim, torna-se uma necessidade que só leva você a conhecer outras coisas (partic. MOC).*

A utilização das plataformas também foi classificada por sua importância e pelos tipos de pessoas com as quais os pesquisados se relacionam. O Facebook, por exemplo, é utilizado para assuntos mais gerais, algo que pode ser importante, mas que se não for visualizado, não tem problema. O e-mail é um meio de comunicação conceituado como “mais formal”, utilizam quando remetem destaque ao assunto, fazem uso para se comunicar com pessoas que consideram que devem “conversar” de maneira diferente, como por exemplo, para falar com um professor. O estudo aponta que há o entendimento de ampla maioria dos participantes que as comunicações não dependem simplesmente da tecnologia, a afinidade com quem você se comunica é fator determinante no uso do meio escolhido.

Percebemos, assim, a compreensão dos integrantes do GF de que a tecnologia da informação e comunicação encurta distâncias e tem o poder de interligar muitas pessoas. A informação circula rapidamente, com facilidade de transitar por diversas plataformas, permitindo ao indivíduo escolher dentre as várias opções de meio comunicacional aquela que se encaixa melhor para determinada função.

Nesse sentido, entendemos que os participantes da pesquisa estão em conformidade com alguns autores (BARROS; LEHFELD, 2007; GASQUE, 2012; LÉVY, 1999) ao reconhecerem que a tecnologia aparentemente circunda as condutas sociais e que pode ser uma tarefa muito difícil prever quais serão as revoluções vindouras, tanto na comunicação quanto nas práticas, em relação às plataformas, pois os usuários podem desenvolver maneiras distintas de uso e compartilhamento da informação. Igualmente, o assunto seguinte a ser destacado neste trabalho refere-se à temática das formações em rede para propagação e acesso à informação.

### 11.3 O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM REDES SOCIAIS

O compartilhamento de informação em redes sociais acontece constantemente e vai se desenhando conforme a rede se movimenta em relação às atuações dos envolvidos diante dos interesses e acontecimentos no grupo. As redes são formações próprias do ser humano. Que as utilizam como estratégias para compartilhar informação por meio dos relacionamentos de seus integrantes. O crescimento exponencial das possibilidades de acesso à informação, o avanço tecnológico e as condutas da sociedade podem influenciar os costumes dos indivíduos e suas particularidades, assim, a absorção da informação compartilhada está atrelada ao entendimento do receptor e de algum benefício frente às relações (TOMAÉL, 2005; TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

A pesquisa mostrou que dentro das redes sociais digitais existe o compartilhamento dos mais variados tipos de informação. Os integrantes do GF categorizam algumas dessas classes como informações “importantes” e outras como informações que “não interessam”. As informações conceituadas como “importantes” geralmente são aquelas que chegam aos grupos cujo objetivo é realmente a tratativa de assuntos considerados sérios. São informações que quando compartilhadas receberão a atenção de seus integrantes. Informações classificadas como “não

interessantes” normalmente são apenas visualizadas, não lhes sendo dada muita atenção, na maioria das vezes sequer são lidas integralmente.

Para eles, a atitude tomada em relação ao recebimento de uma informação compartilhada é consequência da finalidade de formação e interação do grupo. A transcrição, a seguir, mostra o pensamento de um dos participantes sobre a questão dos tipos de informação tratadas em cada círculo: “[...] esse negócio aí depende muito do grupo. Tem grupo que é só “zoeira” e tem grupo que é focado. No grupo de “zoeira” você vai ler uma ou outra mensagem, agora, nos grupos – vamos dizer – mais formais, a gente lê tudo” (partic. MYM).

Outra afirmação que aparentemente confirma a existência dessa diferenciação pelos participantes do GF é encontrada na menção de CSS ao discorrer: “[...] é só pra quem tem paciência. Você entra lá no grupo e tem duas mil mensagens, ninguém lê. Se você não tem tanto tempo disponível pra ficar perdendo com “zoeira”, você vai direto no grupo que só vai ter coisa séria, só informações realmente importantes”.

Pode-se deduzir que em algum momento o modo como as plataformas apresentam as preferências dos usuários pode restringir os conteúdos compartilhados por tema de interesse. No fragmento da transcrição a seguir, um dos participantes menciona como a restrição pode acontecer: “[...] eles se baseiam nas coisas que você curte pra montar o seu feed, [...] vão te mostrando sempre a mesma coisa que acham que você gostaria de ver” (partic. CSS). O mesmo participante argumenta: “[...] se você curte alguma coisa de política, de uma parte, geralmente vai aparecer mais coisas relacionadas a isso”, assim, pode-se inferir que aparentemente as plataformas também podem influenciar “no que compartilhar” por direcionarem os conteúdos que são apresentados aos usuários.

Na ARS feita neste estudo percebeu-se que as informações referentes a humor são frequentes nas diversas plataformas. Como a maioria dos compartilhamentos é geralmente feita com amigos ou colegas, os participantes do GF acreditam que a descontração ajuda a manter a amizade e consideram que é um tipo de lazer que surgiu com a tecnologia digital. Os integrantes da reunião concordaram que, mesmo nos momentos em que estão tratando de algum assunto considerado importante, acham agradável um momento para relaxar, declaram que ajuda a aliviar um pouco a tensão.

Também visualizamos no estudo grande ocorrência dos benefícios em compartilhar informação. A formação de comunidades em rede nos ambientes digitais pode facilitar e agilizar as comunicações, permitindo ainda que as pessoas se articulem para ter acesso a novos conhecimentos e também possam contribuir ao compartilhar suas experiências (BRAMBILLA, 2011; KLEINBERG; LIGETT, 2013; ROCKENBACH; SADRIEH, 2012).

As percepções dos integrantes do GF parecem em consonância com Tomaél (2005). A existência dessa partilha de informações consideradas importantes é algo extremamente vantajoso para o indivíduo, pois o acesso às informações pode favorecer o desenvolvimento tanto individual quanto do grupo. Nessa mesma linha, a pesquisa mostrou a incidência do entendimento de que o próprio ato de compartilhar informação já é um ganho primoroso. Opiniões semelhantes às reflexões de que as tecnologias, sozinhas, não representam as revoluções. O que caracteriza os avanços são as possibilidades que elas proporcionam, dentre elas a transformação do “conhecimento central” para o “conhecimento plural”, viabilizada pelo compartilhamento da informação nas redes sociais (BARROS; LEHFELD, 2007; CAPRA, 2008; CASTELLS, 2005; LÉVY, 1999):

*[...] eu ‘tô’ entendendo. Tipo assim, a gente ganha sim em compartilhar, ganha quando ajuda alguém e ganha quando é ajudado. Às vezes a gente compartilha um exercício e ajuda um monte de gente, e sempre acontece isso, outra pessoa pode postar e me ajudar. É muito bom isso e com a tecnologia é mais fácil ainda, você não precisa nem se reunir (partic. ACZ).*

*Essas coisas podem acontecer em qualquer lugar. A gente fala bastante de coisas da escola porque a gente vive mais isso ‘né’, então é por isso, mas dá pra imaginar essas coisas rolando no trabalho, no grupo da igreja, nas instituições, ‘sei lá’, em um monte de lugar. É muito interessante isso, eu não tinha olhado esse lado da gente se ajudar (partic. HR).*

Nesse sentido, percebe-se a assimilação por parte dos alunos sobre o compartilhamento de informação nas formações em rede. Embora aparentemente ainda não tivessem constatado o poder dessa prática, é inegável o conhecimento da maioria de que as redes sociais são um instrumento importante de organização coletiva. Compreendem também que por meio do compartilhamento de informações os indivíduos são capazes de se mobilizar em função de assuntos específicos, evidenciando essa realidade nas formações sociais contemporâneas e destacando a informação como fonte crucial para a cultura compartilhada, percebida até nas interações com o Estado (CAVALCANTE, 2012; MARTELETO, 2001).

A formação de redes promove os relacionamentos, mas pode não determinar as interações que se caracteriza como “algo mais” perante os contatos do ator no grupo. Na sequência, apresentamos o apanhado das redes dos 3º e 4º ano sobre esta temática.

#### 11.4 INTERAÇÕES SOCIAIS EM REDES

A ARS demonstrou que os integrantes da Geração Z, participantes desta pesquisa, julgam ter o costume de se relacionar por meio virtual, mas também não dispensam o contato presencial. Os alunos acreditam que as relações com os colegas ajudam a estabelecer padrões de conduta dos atores que fazem parte da rede, resultados que parecem em conformidade com o que preconizam Marteleto (2001) e Requena Santos (1989).

Nesse sentido, ao analisarmos as posições e interações entre os atores dessas redes sociais pertencentes à Geração Z (MARTELETO, 2010), encontramos um conjunto vasto de mediações presentes nos processos de produção, compartilhamento e apropriação de informações. A pesquisa aponta que, conforme explana Requena Santos (1989), as interações por contatos pessoais e virtuais dentro do grupo são consideradas padrões impostos pela sociedade, nesse caso mais pela organização estrutural da maioria das escolas (alunos agrupados em salas de aula), do que qualquer outro fator:

*[...] a maioria das pessoas que nós marcamos lá são membros da sala, a gente convive, então lá tem sempre o contato face a face. Mas as ferramentas estão aí, certo. Acho que não tem nada melhor do que você conversar com uma pessoa, prestar atenção no tom de voz, olhar no olho da pessoa, fazer alguma coisa, como cumprimentar ou dar um abraço. Por mais que a tecnologia está avançando, colocando as pessoas em uma zona de conforto e tirando elas do contato face a face, acho que não seria algo que eu vá trocar só pelo contato virtual, porque acho que todo mundo gosta ainda de ter um contato face a face (partic. GMJ).*

Pode-se perceber que algumas opiniões no GF confirmam a análise feita na ARS sobre a grande quantidade de ocorrências de interações em plataformas virtuais e também por contato pessoal. Poucos pesquisados apontaram apenas interações em ambientes digitais como principal forma de comunicação e o GF possibilitou o entendimento dessas posturas. É inegável que a configuração das redes facilita o contato pessoal, mas as interações pessoais surgem não apenas por conta da organização social em que se apresenta a escola. Ao que tudo indica

ainda, há uma preocupação muito grande por parte dos integrantes da Geração Z, participantes desta pesquisa, em se fazer presente fisicamente em “muitas relações”.

A situação de estarem reunidos em local conjunto permite que eles conversem pessoalmente, mas o grupo foi unânime ao admitir que as interações virtuais também podem aproximar as pessoas. Para os participantes do GF, há diferenças perceptíveis nos dois modos de interagir, os relacionamentos mantidos prioritariamente em ambientes virtuais não são consideradas relações próximas, existe interação nesse tipo de arranjo grupal, mas elas são mais sutis, parecem inferir menos comprometimento aos integrantes da rede.

Relações que estão presentes nos ambientes digitais, mas que também são mantidas por meio dos contatos pessoais, são classificadas pelos integrantes da pesquisa como relações fortes. Esses encontros que acontecem pessoalmente entre eles parecem permitir a ocorrência do *networking* (KADUSHIN, 2011) dentro da rede, pois admitem que parece existir maior grau de importância nessas interações.

Na transcrição, a seguir, um dos participantes do GF menciona o entendimento das diferenças de interações percebidas por eles: “[...] *a minha galera da oitava série, depois que a gente se separou eu não tive tanta comunicação pessoal, o tempo foi passando e a amizade foi enfraquecendo. A gente se comunica pelo celular, mas não é a mesma coisa que o pessoal da sala que a gente encontra. Aqui é muito mais forte*” (partic. MYM). Os contatos face a face ajudam a perpetuar a amizade, fazendo com que os vínculos sejam mais fortes e o mundo digital parece servir mais para a manutenção dos contatos:

*Tenho a concepção de que essa parte do face a face, ela ajuda mais pra realçar, ou então criar intimidade com uma pessoa. Até a oitava série, eu tinha meus amigos lá na minha cidade e quando eu vim pra cá, nenhum deles vieram. Então se não fossem essas plataformas, eu não falaria mais com eles, só foi por causa das plataformas que eu continuo trocando ideias com eles e de vez em quando a gente se encontra. Só que aqui é diferente, os contatos diários que acontecem faz a amizade da gente ficar mais forte. Se não fosse isso seria a mesma coisa que os amigos de lá, só pela internet (partic. VAZP).*

Os integrantes da Geração Z que participaram da reunião do GF confirmam que as interações em rede são mais valiosas quando acontece o contato pessoal. Há o entendimento que muitas relações pautadas apenas nos meios digitais são apenas formalizadas pela facilidade em se encontrar alguém, em se fazer um pedido

de amizade, entretanto a maioria delas permanece estática, sem muito envolvimento.

Talvez aqui possa se fazer um parêntese em relação às definições de redes sociais. No campo social, as redes são vistas como os processos interativos e as associações em grupos (FONTES, 2012) como espaço comunicacional, como formas de ações coletivas e culturais ou ainda como aglomerações que compartilham informações de interesse comum (MARTELETO, 2010). Trabalhar com a ideia de redes sociais remete o vínculo à ideia de informação (ACIOLI, 2007).

Por isso, entende-se que as definições empíricas sobre redes sociais encontradas na sociedade parecem bastante equivocadas, pois, aparentemente, as redes se tornam sociais quando agregam os agentes: pessoas, informações e interações. A falta de um desses itens supostamente deprecia o caráter de envolvimento pregado nas definições de redes sociais. Quando instigados à perspectiva de que as interações é que podem conferir o *status* de redes sociais ao agrupamento de indivíduos, os alunos admitiram que nunca tinham pensado nas plataformas sob este ângulo:

*Nesse contato face a face, você vê a expressão da pessoa, você vê na hora o que aquela pessoa pensa ou o que ela vai achar de tal coisa. Agora, na rede social não, tipo, você manda e você não sabe no que a pessoa está pensando, o que ela achou. Não tem noção de nada disso, nem sabe se ela se interessou por aquilo. A gente compartilha, mas interação nem sempre rola (partic. ACZ).*

Os participantes da pesquisa compreendem que as tecnologias possibilitam novas oportunidades de relacionamentos para diversas finalidades. As redes sociais são espaços onde é possível interagir, trocar experiências, angariar novos conhecimentos, entretanto os integrantes do GF relatam que, diante de tudo que é comentado sobre o que a tecnologia pode proporcionar em termos de alcance e quantidade de pessoas, as interações talvez pudessem ser maiores e mais efetivas. Em contrapartida, explicam que é difícil fazer com que todos os relacionamentos nas redes sejam efetivos, pois como existem muitas pessoas, não ficam lembrando de alguém específico quando compartilham informações. Os argumentos apresentados foram sempre os mesmos, ou seja, as interações acontecem particularmente com pessoas mais próximas, com as quais julgam ter maior afinidade.

Diante do que imaginam os participantes do GF, parece que o aporte sobre redes sociais (ACIOLI, 2007; FONTES, 2012; KADUSHIN, 2011; MARTELETO, 2010; REQUENA SANTOS, 1989) deve ser claramente encarado como um liame

mais profundo das relações. A designação social ao termo redes, nesse caso, parece atrelada à interatividade dos elementos que a compõem. Alimentação e retroalimentação de um sistema em constante movimento – o *networking* – mostram que não são meras conexões entre participantes de um grupo que forma a rede social, a simples ligação talvez não torne e nem preserve uma relação considerada interativa entre atores dessa rede.

Percebe-se que o primeiro passo para que as ações coletivas possam se realizar é agrupar pessoas com objetivos comuns, na realidade formar uma rede social através dos contatos de cada ator. Em um segundo momento, compartilhar as informações pertinentes e fundamentadas para que todos se reconheçam como partes inerentes ao grupo e se tornem peças fundamentais nas realizações dessa rede. As realizações conjuntas da geração estudada neste trabalho têm enfoque no próximo tópico.

#### 11.5 AÇÕES COLETIVAS COADUNADAS

A respeito da indagação se o compartilhamento de informação nas plataformas digitais pode perpetuar as ações coletivas, percebeu-se no GF a presunção de que a coletividade não nasce apenas das formações de rede nos ambientes virtuais, está mais ligada a uma questão de interesse em participar, em estar presente na atividade. Um grande e variado número de ações são manifestadas por meio das redes sociais digitais. Há um alcance enorme de compartilhamento das proposições, mas mesmo que se atinja um número considerado relevante de pessoas, não são todos que se envolvem de maneira efetiva.

O que ficou evidente na pesquisa é que as ideias compartilhadas nas redes partem de um consenso, mas só se tornam coletivas quando todos aceitam e participam, realmente, das ações. As mobilizações coletivas só terão força se houver esse comprometimento de grande parte dos indivíduos que receberam a informação, pois se poucos aderirem, provavelmente nada vai acontecer.

*Mesmo atingindo um número expressivo de agentes, as coisas só vão ganhar força quando a cooperação de todos vem ajudar, senão é só mais uma informação que foi compartilhada. É uma questão de se interessar pelo que está acontecendo no grupo. Se poucos estão participando, não vai conseguir ir pra frente, por isso, as ações coletivas dependem muito da colaboração da maioria. Se tudo parece parado realmente as coisas não acontecerão (partic. OAP).*

Percebe-se que as ações coletivas são pautadas no ser humano e não nas tecnologias. Independente do poder que as redes sociais digitais possam promover em termos de alcance comunicacional, o fator preponderante nesse processo ainda são as pessoas. As perspectivas adquiridas no GF parecem em consonância com as reflexões de que os meios de comunicação são inerentes à sociedade. As tecnologias são elementos que viabilizam a comunicação, mas são influenciados por diferentes fatores sociais e culturais. Outrossim, constatou-se na pesquisa que as mobilizações coletivas parecem depender de requisitos essencialmente humanos, alicerçados claramente em função de um propósito e do interesse de cada indivíduo (JEANNERET, 2005; LÉVY, 1999; MARTELETO; COUZINET, 2013).

Nesse sentido, Lévy (1999) e Sodré (2002) corroboram os resultados obtidos no GF sobre a percepção de que nos processos de compartilhamento de informação nas plataformas digitais não se pode simplesmente excluir o ser humano, imaginando que a tecnologia seja protagonista, amparada exclusivamente nas velocidades de transmissão e possibilidades de alcance. A coletividade só é possível a partir do sujeito e suas afinidades e não das ferramentas, além disso, as formações em rede não são novas ou derivadas da tecnologia (ELIAS, 1994; MARTELETO, 2001).

Há também entre os participantes o pensamento harmônico de que as redes sociais nas plataformas digitais podem ajudar nas mobilizações. Ainda que dependente da adesão dos indivíduos, acreditam que quando há uma convergência de perspectivas em prol do ganho coletivo, as possibilidades de ações são bem maiores. O compartilhamento de informação pode acarretar em ações coletivas, mas a causa deve estar bem fundamentada:

*Está gerando sim. Inclusive há esse movimento aqui na cidade - Todo Poder Emanar do Povo - querendo que os vereadores diminuam os salários, e foi mobilizado quase que cem por cento pelo Facebook. Disseeram que foi divulgado nas ruas também, mas eu particularmente não vi, só vi pela rede. É algo que interessa muita gente, acho que é por isso que deu certo também (partic. GMJ).*

*Falando em mobilizar, tem o movimento daqui da cidade, mas tem também, por exemplo, em 2013 as grandes manifestações que começaram com o aumento das passagens em São Paulo. Eles mobilizaram milhões de pessoas pelo Brasil, o que provavelmente se não fosse o auxílio de você criar eventos pelo Facebook, isso não seria possível. Você levar milhões de pessoas em frente ao planalto em Brasília. Então tipo assim, o Facebook, por mais que atrapalhe algumas e ajude outras pessoas, ele tem essa força de conseguir atingir muitas pessoas, ele consegue fazer com que pessoas desconhecidas se unam por uma causa específica (partic. MOC).*

Para os participantes do GF, as fundamentações não precisam ter caráter científico, podem estar baseadas nos saberes, necessidades e práticas populares, principalmente se os eventos em torno de determinado assunto forem recorrentes e já compartilhados muitas vezes, mesmo que em localidades distantes. Os resultados compartilhados podem inspirar as coletividades (BARROS, 2009; CHAVEZ-TAFUR, 2007), por isso, o sucesso das experiências vividas quando expostas a um grande número de pessoas parece despertar o sentimento de relevância que os temas precisam ter para suscitar as ações conjuntas.

Nesse sentido, o estudo está em conformidade com as alegações de que a sistematização possibilita a valorização do conhecimento local quando os sujeitos passam a integrar movimentos ou práticas sociais que julgam importantes. São redes de experiências compartilhadas que podem gerar redes maiores de conhecimento e ações, baseadas em informações que agregam sentido aos vários contextos, vindas de reflexões coletivas intencionais e atividades comunitárias (BARROS, 2009; BARROS; LEHFELD, 2007; CAPRA, 1996):

*Um dia eu faltei e teve matéria de prova. No outro dia eu pedi ajuda para um amigo e ele me mandou um vídeo me explicando como fazia determinada conta. Então nisso, eu já aprendi. Acho que ele aprendeu me explicando e eu aprendi com a explicação. Fazemos isso diversas vezes, e não é só comigo, a gente se ajuda pra 'caramba'. Talvez isso não seja uma ação coletiva, mas parece que todo mundo ganha, então pelo menos é um ganho coletivo, porque é um tipo de engajamento, interesse em aprender (partic. LMAG).*

*Será que não é coletividade? Se a gente faz isso pra estudar a gente pode fazer também pra um monte de coisas. Eu acho que é uma ação coletiva sim. Um fez um exercício e explica para a sala inteira. Outra pessoa consegue fazer outro exercício, aí vem e ajuda, como é o caso da nossa sala (partic. MSO).*

*Quando tem, sei lá, uma lista de exercícios, de física principalmente, a gente resolve junto. Todo mundo é beneficiado, e quando a gente consegue ajudar é muito legal também (partic. HR).*

Para Elias (1994), o que permite a transformação do sujeito singular em sujeito coletivo são os relacionamentos, não apenas o sentimento de pertencimento ao grupo, mas a consciência de participar e ajudar pode suscitar a transição do individual para o coletivo. Nesse sentido, o *networking* defendido por Kadushin (2011) parece ter o poder de potencializar as ações conjuntas percebidas por essa geração. Se o indivíduo está comprometido e percebe que integra o mecanismo, compartilhar informação e conhecimento pode fortalecer os relacionamentos,

transformando o ser individual em cúmplice da rede, por isso o contexto empregado à informação parece essencial (BARROS; LEHFELD, 2007).

Percebe-se que os pesquisados direcionam o pensamento de que as ações coletivas advêm das percepções e interesses individuais e ainda que os meios de comunicação digital ajudam sobremaneira no compartilhamento da informação. A formação de um *corpus* robusto capaz de mobilizar efetivamente os diversos agentes, também passa pelo sentimento de integração, utilidade e desejo de alcançar os objetivos das ações propostas.

Nota-se nos integrantes da pesquisa forte tendência em vincular uma percepção individual de contribuição e de ganho ante as coletividades. Denotam a convicção que a partilha de informações por meio de ações individuais criam um conglomerado de conhecimentos que podem gerar novos conhecimentos coletivos. Tais apontamentos podem ser mais bem compreendidos na transcrição de ACZ: *“Por exemplo, tem alguma coisa que a gente não sabe, você vai lá e pergunta, várias pessoas podem aparecer e te passar informações que você não conseguiria sozinho. Essa pessoa ajuda você e várias pessoas e quando ela precisar sabe que pode contar com os outros”*.

Os participantes da pesquisa acreditam que as atitudes comunitárias promovem benefícios mútuos que podem alicerçar ações diversas em várias situações. Contatou-se que existem muitas interações e que todos conseguem tirar proveito em assuntos relacionados ao ambiente de estudo e classificam isso como ganho coletivo. Entendem, ainda, que em muitos setores da sociedade a organização em rede em que realmente as interações estejam presentes, as ações coletivas podem perdurar e contribuir para o desenvolvimento social.

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da existência humana, o comportamento dos indivíduos em relação aos meios de comunicação e compartilhamento de informação foi se alterando em decorrência de suas vivências e das transformações sociais, culturais e tecnológicas. Uma das grandes revoluções assistidas nos últimos tempos foi o crescimento exponencial do uso da tecnologia no cotidiano da sociedade. A Geração Z é parte integrante desse novo modelo de sociedade, agrupada nos espaços virtuais e disposta a ficar por dentro dos acontecimentos a sua volta, assim que eles aconteçam.

O cenário que se apresenta neste trabalho, ao passar pelo acesso e compartilhamento de informações, pelas práticas individuais e sociais de sujeitos familiarizados com dispositivos móveis e suas possibilidades de interação, podendo transformar hábitos e criar novas visões ante as plataformas infocomunicacionais, parece caracterizar e moldar os indivíduos pertencentes à Geração Z. Condutas que podem evidenciar os anseios, preocupações e cultura no percurso existencial das vivências diárias dessa Geração, também se comprovam nesta pesquisa.

As redes sociais, baseadas nos ambientes virtuais, dinamizam o sentido de relacionamento e apontam para novos constructos coletivos alicerçados, principalmente, no interesse em não apenas “fazer” parte, mas “ser” parte das ações. É nesse sentido que as plataformas potencializam os convívios sociais, mas não determinam os caminhos a serem percorridos pela Geração Z, uma vez que a intencionalidade é contemporânea nas relações desse grupo específico de pessoas.

No presente trabalho, buscou-se investigar a participação da Geração Z nas plataformas infocomunicacionais e as ações decorrentes do compartilhamento da informação. Na primeira fase da pesquisa, com a utilização da ARS, averiguou-se como os adolescentes pertencentes à Geração Z estão presentes nas plataformas tecnológicas e como acontece o compartilhamento da informação e as interações com o advento de recursos infocomunicacionais. Em um segundo momento, por meio da técnica de Grupo de Foco, pretendeu-se verificar os conceitos e crenças da Geração Z sobre a tecnologia e as ações coletivas decorrentes do compartilhamento da informação em redes sociais.

Os resultados obtidos na primeira etapa da pesquisa em relação à participação dos indivíduos nos ambientes virtuais demonstram que a Geração Z,

mesmo fazendo uso da tecnologia para se comunicar, tem tendência em manter laços fortes de relacionamentos, fazendo o compartilhamento de informações diariamente com seus colegas, tanto em plataformas tecnológicas quanto pessoalmente.

O arranjo em que acontecem os encontros (sala de aula) justifica que os meios de comunicação utilizados não são apenas os baseados em tecnologia digital. O contato pessoal é muito utilizado como forma das trocas de experiências, resultado da peculiaridade da estrutura social em que se formam os grupos. Assim, pode-se concluir que a Geração Z participa ativamente nas plataformas infocomunicacionais compartilhando e se apoderando das informações da rede, além disso, eles valorizam o contato diário como forma de fortalecer seus relacionamentos.

Ainda sobre a participação no mundo virtual, para a Geração Z é difícil entender como a sociedade predecessora fazia para se comunicar sem utilizar a tecnologia digital. Para eles, o uso das plataformas infocomunicacionais se tornou um hábito, algo natural e contemporâneo que lhes proporciona ficar sempre em contato com integrantes das suas redes sociais e a par dos acontecimentos, instantaneamente.

Esse contato constante é classificado pela Geração Z como fator primordial para fortalecer os relacionamentos. Nesse sentido, percebe-se que a urgência das informações e a manutenção dos vínculos é que alimentam a participação dessa geração nos ambientes virtuais. É a partir disso que se podem explicar as migrações constantes entre as plataformas e dispositivos, pois os instrumentos tecnológicos são encarados apenas como facilitadores desse processo e não como extensão do corpo, como alguns autores acreditam. O que lhes causa o sentimento de medo diante do possível estado de “desconexão” são as possibilidades de se tornarem sujeitos mal informados e permanecerem distantes das pessoas.

Pode-se destacar que determinadas plataformas expõem uma vida de ostentação que muitas vezes não reflete a realidade. Outra constatação é que as propagandas nesses meios podem direcionar o usuário a determinados assuntos. Em contrapartida, há o entendimento de que os ambientes digitais podem também contribuir para o desenvolvimento de algumas habilidades, assim, cabe ao indivíduo determinar como se dará o uso da plataforma. Embora encontrem dilemas em

relação à participação nestes ambientes, os participantes da pesquisa são convictos em afirmar que a tecnologia auxilia e agiliza o compartilhamento de informação.

A respeito do compartilhamento de informação do âmbito das plataformas, o estudo demonstrou que 75% dos participantes da pesquisa não fazem distinção sobre o conteúdo de informação a ser compartilhada. Quando recebem alguma informação, não têm o costume de verificar a que assunto se refere aquele compartilhamento, entretanto os maiores índices de partilha informacional dizem respeito a “humor”, em primeiro lugar, e a “estudo”, em seguida. Referente ao mapeamento das interações em rede foi possível observar que 65% dos integrantes da Geração Z, nesta pesquisa, sempre compartilham as informações que recebem, mostrando que essa é uma geração em constante interação com seus colegas da rede social.

O trabalho permitiu a reflexão sobre o entendimento de que a Geração Z, aqui pesquisada, visualiza a internet como um “mundo de possibilidades” onde é possível encontrar todo tipo de conteúdo, entretanto demonstram dificuldade em diferenciar as informações que procuram, mas na maioria das vezes preservam o hábito de compartilhar o que encontram. Há ainda a indicação de certa dicotomia por parte dos pesquisados sobre a caracterização de contato pessoal percebida neste estudo. Esse tipo de relação foi geralmente apontada com maior serventia no fortalecimento das amizades do que para troca de informações.

Outro ponto a ser destacado diz respeito à singularidade de classificação dessa geração ante os aspectos particulares de cidade pequena de interior. Há certa discrepância entre o que se encontrou como característico da Geração Z, baseada em países ou mesmo em regiões do Brasil muito mais desenvolvidas, e o que apontou este estudo. Em cidades menores, onde a tecnologia é implantada de forma gradativa, diferentemente dos grandes centros, percebe-se certa demora por parte dos integrantes da pesquisa em poder usufruir plenamente dos avanços tecnológicos. Por isso, os indivíduos categorizados aqui como pertencentes a essa geração possuem peculiaridades inerentes à região que habitam, mostrando que o acesso e adaptação ao mundo digital e virtual em suas vidas, também aconteceu aos poucos.

Existe diferenciação entre o que a Geração Z considera como informações importantes, para as quais são dispensadas atenção, e informações corriqueiras, muitas vezes nem lidas. Informações que recebem atenção têm maior possibilidade

de serem compartilhadas. O compartilhamento de informações de cunho recreativo é bastante presente nas redes sociais dessa geração, muito em razão de manter, estreitar as amizades já conquistadas e adquirir novos conhecimentos, postura percebida como benefício do ato de compartilhar. As práticas de troca de experiências em redes sociais são inerentes à sociedade atual e podem ser fontes inspiradoras de mobilizações e ações coletivas.

Os resultados mostram que a configuração de rede peculiar, nesta pesquisa, possibilita os contatos pessoais, mas a Geração Z se preocupa em manter este tipo de relacionamento por considerar que eles perpetuam os laços dos relacionamentos virtuais. As redes sociais intensificam os relacionamentos, mas não os tornam efetivos. As interações acontecem geralmente com pessoas que consideram ter maior empatia. O conceito de redes sociais, nesta pesquisa, foi categorizado pelos participantes como os vínculos em que realmente acontecem as interações e não somente o fato de possuir a relação com alguém nas diversas plataformas.

Sobre a análise das ações conjuntas advindas do ato de compartilhar informação na rede, cerca de 65% dos participantes confirmaram que participam efetivamente de ações coletivas propostas pelo grupo e que não fazem distinção se elas são de “lazer”, de “melhoria dos ambientes” em que vivem ou outro tipo de mobilização qualquer. Dessa forma, parece ficar mais fácil planejar algumas ações de grupo (dentro do *campus*, por exemplo), pois o estudo aponta uma predisposição da Geração Z em atuar em prol do bem coletivo.

O alcance do compartilhamento das informações propiciado pela tecnologia é considerado muito relevante, mas é importante salientar que os integrantes desta pesquisa apontam que a coletividade nasce principalmente do interesse de participação nas ações conjuntas e que eles prezam muito o fato do envolvimento perante as realizações do grupo. Diante disso, evidencia-se que a participação dos indivíduos nas mobilizações confere-lhes sentimento de importância diante dos colegas, destacando o papel do ser humano frente às tecnologias, pois o comprometimento do sujeito depende do interesse ante os movimentos coletivos. Dessa forma, percebe-se que as redes sociais e ações conjuntas dependem efetivamente da ação humana e não da evolução tecnológica.

As fundamentações das proposições de ações conjuntas precisam estar bem embasadas para que despertem o interesse dos integrantes de uma rede social em participar dessas mobilizações de grupo. A valorização das pessoas realmente

ativas nas práticas sociais agrega intensidade ao movimento e as reflexões coletivas dão sentido à união e fortalecimento do grupo. O sentimento de “fazer parte” tem o poder de transformar o sujeito singular em indivíduo plural, “integrante” e não apenas “participante” da rede.

Em se tratando especificamente do IFPR campus Jacarezinho, a reflexão é que os integrantes da Geração Z não se prendem às plataformas. É preciso que os diversos setores da instituição estejam em constante interação para perceber quais são os meios que eles utilizam para compartilhar informação. A Geração Z mostra comprometimento em assuntos que julgam interessantes, por isso se faz necessário apresentar argumentos concretos para que possam dar continuidade às ações conjuntas propostas pelos docentes ou outros departamentos do estabelecimento.

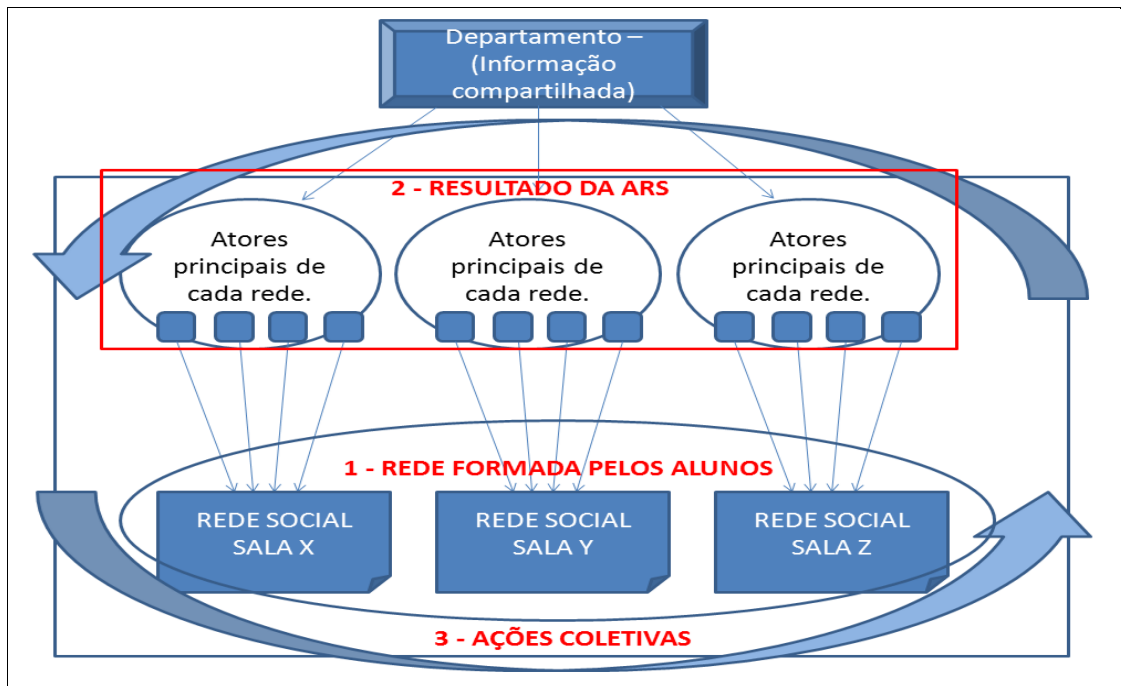
Algumas reflexões demonstram que é preciso segmentar os tipos de informações tratadas com essa geração para que eles consigam visualizá-la como assunto importante. Da mesma forma é interessante unir indivíduos com maior relevância nas redes sociais em novos grupos para que as ações coletivas possam ter sequência. Acredita-se que esses membros poderão atingir um número considerável de pessoas dentro da rede fazendo com que as ações se realizem. Nesse sentido, a ARS se apresenta como ferramenta pertinente, pois consegue fornecer subsídios relevantes dos padrões de relacionamentos em redes sociais formadas pela Geração Z.

Os resultados obtidos com a aplicação da ARS pode ajudar no planejamento das ações infocomunicacionais por parte dos núcleos pedagógicos ou outros departamentos dentro do IFPR. Na Figura 8 propomos um modelo de como as organizações das redes sociais podem ser aproveitadas para que as ações conjuntas tentem obter sucesso.

Propõe-se que a cada período letivo seja feito um estudo por algum departamento ou grupo de colaboradores com o intuito de encontrar os atores principais das redes sociais de cada sala. Em seguida, de posse dos resultados da ARS, faz-se necessário iniciar um trabalho de conscientização do papel e função de cada ator em suas devidas classes, de modo que sejam agrupados por meio dos encontros propostos e através dos prováveis relacionamentos formem uma nova rede social. Esse novo grupo será organizado de forma que possa receber informações compartilhadas pelas seções da instituição que deseja utilizar-se desse

método, diminuindo consideravelmente o número de contatos que cada setor deve manter para atingir um número expressivo de alunos.

Figura 8 – Modelo de ações infocomunicacionais



Fonte: o próprio autor

Nessa nova rede deverão ser compartilhadas informações que possivelmente serão consideradas importantes pelos integrantes (diferenciação de classificação de importância das informações já vista nesta pesquisa). Assim, esses atores encarados como principais ou influentes nas redes das salas pesquisadas terão a possibilidade de organizar e compartilhar as informações recebidas aos contatos da outra rede social. Parece-nos uma maneira eficaz de fazer com que as ações coletivas tenham prosseguimento. Salienta-se que parece bastante apropriado atuar incessantemente na tentativa de sensibilização desse novo grupo sobre a importância das ações e não somente nas propostas de ações, pois ficou evidente neste estudo que despertar o interesse é primordial para que as ações coletivas possam ter sequência.

Parece também necessário monitorar, regularmente, as atuações dos integrantes da Geração Z para identificar em qual plataforma eles estão presentes, já que para esta geração a mudança pode ocorrer a qualquer momento e estarem conectados ao mundo digital é corriqueiro e habitual. É preciso tentar dividir e talvez classificar os agrupamentos como forma de atuar somente nos conjuntos onde os

assuntos sejam considerados realmente de interesse. Como as informações que recebem são muitas, se o compartilhamento for feito em grupos que recebem todos os tipos de informação, eles simplesmente não irão fazer a leitura.

Importante mencionar que a Geração Z aparentemente não percebe todas as possibilidades que as formações em redes sociais podem proporcionar, por isso, torna-se necessário desenvolver um trabalho específico, talvez mostrando casos de sucesso que nasceram nessas plataformas de forma endógena e foram se edificando, tornando-se ações reais e contribuindo de alguma forma para a sociedade local. Para facilitar a assimilação por parte dos alunos, talvez seja preciso atuar especificamente na intenção de entenderem não apenas o poder da tecnologia e da formação em redes, de forma que se possa despertar a percepção de que as mobilizações e ações concretas são realmente possíveis de acontecer.

Alguns resultados encontrados na pesquisa podem ser destacados em função das perspectivas sociais contemporâneas sobre os integrantes da Geração Z. Os participantes deste estudo parecem se preocupar de forma relevante com os relacionamentos em que o contato pessoal ocorre, contrapondo algumas definições de predomínio de relações apenas em bases tecnológicas. Embora as redes sociais digitais sejam entendidas pelos pesquisados como fontes interessantes para o compartilhamento de informação, destaca-se que os vínculos considerados “laços fortes” parecem perpetuar-se justamente pelos encontros pessoais.

Em tempos em que as plataformas infocomunicacionais parecem bastante utilizadas e acessíveis, o grupo da Geração Z investigado exalta a importância dos contatos pessoais, conduta que pode ser considerada louvável pelas gerações antecessoras. Entende-se que os participantes do estudo ainda consideram relevante esse tipo de convívio social, o que pode apontar para a percepção desses sujeitos de que a tecnologia é parte da sociedade, mas não é imprescindível, e que não é o ser humano que se submete à máquina e sim a tecnologia que deve sujeitar-se ao homem. Alguns valores em relação à convivência em comunidade, aparentemente ainda estão presentes nessa juventude, o que pode até surpreender alguns cépticos.

Outro fator relevante apontado no estudo diz respeito à distinção, pelos participantes da pesquisa, do que vem a ser informação importante. Os investigados parecem sujeitos aptos a discernir entre o que merece ou não atenção, revelando senso crítico em relação às informações compartilhadas. Acredita-se que essa

aptidão pode ajudar esses indivíduos em diversos contextos, pois demonstram ser capazes de qualificar o fluxo informacional de suas redes sociais.

Um aspecto que também merece apreciação vem da conscientização dos integrantes da Geração Z, representados pelos alunos participantes do estudo, em relação às ações coletivas. Há que se destacar que essa geração parece não ser levada a simples pensamentos de mobilizações. Para que exista realmente envolvimento é preciso que eles sejam “convencidos”, que as propostas estejam bem alicerçadas e se consiga despertar o sentimento de união. Dão importância quando participam, efetivamente, das mobilizações e não apenas quando são coadjuvantes. Mais uma conduta significativa dessa juventude que pode demonstrar a capacidade de questionamento e reflexão da Geração Z.

Ainda há muito a ser pesquisado sobre a Geração Z, mas uma das limitações em relação à classificação sociológica encontrada neste estudo vem do fato de se perceber que os integrantes da pesquisa não se julgam pertencentes a essa geração. Isto pode ter ocorrido pelo fato da categorização das gerações ser baseada nos países mais desenvolvidos. No Brasil talvez essa classificação não reflita o enquadramento percebido no presente trabalho, dada a dicotomia de desenvolvimento entre as metrópoles e cidades menores.

Estudos futuros podem trabalhar com a perspectiva de buscar uma identificação própria das gerações sociológicas no Brasil, classificação esta que pode distinguir as Gerações entre capital e interior, como forma de contribuir para o entendimento distinto dos indivíduos em localidades diferentes. Entende-se que a generalização das diversas gerações sociológicas pode não ser um procedimento adequado em pesquisas que busquem especificidades de seus integrantes. Parece relevante que as reflexões sejam balizadas levando em consideração o contexto em que o estudo acontece.

Outra investigação a ser realizada pode se amparar na Figura 8 (Modelo de ações infocomunicacionais) com foco na utilização da ARS e desenvolvimento das etapas do modelo apresentado, com vistas a medir a efetividade das ações coletivas propostas em redes sociais endógenas, presentes nos mais variados tipos de organizações, inclusive em instituições de ensino.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007. 12 p. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>>. Acesso em: 08 jul. 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BARROS, Aidil de J. P. de; LEHFELD, Neide A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARROS, José Cláudio da C. Semeando idéias, colhendo aprendizagens: a sistematização de práticas sociais. In: MARTELETO: Regina M. STOTZ, Eduardo N. (Org.). **Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré**. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2009. p. 107-120.
- BORGATTI, Stephen; EVERETT, Martin; FREEMAN, Lin. **UCINET 6 for Windows: software for social network analysis**. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002. Disponível em: <[http://www.analytictech.com/ucinet6/ucinet\\_5\\_description.htm](http://www.analytictech.com/ucinet6/ucinet_5_description.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2014.
- BORGES, Jussara *et al.* Competências infocomunicacionais: um conceito em desenvolvimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/67/109>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- BORKO, H. Information science: what is it?. **American Documentation**, v. 19, n.1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090190103/pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://designices.com/wp-content/uploads/2011/04/paraentenderasmidiassociais.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- CAMPOS, Claudinei José G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- \_\_\_\_\_. Vivendo redes In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (Org.). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 17-29.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. 8 ed.; tradução de Roneide Vanancio Majer com colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1.

CAVALCANTE, Lídia. E. Mediação da informação, desenvolvimento local e comunidades. In: CAVALCANTE, Lídia. E.; PINTO, Virgínia. B.; VIDOTI, Silvana A. B. G. (Org.). **Ciência da informação e contemporaneidade: tessituras e olhares**. Fortaleza: Editora UFC, 2012.

CERBASI, Gustavo; BARBOSA, Christian. **Mais tempo, mais dinheiro**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

CHAVEZ-TAFUR, Jorge. **Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências**. Brasil: AS-PTA, 2007.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

CRISTIANI, A. La generación Einstein. **Revista de Antiguos Alumnos del IEEM**, Montevideo, v. 13, n. 2, p. 57-61, abr. 2010. Disponível em: <[http://socrates.iemm.edu.uy/wp-content/uploads/2011/generation\\_einstein\\_pdfweb.pdf](http://socrates.iemm.edu.uy/wp-content/uploads/2011/generation_einstein_pdfweb.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2015.

DAVENPORT, Thomas H. Cultura e comportamento em relação à informação. In: \_\_\_\_\_. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 1998. cap. 6, p. 109-139.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.

DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (Org.). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EVERETT, M. G.; BORGATTI, S. P. Extending Centrality In: CARRINGTON, P.; SCOTT, J.; WASSERMAN, S. (ORG): **Models and Methods in Social Network Analysis**. New York: Cambridge Press, 2005.

FERNANDEZ DEL CASTRO, J. L. Juventud: ¿ser quien es? **Ábaco: Revista de Cultura y Ciencias Sociales**, Gijón, v. 4, n. 66, p. 21-67, segunda época, 2010. Disponível em: <<http://www.revistasculturales.com/xrevistas/PDF/72/1393.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

FONTES, Breno A. S. **Redes sociais e poder local**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012.

FREEMAN, Linton C. Centrality in Social Networks: Conceptual clarification. **Social Networks**, v.1, p. 215-239, 1978/79.

GARTON, Laura; HAYTHORNTHWAITTE, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying online social networks. *JMC – Journal of Computer-Mediated Communication*, v.3, n.1, Jun. 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x/full>> Acesso em: 25 abr. 2015.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço do Letramento Informacional e contexto educacional. In: \_\_\_\_\_. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação/Universidade de Brasília, 2012. cap. 1, p. 25-53. Disponível em: <[http://leunb.bce.unb.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento\\_Informacional.pdf?sequence=3](http://leunb.bce.unb.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento_Informacional.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 02 fev. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANOVETTER, Mark S. La fuerza de los vínculos débiles. **Política y sociedad**, v. 33, p. 41-56, 2000. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0000130041A/24597>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

HANNEMAN, Robert A. **Introduction to social network methods**. 2001. Disponível em: <[http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/Introduction\\_to\\_Social\\_Network\\_Methods.pdf](http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/Introduction_to_Social_Network_Methods.pdf)>. Acesso em: 10 dez 2014.

JEANNERET, Yves. Dispositif. In: **La société de l'information: glossaire critique**. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 50-51.

JEANNERET, Yves; VECCHI, Dardo de. Information. In: **La société de l'information: glossaire critique**. Paris: La Documentation Française, 2005. p. 87-91.

KADUSHIN, Charles. **Understanding social networks: theories, concepts, and findings**. Oxford University Press, USA, 2011.

KLEINBERG, Jon. LIGETT, Katrina. Information-sharing in social networks. **Games and Economic Behavior**, Atlanta, v.82, p. 702-716, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0899825613001401#>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção Trans).

MARCONDES, Carlos Henrique. Linguagem e documento: fundamentos evolutivos e culturais da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p 2-21, maio./ago. 2010. Disponível em <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1019/729>>. Acesso em 05 nov. 2013.

MARCONI, Marina de A. M.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELETO, R.; COUZINET, V. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação**

**& Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2013.

MARTELETO, Regina M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>>. Acesso: em 11 set. 2013.

MARTELETO, Regina M; SILVA, Antonio B. de Oliveira. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 41-49, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2014.

MARTELETO, Regina M; TOMAÉL, Maria Inês. A metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS). In: VALENTIM, Marta Lígia P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 81-99.

MARTELETO, Regina M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.3, n.1, p. 27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/26/56>>. Acesso: em 11 set. 2013.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet Lemos, 1999.

MOURA, A. **Geração móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”**. Portugal: Universidade do Minho, Centro de Competência, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20%282009%29%20Challenges.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria C. F. N.; BÓGUS, Cláudia M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.13, n.3, p. 44-57, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

NUNES, Leiva. **Da classificação das ciências à classificação da informação: uma análise do acesso ao conhecimento**. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Pontifícia Universidade de Campinas, 2007.

PERAYA, Daniel. Mediação e mediatização: o campus virtual. Tradução de Rodrigo Munhoz. **Hermès**, 25, p. 153-166, 1999. Disponível em: <<http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/14983>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<https://edorigami.wikispaces.com/file/view/PRENSKY+-DIGITAL+NATIVES+AND+IMMIGRANTS+1.PDF>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura.

REQUENA SANTOS, Félix. El concepto de red social. **Revista Española de**

**Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n.48, p. 137-152, 1989. Disponível em <[http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS\\_048\\_08.pdf](http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_048_08.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2014.

ROBREDO, Jaime. Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia. In: Lídia Maria Batista Brandão Toutain: (Org.) **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. 242 p.

ROCKENBACH, Bettina. SADRIEH, Abdolkarim. Sharing information. **Journal of Economic Behavior & Organizatio**, Atlanta, v.81, n.2, p. 689-698, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167268111002587#>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

RODRÍGUEZ SEGURA, Enrique; PELÁEZ GARCÍA, Miguel Angel. La convivencia de diferentes generaciones en la empresa: compatibilización y liderazgo integral. In: **International Conference on Industrial Engineering and Industrial Management**, 4., 2010, Donostia-San Sebastián. Anais eletrônicos..., 2010. p. 160-170. Disponível em: <[http://adingor.es/congresos/web/uploads/cio/cio2010/BUSINESS\\_ADMINISTRATIO N//160-170.pdf](http://adingor.es/congresos/web/uploads/cio/cio2010/BUSINESS_ADMINISTRATIO N//160-170.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SALLAI, G. Defining Infocommunications and Related Terms. **Acta Polytechnica Hungarica**, Budapeste, v. 9, n. 6, 2012.

SANTOS, C. F. *et al.* O processo evolutivo entre as gerações X, Y e baby boomers. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO – SEMEAD, 14., São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FEA-USP, 2011. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, 1996.

SCOTT, J. **Social Network Analysis: a handbook**. 2 ed., London: Sage Publications, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TANENBAUM, Andrew S. **Redes de computadores**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TOMAÉL, Maria Inês *et al.* Redes sociais em alimentos funcionais no Paraná: relato pesquisa. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 24, p. 111-138, 2º sem. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518/2924.2007v12n24p111-455.pdf>>. Acesso: em 15 out. 2013.

TOMAÉL, Maria Inês. **Rede de conhecimento: o compartilhamento da informação e do conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro**. 292 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência

da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana R.; DI CHIARA, Ivone G. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2014.

TOLBIZE, A. Generational differences in the workplace. **Minnesota: research and training center on community living**, aug. 2008. Disponível em: <[http://rtc.umn.edu/docs/2\\_18\\_Gen\\_diff\\_workplace.pdf](http://rtc.umn.edu/docs/2_18_Gen_diff_workplace.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2015.

VORIBIYENKO, P.; NIKITYUK, L. Terms and definitions in the area of infocommunication. **TCSET**, Lviv-Slavske, p. 275, 2012. Disponível em: <<http://ena.lp.edu.ua:8080/bitstream/ntb/14374/1/187Terms%20and%20Definitions%20in%20the%20Area%20of%20Infocommunication.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: methods and applications**. New York: Cambridge Press, 1994.

WATTS, Duncan J. **Seis graus de separação: a evolução da ciência de redes em uma era conectada**; tradução André Alonso Machado. São Paulo: Leopardo, 2009.



## APÊNDICES

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Prezados Pais:

Sou aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Estamos realizando a pesquisa intitulada: “Plataformas infocomunicacionais e o compartilhamento da informação: estudo da Geração Z” sob minha responsabilidade, o mestrando Elismar Vicente dos Reis. Nesta pesquisa, seu filho responderá um questionário em formato eletrônico com algumas questões.

O participante da pesquisa não terá custo nem despesa ao aceitar fazer parte deste estudo. Ademais, a resposta a este instrumento não lhe causará riscos conhecidos à saúde física e mental, não sendo provável, também, que cause desconforto emocional. Seu filho foi informado pessoalmente pelo mestrando de que estão garantidos e assegurados o sigilo e o anonimato de sua participação. Os dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos e a divulgação dos resultados ocorrerá por meio da literatura científica especializada.

A aplicação do questionário será desenvolvida no Instituto Federal do Paraná, campus Jacarezinho, e em horário habitual de aula, conforme a conveniência da direção da instituição. É importante lembrar que a participação de seu filho é voluntária e sem nenhum prejuízo, caso não queira participar. Seu filho poderá desistir de participar da pesquisa e retirar o seu consentimento; a recusa dele não trará nenhum prejuízo em relação ao pesquisador, a qualquer outro servidor e nem à própria instituição.

Agradecemos de forma antecipada a sua colaboração e nos colocamos à disposição para o esclarecimento de dúvidas através do telefone (43) 2122-0102 ou e-mail [elismar.reis@ifpr.edu.br](mailto:elismar.reis@ifpr.edu.br). Destacamos, ainda, que o Instituto Federal do Paraná, campus Jacarezinho, recebeu ofício do Departamento de Ciência da Informação da UEL com o pedido de autorização do estudo e permitiu a realização da pesquisa.

**Declaro que entendi as informações contidas neste documento e,**

----- (  ) não autorizo – (  ) autorizo -----

**meu/minha filho(a) \_\_\_\_\_ participar.**

\_\_\_\_\_  
**Nome e assinatura do responsável**

## APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

|  |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|
| <p><b>Nome:</b> _____ <b>Gênero:</b> ( ) M ( ) F <b>Turma/Curso:</b> _____</p> <p>Por necessidade metodológica da Análise de Redes Sociais (ARS), no questionário online<sup>1</sup> os participantes da pesquisa serão identificados, porém, essa identificação primária se tornará um código para a manipulação e análise dos dados e em hipótese alguma o nome será publicado em fontes de informação fora do contexto acadêmico do estudo.</p> <p><b>Indique na coluna 1 as pessoas com quem você compartilha informações com maior intensidade e relevância.</b></p> <p><input checked="" type="checkbox"/> No item (e), entenda-se Gerador: o ato de compartilhar uma informação "produzida" por você. Intermediador: se você repassa as informações que recebe. Receptor: você apenas recebe informação. Não esqueça de que a resposta é em relação à pessoa que você indicou.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> No item (d), entenda-se por "ação conjunta" o fato de pelo menos uma vez você ter se reunido com esta pessoa para tratar de um assunto de interesse mútuo.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Nos itens que apresentam a opção ( ) Outro(a), não esquecer de indicar por "escrito" a opção.</p> |   |   |   |   |   |
| Nome   | a) Qual é a frequência com quem você interage com quem você indicou?  | b) Quais os meios de contato que você utiliza com esta pessoa?  | c) Que tipo de informação você compartilha?   | d) Participa de alguma ação conjunta com esta pessoa?   | e) Em relação às informações, geralmente você se considera mais:  |
|  | <input type="checkbox"/> Constantemente<br><input type="checkbox"/> Diariamente<br><input type="checkbox"/> Semanalmente<br><input type="checkbox"/> A cada 15 dias<br><input type="checkbox"/> Esporadicamente | <input type="checkbox"/> Facebook<br><input type="checkbox"/> E-mail<br><input type="checkbox"/> Telefone<br><input type="checkbox"/> Pessoalmente<br><input type="checkbox"/> WhatsApp<br><input type="checkbox"/> Outro _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Gerador<br><input type="checkbox"/> Intermediador<br><input type="checkbox"/> Receptor |
|  | <input type="checkbox"/> Constantemente<br><input type="checkbox"/> Diariamente<br><input type="checkbox"/> Semanalmente<br><input type="checkbox"/> A cada 15 dias<br><input type="checkbox"/> Esporadicamente | <input type="checkbox"/> Facebook<br><input type="checkbox"/> E-mail<br><input type="checkbox"/> Telefone<br><input type="checkbox"/> Pessoalmente<br><input type="checkbox"/> WhatsApp<br><input type="checkbox"/> Outro _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Gerador<br><input type="checkbox"/> Intermediador<br><input type="checkbox"/> Receptor |
|  | <input type="checkbox"/> Constantemente<br><input type="checkbox"/> Diariamente<br><input type="checkbox"/> Semanalmente<br><input type="checkbox"/> A cada 15 dias<br><input type="checkbox"/> Esporadicamente | <input type="checkbox"/> Facebook<br><input type="checkbox"/> E-mail<br><input type="checkbox"/> Telefone<br><input type="checkbox"/> Pessoalmente<br><input type="checkbox"/> WhatsApp<br><input type="checkbox"/> Outro _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Humor<br><input type="checkbox"/> Estudo<br><input type="checkbox"/> Lazer<br><input type="checkbox"/> Gerais<br><input type="checkbox"/> Trabalho<br><input type="checkbox"/> Todos<br>Outro: _____ | <input type="checkbox"/> Gerador<br><input type="checkbox"/> Intermediador<br><input type="checkbox"/> Receptor |

<sup>1</sup> Questionário elaborado e aplicado com a utilização da ferramenta Google Docs.